REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.º 12. — 4.º TRIMESTRE DE 1848.

NOTICIAS GEOGRAPHICAS

DA CAPITANIA DO RIO NEGRO NO GRANDE RIO AMAZONAS,

Exornadas com varias noticias historicas do paiz, do seu governo civil e politico, e de outras cousas dignas de attenção: dedicadas ao Imperador do Brazil o Senhor D. Pedro I pelo conego André Fernandes de Souza.

(Manuscripto autographo offertado ao Instituto pelo socio effectivo o Sr. conselheiro José Antonio Lisboa.)

DEDICATORIA.

Senhor.

Transportado do maior prazer, jubilo e contentamento, tenho a honra de comparecer genuflexo ao suppedaneo do excelso throno de Vossa Magestade Imperial, e busco confiado na incomparavel clemencia e piedade verdadeiramente imperial, de que Deus adornou o elevado espirito de Vossa Magestade, o amparo e protecção d'esta obra, que a minha solicitude emprehendeu, e ordenou o meu trabalho, sem outro fim mais que mostrar a utilidade e proveito que se póde vir a tirar da capitania do Rio Negro, quando chegue a hombrear com as mais provincias do Brazil, e patentear a Vossa Magestade a gloria

que lhe resulta de favorecer e ampliar com os seus imperiaes decretos os interesses temporaes e espirituaes d'aquella capitania. Sempre foi, Senhor, a beneficencia, entre as obras de piedade, a mais illustre e a Deus acceita, porque sómente o nome de *dar* sem mais nada nos diz a Escriptura que é maior bemaventurança, que o *receber* ; porque esta unicamente, entre as acções de piedade e virtuosas, é que póde elevar o homem. Estas considerações, com a certeza de ser Vossa Magestade notoriamente propenso a favorecer a todos os seus vassallos, ainda os mais inferiores e pequeninos, que recorrem ao altissimo asylo de sua imperial protecção, animaram de sorte a minha humildade, que não quiz duvidar se seria ou não bem acceita de Vossa Magestade esta minha obra. Não seria, Senhor, fóra de proposito o tratar e referir a opinião abraçada de todos — de ser o numero dos gentios indigenas do Amazonas sessenta e duas mil almas. Não passando esta opinião de conjectura e probabilidade, avança a minha, pelo menos, a meio milhão, por averiguações que ex-professo fiz d'estes gentios, divididos em differentes tribus, no espaço de trinta e sete annos que me demorei n'aquella capitania exercendo o cargo de parocho, e depois de vigario geral pelo Sr. bispo actual do Pará, então bispo eleito. A' sombra do amparo e protecção que esperamos de Vossa Magestade receberáõ estas tribus o evangelho da paz, em que o Christianismo tem tido nos nossos dias um vagaroso progresso. Vossa Magestade ha de estabelecer, pela sua protecção, um marcial e eterno padrão, como me deixo gostosamente persuadir, em que a posteridade lhe dedique gloriosas inscripções. O motivo que tive de escrever esta obra, não sendo simillhante empreza da minha profissão, foi não ter visto até o presente algum tratado, que désse com bastante individuação e copia noticias d'aquelle paiz, como agora o faço. Digne-se Vossa Magestade, por sua imperial grandeza, de pôr os olhos n'esta obra com aquella attenção que pede a sua materia, e de me permittir que eu tenha a boa fortuna de ser um perpetuo orador das soberanas virtudes de Vossa Magestade, que Deus guarde, como todos os seus vassallos lhe desejam. — *André Fernandes de Souza.*

PROLOGO.

Humano e caritativo concidadão : aos teus olhos e do publico offereço este opusculo, em cuja formação despendi algum desvelo entre as minhas occupações, com o fim unico de te dar gosto. Não é o interesse nem a vaidade o movel que me dirige a escrever as noticias do Rio Negro, que tenho a honra de te offerecer. Não é, torno a dizer, a vaidade de me querer inculcar entre os meus patriotas; é sim o amor da patria, que vejo não só como desprezivel, se não conculcada, e o desejo que sempre tive de ser util, e de desempenhar as obrigações sagradas que qualificam o verdadeiro cidadão, quem me traz a apresentar nas suas beneficas mãos este pequeno esboço, que adquiri ocularmente no espaço de trinta e sete annos, ainda que com debeis idéas de conhecimentos, sem me lembrar que n'elle se devisa o cunho de pequeno e fraco talento : mas genios haverão mais capazes de desempenhar os meus intuitos, que são clarear devidamente o estado utilissimo d'aquella região, que a minha curta vista não poude penetrar, principalmente na mensuração das leguas e numero exacto da população dos habitantes, de que não fiz mais que uma conta approximada, attendida a sua diminuição presente. Digo approximada, porque não tive mappa de população para me guiar senão o antigo; assim não tive meios de o dar com exactidão arithmetica.

Quando o teu genio seja tão escrupuloso, que nem a fórma te agrade, nem a utilidade da materia me valha para escapar á tua austera censura, espero que ao menos attendendo ao referido fim e intento do meu trabalho me recebas com semblante benevolo e animo sincero, pois eu me cansei para te dar allivio e exemplo. Não ignoro comtudo que poderão haver genios tão implacaveis e mal contentes, que nem tenham respeito á esta minha allegada razão; por cuja causa, não ha duvida, muitos engenhos, ornados de grande erudição, deixam de pôr em publico os seus escriptos, que poderiam ser uteis não só á republica das letras, mas ainda á

civil e ecclesiastica, além de temerem a critica severa d'aquelles que nada escrevendo, se oppõem aos escriptos de todos; porém eu d'estes criticos injustos não solicito a benevolencia, nem me é necessario buscal-a, quando todos geralmente abominam o espirito contradictorio d'estes referidos criticos, ou mais verdadeiramente murmuradores e detractores. E assim sómente fallo e dou conta do meu trabalho aos leitores humanos e caritativos, como protestei logo no principio do prologo, e aos engenhos doceis e maduros, de quem com razão espero condescendencia e acceitação para esta obra. O que supposto, quero te dar conta dos motivos que tive, e do mais que na sua textura tenho obrado.

Varias são as razões que me incitaram a emprender este trabalho, que não é da minha profissão, ainda que pela materia da obra me seja mui propria a diligencia com que indaguei e procurei saber tudo quanto diz respeito aos Indios gentios e crioulos indigenas dos sertões do Amazonas, e quanto pertencia ao genio, costumes, religião e naturalidade d'esta gente, que até agora tem sido problema indissolvido, e a localidade d'aquella região; pois occupei muitos annos o cargo de parocho em varias igrejas d'aquella capitania, e depois nomeado vigario geral até agora pelo Sr. bispo do Pará, sendo nomeado bispo eleito então. Declaro-te que não sou o principal auctor das noticias corographicas do Rio Negro, principalmente da sua localidade; tudo quanto ellas contém me foi communicado por um amigo muito instruido na astronomia, o tenente coronel engenheiro Euzebio Antonio de Ribeiros, deputado das demarcações entre Portugal e Hespanha no Rio Negro, a quem devo render sincera homenagem de agradecimentos; e se lhe der o que lhe pertence, pouco me vem a ficar.

Moveram-me porém, como dizia, a offerecer-te as muitas noticias que tenho alcançado duas razões não pequenas, que foi o amor do proximo e o zelo da patria: este me obrigou, e aquella diz o meu animo, para expôr-me a tanto trabalho sobre os das minhas occupações continuas. A caridade do proximo, que nasceu comigo, cresceu e augmentou-se com os annos da minha idade, não póde ficar em

um criminoso silencio; silencio reprehensivel em objecto de tantas consequencias, e que attrahiria sobre mim a maldição de Deus e dos homens, á vista da oppressão e vexames que se tem praticado com os habitantes d'aquelles districtos, tanto brancos como Indios, com tanto estrondo de diminuição da população, que não deixará de enternecer o coração de Sua Magestade Imperial com affectos de compaixão: quanto mais que sendo Sua Magestade popular no Brazil, o minimo facto acontecido nas suas provincias lhe é de summa importancia o saber, e não occultar-se-lhe; mórmente a despopulação de uma provincia que lhe é tão interessante, a a causa de sua total desgraça.

E para te dar informação de tudo o que diz respeito a esta nova provincia repartí o meu tratado em duas partes, e estas divididas em paragraphos para te não cansar a vista. Na primeira descrevo o vasto terreno d'aquella região com todas as preciosidades, raridades e interesses que n'ella ha; e na segunda o genio, costumes e naturalidades dos seus habitantes, e o seu governo politico e militar. E se alguma cousa vires que te agrade do meu trabalho, peço-te humildemente que me encommendes a Deus.

---

1. A providencia do Altissimo, que com incomprehensivel sabedoria creou todas as cousas sublunares, rege e as conserva, fez nobres e celebradas varias regiões com abundantissima copia de fructos e plantas raras: assim vemos a capitania do Rio Negro, novamente erecta em provincia pela condecoração de nomear os seus deputados ás côrtes de Lisboa em 1821, que trazendo á memoria a épocha da sua creação, as preciosidades do seu paiz, os meios faceis para o seu augmento, e a extrema pobreza em que está, se deve considerar pela mais desgraçada de todas as provincias da America Portugueza.

2. Foi fundada por missionarios com titulo de doação, das ordens monachaes que houveram, e de outras que ainda existem

na cidade do Grão-Pará. D'este modo quasi toda composta de gente indiana, assim sahida do seu berço, elevou S. M. El-Rei e Senhor D. José I, de saudosa memoria, as missões a villas e logares governados pelas leis do Directorio, feitas por homens eruditos, que sendo tão appropriadas ao genio dos Indios, a maior parte ainda selvagem, lhes serviu de muito para a sua propagação e prosperidade. Sendo comtudo este methodo de regencia incompativel á sua civilisação e susceptivel de muitos abusos, pois não se viam nas commandancias e directorias senão harpias e sanguesugas da avareza, foi abolido com execração.

3. Se os missionarios eram escandalosos em fazer reverter com demasia em proveito seu e das suas religiões o producto do trabalho dos Indios, não menos eram os directores e commandantes militares. Aquelles utilisavam-se a titulo de fazerem os descimentos á sua custa; estes, está visto, por preces importunas, que eram bastante para subverter a ordem das cousas, com que fizeram gemer os habitantes das villas e logares.

4. Amazonas, rio celebrado por todos os escriptores e avidamente appetecido dos Hespanhóes: de agua branca, caudaloso, magestoso, alegre e sadio. Caudaloso por sua profundidade, pois por elle podem navegar escunas, brigues, até galeras, em seis mezes do anno, até a divisão d'este Amazonas com o Rio Negro. Magestoso por sua largura, que, se não tivesse tantas ilhas, ainda seria mais temivel aos navegantes. Alegre pela numerosa multidão que tem de aves de toda a especie, como gaivotas, garças, araras, papagaios, periquitos, e todos estes de diversas qualidades, que divertem e encantam com a melodia do seu canto. Sadio pela agua que se bebe e ar que se respira.

5. Tem o seu nascimento nos Estados da America Hespanhola, e sua barra no Cabo do Norte, abaixo da praça de Macapá pela parte do occidente, e dista da ponta da Tigioca da parte do oriente 57 e meia leguas, fixando em si a grande ilha de Joannes, que circula com os seus profundos furos de Tajupurú, que dão passagem a qualquer embarcação que não seja de alto bordo em toda a estação do anno.

Provincia do Rio Negro.

6. Não posso eu mesmo aspirar a preencher a vasta extensão do meu assumpto, e decifrar pelas luzes obscuras da minha fraca razão o que poderiam vir a gozar de riquezas e de delicias os habitantes da provincia do Grão-Pará se a do Rio Negro, favorecida dos magistrados, estivesse em sua prosperidade, porque é verdadeiramente emanação sua e parte integrante.

Principia o seu districto, em que se divide do Pará, desde os Parintins, que é registo e destacamento militar, sito na planicie de um alto monte com bella vista, com algumas casas cobertas de palha que servem de armazem, até confinar com os Estados da America Hespanhola.

7. Sendo toda a extensão d'este opulento Amazonas e dos mais rios seus adjacentes vestida de soberbas florestas, tanto as varzeas baixas como as partes altas, offerece a prodiga natureza ao habitador um thesouro nas suas abundantes e preciosas madeiras, não só capazes de construcção, senão madeiras finas, das quaes a maior parte ainda são desconhecidas, e outros vegetaes quasi innumeraveis, assaz nunca observados por algum perfeito conhecedor, que offerecem á physica e á chimica milhares de productos perfeitamente ferteis, já nos seus succos nutritivos, já em seus fragrantes aromas e balsamos tão finos como delicados. Sem embargo de virem em 1819 os doutores coronel João Spix e tenente-coronel Carlos Martius, ambos membros da academia de Munich, por mandado do soberano, occuparem-se n'esta analyse, em abono da verdade devo dizer que parece não satisfizeram o meu gosto, por não penetrarem as matas, mas só as capoeiras em redor das povoações, aonde se não descobrem senão vegetaes insignificantes, pela pressa com que estavam.

8. Não descreverei aqui a vastidão do terreno que os rios cortam com os seus multiplicados braços, e que facilitam a navegação do interior; só noticiarei dos mais conhecidos rios navegaveis em todas as estações do anno: como tambem innumeraveis lagos centraes, a

maior parte ainda desconhecidos dos homens brancos, que são outros tantos viveiros de peixes, caças e aves, não descreverei por seguir uma escripturação laconica.

9. A distancia dos Parintins, que está á margem austral, até Villa Nova da Rainha, é de quatro e meia leguas. Foi fundada esta missão por José Pedro Cordovil em 1786 com o nome de Villa Nova da Rainha, composta de gentios Sapupés e Maués, e depois accrescida sua população com os gentios Paraviana e Uapixana, trasladados das povoações da Conceição, Santa Maria Velha e S. Felippe do Rio Branco pelo Sr. Gama, por terem perpetrado a morte de dous soldados de infantaria, e até agora ficaram as ditas povoações despovoadas.

10. Villa Nova da Rainha está á mesma margem austral, em uma bella planicie, que é missão até agora, em que está o quartel dos commandantes de registos. O sitio não só é capaz de ser uma grande villa, senão uma cidade populosa pelo terreno alto e enxuto. Seus portos do mesmo modo admittem a construcção de um bello arsenal. Sua população, a que se tem unido grande numero de familias brancas, é de 1,700 almas, que se occupam nas fabricas dos tabacaes e outros plantios, como cacoaes e cafezaes. A sua igreja, com a invocação de Nossa Senhora do Carmo, com bons ornamentos, necessita de reparo, e d'ella é missionario o reverendo Fr. José Alves das Chagas.

11. No intervallo dos Parintins e Villa Nova, á mesma margem austral, fica o primeiro furo do rio Madeira, denominado Tupinambaranas. Este furo tomou o nome dos Indios Tupinambás, dos quaes houve uma grande aldêa no lago chamado Uaycurapá, que fica dez leguas acima da sua barra, á parte oriental, como se deixa ver pelos monumentos do sitio, que são os fragmentos de louça; de cujas reliquias pretendem os Indios d'este Estado derivar o seu idioma privativo, que elles chamam sua lingua vernacula. E com effeito entre os crioulos d'este Estado é geral, por cujo motivo me foi necessario aprendel-a, sendo parocho no Rio Negro, para poder confessar, principalmente as Indias, que não sabiam a lingua portugueza.

12. Não devo abonar de infallivel a asserção da tradição d'ella; comtudo persuado-me que se não póde desprezar sem temeridade um facto revestido de todas as verosimilidades, uma tradição attestada e conservada entre elles todos por participações dos seus maiores; pois não consta que nação alguma, em seu idioma expressivo, anteponha os genitivos aos nominativos; como quando dizem—Mãi de Deus—*Tupána* (Deus) *maya* (mãi). Os pronomes eu, tu, elle, *iché*, *indé*, *ahé*. Os adjectivos d'estes mesmos são: *sê*, *nê*, *i*. Algumas vezes a pronuncia aspera, outras suave. O ponto de admiração é com *i* vogal, e o nome substantivo *agua* com *y*: um profere-se na bocca, outro nas guelas.

13. Note-se de caminho, que sendo uso nos escriptores que descrevem geographicamente o terreno de qualquer paiz sempre principiarem a descrevel-o do nascimento e origem dos rios, não me é n'isso possivel imital-os, e principiarei a descrever onde acaba a comarca do Pará no Amazonas e principia a do Rio Negro, que são os Parintins. D'este modo continuarei marchando rio acima.

14. A viagem deve fazer-se por esta mesma margem austral, por evitar os caldeirões que estão em outra margem opposta; e vencidas quatro leguas, se chega ao furo superior de Tupinambaranas. D'este, ou pouco mais acima, se deve atravessar o Amazonas, por não navegar uma margem insipida, cheia de ilhas e correnteza, e em rio vasio de muitas praias, e buscar a parte do norte até Cararaucú, que são umas barreiras de terra vermelha. D'este sitio principiam os moradores da villa de Silves a terem seus cacoaes, cafezaes e tabacaes, e d'aqui tambem principiam as praias em que desovam as tartarugas de agua doce, mui saborosas na comida.

15. Estas, nos principios de Agosto, Setembro e principios de Outubro, conforme a ordem da Providencia, se ajuntam nas praias para se multiplicarem, sahidas dos lagos e matos baixos; vão ao fundo em tempo de cheia, e se nutrem de hervas e fructas annualmente. Nos dias de sol quente sobem ás praias a enxugar-se (dizem, para fecundar os ovos), e depois voltam ao rio pela volta da tarde. Nos fins de Outubro sahe a tartaruga-mestra, que é uma

d'ellas, a ver o terreno da praia mais enxuto aonde ella e as mais hão de pôr os ovos, a que chamam taboleiro. Cada uma de per si faz a escavação no terreno assignalado, de quatro palmos de fundo, pouco mais ou menos, e com o rabo fórma uma semelhança de panella na arêa já movida pela escavação, em que deposita os seus ovos, em numero de cento e setenta e cento e noventa, conforme a grandeza d'ella; e depois de os cobrir muito bem, calcando o ninho com o peito, no outro dia ou no mesmo, com o movimento da arêa pelos ventos, já se não conhece que alli hajam ovos. Conhece-se em uma praia o logar do taboleiro pelos altos e baixos, pois jámais fica no nivel em que a vasante do rio a deixou.

16. D'estes ovos se servem os habitantes e muitos concorrentes da comarca do Pará para a fábrica de manteigas, mui excellentes para tempero da panella e para a luz; dos quaes fabricam-se annualmente muitos milhares de potes, que faz accrescer as finanças da provincia com os dizimos. Apezar de ser uma praia mui bem vasculhada dos ovos, no meiado de Dezembro principiam as tartaruguinhas a sahirem das cascas, tão espertas e ligeiras a buscarem o rio que custa a apanhal-as. Sahem das covas na escuridade da noite por evitarem de serem comidas das aves, como o corvo, jaburú, tujujú, garça e outros. Porém não evita o seu instincto natural de serem comidas dos peixes, que estão nas margens á espera d'ellas. São saborosas, porém é preciso comer-se uma duzia d'ellas para ficar satisfeito. Esta narração exotica era escusada porque todos a sabem, principalmente os que tem subido ao Rio Negro. Escrevo-a por curiosidade.

17. É cousa admiravel a quantidade de peixes grandes e pequenos que encostam n'estas barreiras do Cararaucú nos mezes de Agosto, Setembro e Outubro, em que os grandes comem os pequenos que acabam de sahir dos lagos com a vasante do rio. Nos lagos d'este districto é que se acha e apanha o *peixe-boi* de manteiga ou de azeite, o qual só differe dos ordinarios no tamanho. Ha peixes d'estes que rendem vinte e mais potes de azeite. Tem tanta gordura ou toucinho que quasi se lhe não percebe carne, e são mais saborosos que os outros ordinarios. Tambem ha tradição que um pescador da

villa de Obidos apanhou n'este mesmo districto um, de que tirou quarenta potes justos de azeite.

18. De Cararaucú se costeia ao mesmo norte, e vencidas quatro leguas se chega ao rio Uatumá de agua preta. Suas margens são terras firmes, e n'ellas existe muita madeira fina e de construcção. Boas terras de lavoura e bons portos e praias de arêa branca. Dez leguas por elle acima estão os rios Jatapú e Capucapú, tributarios ao Uatumá com as suas aguas. Este ao nascente e aquelle ao poente, e todos elles derivados das serras que formam a cordilheira ou cadêa da Guyana.

19. Todos estes rios são abundantes de páo-cravo, e os seus centros habitados de muitas nações gentilicas. As mais conhecidas são Aruaquís, Terecumá, Seday e Pariquí. Parte d'esta tribu ultima tem povoação na barra do dito Jatapú. Os seus principaes tem-se empenhado por um sacerdote para seu missionario com as auctoridades civis e ecclesiasticas; o que não tem conseguido por falta de ministros n'aquella provincia.

20. Duas leguas acima da barra d'este está uma ilha no meio do rio, aonde tem uma legua de largura, que serve de dormitorio aos papagaios bravios, que se matam a cacete e se apanham á mão como mansos. Não me mereceu primeiramente isto credito, por me parecer impossivel apanharem-se d'este modo umas aves tão ariscas e tão extensas no vôo; mas eu mesmo apanhei e matei. Estando esta pequena ilha distante de parte a parte dos dous lados, em que de tarde se ajuntam paulatinamente os bandos, ás seis horas, quando já com o seu vôo não podem vencer a terra dos lados, se deixam ficar como mansos.

21. Sendo innegavel que o Amazonas seja em tudo tão fertil, aprazivel e abundante, e as suas terras quer varzeas ou altas tão fecundas e productivas para todo o genero de plantio, é por contradicção abundantissimo de varios insectos que affligem o homem, como são carapaná, mutúca e piúm. O primeiro só de noite, e os dous ultimos só de dia. Comtudo o primeiro, havendo a providencia de ter casas fechadas para dormir, e os ultimos havendo cobertura, pouco damno fazem ao corpo. Estes insectos não se estendem mais que

nas margens do Amazonas; ja nos rios filiaes, lagos e matos retirados se não sentem: esse foi o motivo porque os antigos missionarios fundaram as aldêas em rios de agua preta.

22. Navegando da barra do Uatumá oito leguas está o furo do Saracá, que sahe ao Amazonas, e ao lado fronteiro d'este furo fica o furo terceiro do rio Madeira com o nome de Maués, por onde tambem se póde entrar no rio d'este nome. Antes da sua entrada fica a praia dos Ramos, e mais abaixo a do Bejuaçú, em que desovam as tartarugas. Querendo-se ir a Silves, que está á mesma parte do norte, se entra pelo furo Saracá, que é bocca de dous lagos grandes chamados Canacaré e Macuará, e depois de passadas quatro leguas se chega a Silves.

23. Villa de Silves, situada em uma ilha grande e alta, rodeada de lagos de agua preta e distante do Amazonas quatro leguas, abundante de peixes e aves. Sua igreja, espaçosa e coberta de telha, porém muito destituida dos ornamentos sagrados. Sua invocação é o mysterio da immaculada Conceição, e o seu parocho é o reverendo Fr. Elias, religioso carmelita. Seus edificios são menos máos, com a população de 1,800 almas, que subsistem dos seus tabacaes, cacoaes, cafezaes e salgas de peixe. Tem dous furos que sahem ao Amazonas, além do mencionado Saracá, que communicam com Serpa.

24. Um dos grandes lagos em que está situada a villa de Silves é o Macuará, indicado no § 22: tem o furo chamado Arauató, que sahe ao Amazonas duas leguas acima da villa de Sérpa. N'este furo desaguam os rios Anibá e Oruby. Este célebre pela populosa aldêa que em outro tempo teve das nações Aruaqui e Pariqui, administrada pelos religiosos mercenarios; e se extinguiu fugindo os Indios seus habitantes, depois de matarem o seu missionario, o reverendo Fr. João das Neves, animados do espirito de rebelliāo e a impulsos da sua natural inconstancia na firmeza da sua fidelidade. O resto se encorporaram á villa de Silves, em que ainda existe a sua posteridade.

25. Dizem todos estes Indios que este rio desce tambem dos montes da cadêa ou cordilheira da Guyana, e que das fontes d'este mesmo dizem haver outro, que desagua na costa do Suriname.

Tambem é constante serem os seus centros habitados da nação Aruaquí. N'este rio e do Uatumá é onde se cortam as madeiras finas pintadas a que chamam *Myra-pinima*, de que se fazem aceiados e esplendidos catres, commodas, cadeiras e mais obras fabrís.

26. Do furo Saracá, no § 22, se ha de vencer oito leguas até á villa de Serpa, sita á margem do Amazonas e á mesma parte do norte, em um sitio a que chamam Itáquatiára, que quer dizer em portuguez *Pedras pintadas*. Com effeito estas pedras, que são lages mui grandes, tem pinturas como feitas á mão, porém são naturaes. O terreno da villa é espaçoso, em que se póde fazer uma villa populosa. Aqui tiveram os padres Jesuitas uma pequena igreja, ornada de muita prata, que se mudou dos Abacaxís. Dizem os Indios antigos que enterraram as alampadas e os castiçaes, que eram muitos, e só deixaram um crucifixo grande, talvez por ser unico; porém ignora-se o logar aonde enterraram. A igreja que agora existe está meia acabada com cobertura de palha, que causa aos moradores suóres para a cobrirem de tres em tres annos; a sua invocação é Nossa Senhora do Rosario, e o seu parocho interino é o reverendo Nuno Alves do Couto. Apezar de ser, como disse, o terreno bonito, os edificios são insignificantes, á excepção de poucos. Sua população é de 800 almas. Subsistem estes moradores dos seus tabacaes, de manteigas que fabricam e salgas de peixe.

27. Em distancia de duas leguas de Serpa está o furo do Arauató, indicado no § 24, e defronte d'este furo está o grande rio Madeira na margem opposta, em 3 gráos e 25 minutos austral, que desce do sul ao norte. Os rios Beni e Inym, que confluem no Mamoré, formam o verdadeiro rio Madeira. Na sua margem oriental desaguam os rios Aripuâna, Mataurá, dos Marmellos, Arara-paraná, Unicoré, Uruponí, Giparaná e Jamarí. E á parte do sul Guatazes, Matupirí, Capaná, Uarapirá, Carapanatuba, e outros muitos riachos e lagos que todos n'elle confluem, e lhe são tributarios com as suas aguas.

28. Todas as suas margens, e de seus filiaes, são cacoaes de natureza. Tem muita salsaparrilha e páo-cravo. As nações gentilicas

que n'elle habitam são: Arára, Marupá, Pama, Turá, Matanay, Urupá, Tucumá, Mauí, Cauripúna, Yuquí, Yauariteuára e Mura. Devemos confessar que o rio Madeira, sem contradicção, não está descoberto senão na superficie das suas margens, e não dos seus adjuntos. Desde seu descobrimento pelo major João de Souza, que facilitou a communicação do Pará com Mato-Grosso, por este rio sempre houveram hostilidades e perigos da parte do gentio Mura; e de mais a mais as carneiradas de sezões, que dá nos que não estão habituados ao clima, como prova o pouco progresso que tem tido a colonia do Crato, prova a minha asserção; e por consequencia ignora-se as raridades e preciosidades que n'elle póde haver. Sem embargo de ter feito por elle o Dr. Alexandre naturalista a sua derrota ao Mato-Grosso, cujo resultado até agora ignoramos, analysaria as suas margens, e não dos seus filiaes.

29. A agua d'este rio é branca como do Amazonas, mui abundante de peixes e de insectos de carapaná. Não é largo, mas fundo e de correnteza precipitada; de modo que a viagem que se faz em dez dias por elle acima, se faz para baixo em vinte e quatro horas. Em distancia de trinta leguas da sua barra está a villa de Borba, á margem oriental, em uma planicie agradavel e saudavel. Os seus edificios, pela maior parte cobertos de palha, são bons. Sua igreja com a invocação de S. Antonio de Padua, coberta de telha, boa e espaçosa com bons ornamentos. Agora está vaga de parocho. Foi populosa em outro tempo; agora está despovoada de Indios e Indias, pela requisição dos serviços reaes, pois apenas conta na sua população mil almas, a maior parte moradores brancos. Estes subsistem da fabrica dos tabacos, cafés, manteigas, salgas de peixe e cacáos colhidos nos cacoaes, que naturalmente crescem.

30. Na margem oriental, entre a sua barra e a villa de Borba, fica o furo indicado no § 12, em que desaguam os rios Maués, Canumá e Abacaxis. Os seus centros são habitados de varias tribus gentilicas de differente linguagem. Os mais conhecidos são: Sapupé, Turucú, Caripiá, Mandurucú e Parintintim, dos quaes só o Parintintim é anthropophago, com a cara e pulsos riscados de preto, que é

a divisa da sua nação. São aborreciveis d'estas mesmas nações, que os tem por escravos, talvez por serem comedores de carne humana. Dizem que são immensos no centro do seu domicilio, aonde os outros não podem chegar senão com perigo de serem devorados.

31. A missão do rio Maués foi erecta pelo morador José Rodrigues Preto no anno de 1792, composta por algumas familias acima ditas, a que se aggregaram varios brancos: é constante a sua população de 1,500 almas, que vivem dos seus tabacos, roças de mandióca, e fábrica de bello *guaraná*. A sua igreja é coberta de telha, e os mais edificios de palha. Sua invocação é a immaculada Conceição de Nossa Senhora. Não tem tido missionario; porém supre a sua falta o reverendo João Pedro Pacheco, que está em sua capella no lago do Maçaurí, em distancia de quatro leguas da missão. É constante nas cabeceiras d'este rio haver mineraes de ouro, como se deixa ver das escavações que alli se fizeram; porém ignora-se quem fosse o escavador, e a quantidade do metal que se tirou.

32. A missão do Canumá foi fundada pelo Indio Mathias, mestre ferreiro e capitão de Ligeiros, logo depois que a nação Manduručú se congraçou comnosco, por idéas subtís do Sr. governador Gama, como adiante exporei. Foi pessoalmente aos lares dos ditos gentios, e com dadivas alliciou seus animos, que os trouxe a formar a missão do Canumá, composta de mil e oitocentas almas, a que se tem ajuntado não pequeno numero de familias brancas. Fizeram a igreja á sua custa, com a invocação do Novo Carmelo, coberta de telha, e grande á proporção do povo. Os moradores brancos subsistem dos seus cafezaes e tabacaes, e os Indios occupam-se em roças de mandióca e extrahir dos matos os cravos e salsa. Seu missionario é o reverendo Jezuino.

33. O rio Abacaxís é celebre pela populosa aldêa que em outro tempo n'elle tiveram os padres Jesuitas, que não podendo supportar as hostilidades do gentio Mura se mudaram para Serpa, como se disse no § 26. N'elle só está estabelecido um morador, Manoel Ferreira de Faria, com o seu gentio que trouxe do rio Jupurá.

34. Em distancia de cinco leguas acima de Borba está o furo

dos Guatazes, por onde se communicam os gentios Muras com os outros d'aquelles lagos, como se dirá quando d'elles se tratar, que está ao lado do súl. D'este ponto, vencidas mais cinco leguas, se chega ao Guajaratûa. D'aqui vencendo uma grande enseada a cinco leguas de distancia está o sitio do Matamatá, que tudo fica ao sul. É preciso passar o rio ao nascente, e vencer seis leguas para chegar ao Sapucaiarôca, que significa gallinheiro; talvez assim chamassem esta aldêa do gentio Mura por se ter n'ella comprado muita gallinha, das quaes são as aldêas gentilicas abundantes.

35. Do Sapucaia, em distancia de sete leguas, está o rio Aripuâna indicado no § acima, que desagua no Madeira, em um furo d'este mesmo nome Aripuâna: no Rio Negro chamam *paranamiri* os furos dos rios. Este rio de curso muito central, e de agua preta, é povoado de gentio Mura até certa altura; e depois dos outros gentios de diversas nações, segundo consta.

36. Da barra d'este rio se vencem seis leguas para chegar ao Severino, que é um dos principaes da nação Mura, de quem a sua populosa aldêa tomou o nome. É chefe d'esta nação, mui affeiçoado aos brancos. Este na sua infancia foi solemnemente baptizado na villa de Borba com outros muitos, chefe de uma grande aldêa defronte da ilha dos Mandiís.

37. Navegando d'aqui cinco leguas se chega á barra do rio Mataurá, ou Matuará, como outros dizem. D'aqui outras cinco leguas se chega ao riacho Aiatinga, que todos ficam ao nascente. De Aiatinga se passa ao lado opposto do sul, e passadas seis leguas se chega ao riacho Matupiri, aonde está uma grande aldêa do gentio Mura com roças de manivas em terras firmes. De Matupiri, em distancia de seis leguas, está o sitio de Jatuarána, que tambem é aldêa dos Muras. D'aqui outras tantas leguas se chega á barra do rio Unicoré.

38. D'esta barra a quatro leguas está o sitio do Capaná: são barreiras altas, e aldêas de gentio Mura. Vencidas mais seis leguas, se chega á barra do rio dos Marmellos, de curso mui central ao nascente. D'aqui vence-se, passadas cinco leguas, a povoação dos

Baetas, que é aldêa dos Muras, em cima de barreiras á parte do sul. D'aqui, em distancia de seis leguas, se chega ao lago do Antonio, que é habitação do gentio Mura, contigua ao rio Madeira, á parte do nascente. Do Antonio, passadas outras tantas leguas, se chega ao Carapanatuba, que é bocca de lago assim chamado talvez por ser abrigado d'estes insectos de carapaná por ser de agua preta. Do Carapaná, vencidas mais cinco leguas, se chega ao Piraiauára, depois de passar a aldêa das Tres-Casas, que é habitação de Mura. Tem sómente tres casas, aonde moram muitos centos de familias, por conseguinte mui grandes. D'aqui vai-se ao riacho dos Purús, depois de passadas quatro leguas, que é riacho mui central, á parte do sul, e que dizem ser communicavel com o grande rio Purús, que desagua no Solimões, não immediatamente, mas vencendo um pequeno isthmo de terra, como mostra o facto seguinte.

39. No anno de 1808 fugiram algumas familias de ciganos, que de Portugal vieram para povoadores do Crato, e conduzidos pelo gentio Mura por este riacho se passaram ao Purús, e d'este ao Solimões, seguindo por elle acima até á barra do Jupurá; e seguindo por este, deram comsigo em S. João do Principe, aonde acharam guia, que lhes mostrou caminho, por onde se passaram á America Hespanhola.

40. D'aqui, vencendo-se quatro leguas, se chega a S. João do Crato, com o nome de Colonia Nova, mandada formar pelo general D. Francisco por ordem da côrte, a fim de facilitar-se a correspondencia com Mato-Grosso e Goyaz. Primeiramente esteve esta colonia na barra do rio Jamarí; porém pelas contagiões de sezões se mudou para o Crato, sitio nobre por muitas attribuições do terreno; sendo planicie, é arejado dos ventos. Em menos de duas leguas ao centro se descobrem campos interminaveis, cortados de muitos riachos, em que se tem visto cervos, corças, lebres, coelhos e perdizes, e se tem matado lobos e outros animaes da Europa, além das mais caças proprias do paiz. Dizem que estes campos são communicaveis com os do Purús, ou antes emanação sua. O clima é

sadio, pois vê-se entre o Mura e outros gentios muita propagação. Se o Sr. Gama tivesse todo o conhecimento dos campos do Purús e do Crato, certamente alli fundaria antes fazendas de gado vaccum, do que no Rio Branco, que tem a difficuldade de cachoeiras.

41. Os novos colonos eram ciganos e outros malfeitores, que tirados das cadêas foram alli lançados com grande deshumanidade, pois nem as primeiras choupanas se lhes fizeram. Estes homens, pouco habituados á agricultura do paiz (de que deviam subsistir), expostos assim ás inclemencias do tempo, entregues a commandantes militares, que os faziam dormir entroncados no armazem e suas espozas em outro, talvez com receio de que fugissem, expostos uns e outros a nuvens de carapanã, sem pão, sem sustento e sem vestuario, morriam aos pares ao desamparo, e o resto se dispersou por toda a provincia.

42. Quando se entregou aos Africanos a praça de Mazagão, e se destinou o paiz do Amazonas para habitação d'aquelle nobre e illustre povo, mandou-se-lhe formar uma habitação, com o nome de villa de Mazagão, com uma bella igreja e commodas moradas, e depois se lhes proveu as suas primeiras necessidades; áquelles pelo contrario. Serve este facto, ao meu ver, de uma grande lição. Se com as despezas inuteis que ahi consumiram, fizessem descimentos de gentios, em cujo centro está esta colonia, e os tratassem com humanidade, e convidassem alguns homens brancos, com isenções e privilegios, seria hoje uma colonia famosa. Conserva-se alli mui pouca gente, e algumas praças militares com seu commandante, que é um official inferior, isolada pela longitude.

43. Do Crato distante seis leguas está o riacho Maisí, habitado da nação Turá, que fica ao nascente. D'este passadas mais seis leguas se chega a outro chamado Aponeão, que tambem fica ao nascente. D'aqui seis leguas está a ilha e praia do Tucunaré, d'onde principiam as tartarugas a desovar: e vencidas mais sete, está a ilha dos Marinins. D'esta é a navegação perigosa pelos madeiros, pedras e terras cahidas, que tem de passar-se. D'esta vai-se

á ilha das Guaribas em distancia de sete leguas; e d'esta, vencidas seis, se chega ao rio Jamarí, em cuja barra se fundou primeiramente a colonia, que depois se mudou para o Crato, que fica ao nascente.

44. É um grande, excellente e bello planiço, com bellos portos e praias de areia branca, cuja agua é preta do Jamarí, aonde se enterraram muitos centos de seus povoadores, pelos motivos acima indicados. N'estes sitios ha terrenos onde concorrem grande numero de todas as especies de caças do mato, talvez por acharem a terra salgada. Este rio, como todos os mais que desaguam no Madeira, é de agua preta.

45. Navegando do Jamarí, e seguindo á mesma margem, depois de passar quatro leguas se chega á ilha e praia do Mutum; e passadas mais sete leguas, está a grande praia do Tamanduá. Seu comprimento é de meia legua, e de largura á proporção. E' de dous mil potes de manteiga. Se os gentios dos matos não espantassem as tartarugas no tempo da desovação, se fabricaria o duplo d'este numero.

46. D'aqui passadas quatro leguas vai-se a cachoeira dos Macacos. D'aqui principiam as pedrarias, cachopos e cachoeiras, tanto mais perigosas, quanto parecem despreziveis. Em distancia de tres leguas está a de S. Antonio, e passadas outras tantas leguas se chega ao salto Theotonio, que é intransitavel por mar; por cujo motivo se passam as canòas por terra, por meio de machinas, auxiliando ás mais das vezes o gentio do mato estas operações, attrahidos dos premios que se lhes dá.

47. N'este sitio intentou o Dr. Theotonio de Gusmão, em outro tempo, formar uma povoação, com o mesmo fim de facilitar a correspondencia das tres provincias Pará, Mato-Grosso e Goyaz. Mas faltando-lhe os meios para alliciar os animos dos Indios, e o systema jesuitico para os conservar sujeitos, tudo se dispersou, e talvez houvesse descuido de pedir soccorros extraordinarios por meio da oração humilde.

48. Do salto Theotonio é necessario vencer-se trinta leguas

para chegar ao salto Girão. É chamado assim porque tem de construir-se girão de madeiras, capazes de sustentar o peso das canôas puxadas á mão, nivellado de tal modo que facilite o transito. D'aqui vai-se aos Morrinhos: dos Morrinhos á Bananeira: da Bananeira ás Pederneiras; das Pederneiras ao Caldeirão do Inferno; do Caldeirão ao Paredão. Todas estas cachoeiras, em que se varam as canôas por terra puxadas á mão, distam do Theotonio doze leguas até o Paredão. Do Paredão, em distancia de cinco leguas, está a barra do rio Mamoré, indicado no § 28 e n'este mesmo sitio tem barra o rio Capuré, em que está o Forte do Principe, a que chamam Ribeirão, que serve de barra a Villa Bella, capital da provincia de Mato-Grosso. É tão nociva a agua d'este rio aos corpos, que é preciso aos remeiros, que tem diariamente as mãos e pés molhados, lavarem-nos em urina á noite quando descançam para se preservarem de chagas. Quando isto causa no exterior, que fará no interior? d'ella mesma uzam na bebida.

49. Tornando a seguir a margem do Amazonas pela parte austral, e passada a distancia de uma legua, está a barra principal dos lagos dos Guatazes, indicados no § 34 da descripção do rio Madeira, celebres pelas terras firmes e varzeas singulares para qualquer genero de plantio. Sendo quasi todo o paiz do Amazonas assaltado de formigas, a que chamam *issaúbas*, que destroem alguns generos de plantios; nas terras firmes dos Guatazes não consta em tempo algum ter havido issaúbas, nem outro qualquer insecto. N'estes lagos tem-se fabricado muitos milhares de arrobas de peixe. Sempre foi habitado de gentio Mura, que tendo a mesma linguagem, se communicam com os dos rios Madeira e Solimões por furos, á que chamam paraná-miri. São estes gentios atilados pescadores, e para fazerem as salgas; infatigaveis e de espantosa privação.

50. Sendo esta nação Mura bellicosa, conservou-se comnosco sempre em hostilidade, até que em 1787 se congraçaram por meio de dadivas. São habitadores dos lagos e margens dos rios. A propagação e numero d'esta gente não é pouco abundante, porque em todos os rios Trombetas, Madeira, Solimões, Codajás, Purús, Ma-

miá, Coarí e Paruá, e em todos os lagos, ha aldêas de Muras, a que chamam *malócas;* de sorte que se podem armar para qualquer empreza bons doze mil homens Muras: e não é o seu espirito pouco acommodado para a guerra, como mostraram em tempo das hostilidades, pois ainda que com armas desiguaes, com tudo soffremos muito porque atacavam em guerrilhas. Nenhuma diligencia se tem feito no Rio Negro por unir esta nação; quero dizer, aldeal-os. Quando todos os gentios no Rio Negro são tratados como escravos, os individuos d'esta nação são tratados com respeito.

51. Um homem habil, em quem tivessem confiança, acharia meios de corrigir os seus defeitos gentilicos, e estabelecer os seus interesses na civilisação, com arte, zelo e conhecimentos locaes: com paciencia e auctoridade é possivel concordar os animos e pareceres, e tirar estes gentios da sua estupidez. Quasi todos os moços são baptisados, e tem vindo á capital remando as canôas dos negociantes para ganhar o seu salario.

52. Tres leguas de distancia dos Guatazes, á margem septentrional do Amazonas, estão as terras firmes a que chamam Amatari, aonde findam os estabelecimentos dos moradores de Serpa e principiam os da Barra, e aonde tambem está uma aldêa do gentio Mura. Tambem principia um extenso furo em distancia de tres leguas, entre terra firme e uma grande ilha. Esta e outra mais abaixo de terras altas mostram ter sido habitações de gentios, a que no Rio Negro dão o nome de *tapéra*, pelos fragmentos de louça que n'ellas se vê, que o volver dos seculos não póde anniquilar. Tem até agora estado incultas por inacção dos habitantes. Estas ilhas são preferiveis para os plantios dos cacoaes ás terras firmes, que por tempos são devorados das issaúbas.

53. N'esta mesma margem, em distancia de seis leguas, está a ponta de pedras chamada Poraquêcoara, que quer dizer *buraco de poraqué*. É uma especie das tremelgas da Asia, porém de differente feitio. É peixe comprido de pelle e da ordem dos ovaes, com guelras e azas. Em se lhe tocando causam um repentino estupôr, porém momentaneo. É bastantemente perigoso a qualquer encontrar-

se com elle na passagem d'algum rio, lago ou igarapé, e n'elle se esfregar; porque entorpecido dos membros com o estupôr, infallivelmente morre affogado. No rio Jupurá vi-os tão grandes como os *pirá-urucús*. N'esta ponta parece que não só são muitos, se não que de quando em quando se ouve um medonho estrondo no fundo do mar.

54. Pirá-urucú é do que ha mais abundancia no Amazonas, e do que se salga annualmente muitas mil arrobas. E' da ordem dos ovaes, como qualquer peixe de escama. Em se achando fecundado dos ovos, em rio vazio, se deixa ficar nos lagos, e ahi os depõem em numero de milhares, em escavação por elle feita: picados elles os nutre de leite que tem na cabeça em certas concavidades cobertas de pelle, até certo tempo de crescimento: e depois nutre-se de camarões que ha nos lagos, em companhia ainda da mãi. Succedendo ao pescador errar o peixe, ou sacando do harpão, ajunta os pequenos filhos, mette-os nas guelras e foge, sem que appareça mais nem filhos, nem mãi.

55. Peixe-boi: é da ordem dos mamaes, assim como os bôtos e toninhas, de que ha immensa quantidade no Amazonas. E' peixe mui subtil e arisco. Nutre-se de hervas, folhas e arrôz bravo, que ha nos lagos e margens d'este rio. A sua carne é saborosa, e se assemelha á carne de porco. Fazem-se salgas de peixe-boi, e fabrica-se da sua banha o azeite para o consumo do estado das duas comarcas.

56. Passadas cinco leguas da ponta sobredita, estão as barras do grande rio Amazonas, que d'aqui communmente se chama Solimões, sendo a continuação do mesmo Amazonas e Negro: ficando aquelle a esquerda, de agua branca e cheio de insectos, e este á direita livre d'elles, de agua preta, na altura de tres gráos e nove minutos ao pólo do sul.

57. Amazonas, que na sua continuação depois de passado o Negro vulgarmente se diz Solimões, por serem da nação Soriniao os gentios que em outro tempo habitaram suas margens; e ser costume entre os Indios attribuir aos rios a denominação do gentio mais domi-

nante d'elles. Em a villa de Ega e logares de Alvellos e Nogueira ainda ha Indios da nação Sorimão, que por corrupção do vocabulo se diz Solimão.

58. As suas margens, e dos mais rios adjacentes que n'elle desaguam, são abundantissimas de cacáo, salsa, manteigas, azeites, peixes, oleo de copaiba, e mais generos, como testifica a continuada experiencia das suas colheitas, fazendo estas o mais grosso commercio da provincia do Pará. Os pomos e toda a qualidade de frutas d'este rio são maiores que de outra parte. As sementes de cacáo, café e algodão, são maiores e melhores do que as dos outros districtos.

59. A viagem do Solimões se póde fazer por qualquer das suas margens. Passadas quatorze leguas, desagua na sua margem septentrional o riacho Manacapurú, que é de agua preta, do qual se tem tirado ou extrahido muita salsaparrilha e oleo de copaiba. Pouco abaixo d'este rio está a feitoria e pesqueiro do Rei, que fornece á tropa militar os peixes salgados e tartarugas para mantimento. E mais abaixo estão os Caldeirões, sitio em que se acham os cafezaes, que tem sido a pedra de escandalo para se despovoar de Indios e Indias o logar de Alvellos, com o nome de mudas para o serviço, que já mais voltam á povoação.

60. Superior ao Manacapurú e distante d'elle doze leguas, e á mesma margem, fica a ilha de Guajaratúa e a praia d'este nome em que desovam as tartarugas, de cujos ovos se servem os administradores para as suas manteigas, com véto de ninguem mais alli as fabricar. Na enseada mais acima está a correnteza a que chamam Jurupari-pindá, que quer dizer *anzol do diabo;* e mais acima d'esta correnteza estão os dous riachos Guanamá e Unurí: n'este ultimo está outra feitoria, que só se occupa em apanhar tartarugas para sustento da mencionada tropa da Barra, subordinada ao mencionado administrador.

61. Na margem austral, fronteiro ao Guajaratúa, duas leguas acima, desagua-o famoso rio dos Purús em 3 gráos e 50 minutos de latitude austral. Além d'esta barra, que é a principal, tem mais

quatro, a saber: o canal de Paratarí, que sahe duas leguas acima do Manacapurú, que lhe fica fronteiro; o canal do Coxiuará; o canal do Coyana, seis leguas e meia acima da barra principal; e o canal do Aruparaná, que fica na enseada seguinte do Camará. Este rio tem o seu nascimento no reino do Perú, na America Hespanhola, e corre parallelo com o rio Madeira indicado, do sul ao norte. N'este rio, indicado nos §§ 38 e 40, ha campos interminaveis para criar gado vaccum e cavallar, e tem os seus domicilios os gentios das nações Purupurú, Catauixi, Itatapiá. Todos os gentios d'este rio, excepto os Muras, tem a pelle escamosa, entretanto que alguns parecem ter o couro preto e coberto de escamas. É enfermidade nos bofes causada das muitas gorduras de peixe que comem, e é contagiosa. É facil o curativo, que é de beber salsaparrilha cozida, ou comer o peixe a que chamam *canderú*, assado. E como esta enfermidade não lhes dóe, vivem com ella e parece que já adoptam para seu distinctivo. Todos os gentios da margem austral do Amazonas tem este defeito na cutis, a que chamam *uaurúna*, que no portuguez significa *empigem*.

62. Entre os rios que despejam no Solimões, é o Purús o mais rico de cacáo, salsaparrilha, peixes, azeite de peixe, manteiga de ovos e outras preciosidades; em tanto que Manoel Joaquim do Paço, ultimo governador do Rio Negro, prohibiu o seu ingresso indo-se-lhe os olhos cégos da sua ambição atraz dos preciosos fructos espargidos nas mãos alheias, porque queria antes ficassem as suas untadas com o copioso do seu producto; porém a junta governativa do Pará prohibiu e suspendeu tal prohibição avara, por representação dos habitantes.

63. Passada a enseada do Camará, e em distancia de quatorze leguas e meia do canal Coyana, despeja no Solimões, fronteiro ao norte, o rio Codaiá, em que se tem fabricado muitas mil arrobas de peixe e tirado grande porção de salsaparrilha. Presentemente é habitado do gentio Mura, que tem na sua barra uma populosa aldêa, e que se occupam em fazer salgas de peixe aos particulares e colher cacáo. Por um dos lagos do Codajá, chamado Atiniéni, se communica este

rio com o Uniní, em rio-cheio, que desagua no Negro na margem austral, cujo sitio se descreverá quando tratarmos d'aquelle rio. Por este lago foram varias vezes assaltados dos Muras, em tempo das hostilidades, os moradores da villa de Moura que tinham suas roças no dito rio Uniní.

64. Tambem se communica este, em rio-cheio, por outro lago com o rio Quiuní, que desagua acima da villa de Barcellos, não immediatamente, mas vencendo pequeno isthmo de terra, e faz barra na margem austral do Negro, por onde tambem os ditos gentios atacaram os moradores de Barcellos.

65. D'aqui distante tres leguas está a grande praia do Juruparí, de rendimento de cinco mil potes de manteiga de tartaruga, e por isso a pedra de escandalo dos dous ultimos governadores, porque faziam reverter a si todo o proveito das manteigas, mandando ahi o seu agente com instrucção de tomar os ovos e as canôas em nome do rei aos que lá fossem fabricar manteigas. Com esta forte lição ninguem apparecia, e se ficavam com todo o rendimento da praia.

66. Distante d'esta praia quatro leguas está outra com o nome das Juçaras, á parte do norte, em que tambem desovam tartarugas. Aqui mesmo está a sahida do furo Copeá, primeira barra do rio Jupurá, como adiante se dirá. E fronteiro á margem austral está o rio Mamiá, habitado do gentio Mura.

67. Em distancia de cinco leguas do indicado Mamiá, e na mesma margem austral, está a barra do rio Coarí. Este rio desce do sul ao norte, e fica a sua barra em quatro gráos de latitude austral. A largura na sua entrada é estreita, porém para dentro é mais de uma legua de largo, posto que diminua muito em poucos dias de navegação. É navegavel quarenta dias de viagem, ou pouco mais. Dobrada a ponta em que está o logar de Alvellos, se descobrem tres rios differentes: o primeiro e mais oriental é o Coarí; o segundo Urucuparaná; o terceiro, e mais occidental, é Uraná, que todos despejam por uma só barra. As suas aguas são pretas e claras, livres de insectos.

68. Pelas informações e averiguações de alguns Indios gentios

da nação Catauixi, que desceram para Alvellos, se sabe ter a sua original fonte em uns campos largos e dilatados, aonde dizem haver gado vaccum: opinião até agora problematica.

69. Quatro leguas acima da barra d'este rio está o logar de Alvellos, situado na margem oriental, em terreno baixo e de pouca commodidade por ter nos fundos da povoação um igarapé, assim como em seus lados. Seus edificios, cobertos de palha, são bons, com a população de 1,600 almas. A sua igreja e nova e de boa construcção, feita pelos moradores e pelo parocho actual, o reverendo Francisco Aurelio da Fonseca, que não só cooperou com o seu contingente, senão que trabalhou muito com suas preces importunas e assiduas rogativas aos governadores para a licença necessaria e dispensa de alguns Indios do serviço real. Os seus ornamentos estão em bom uso, e sua invocação é a Senhora Sant'Anna.

70. Da barra do Coari á do rio Tefé são vinte e duas leguas á mesma margem austral. N'este intervallo ficam os riachos do Ypixuna, Catuá, Gytycá-paraná e Caiambé; e do lado fronteiro só tem o furo ou a sahida do Copeá, a que chamam Carapanatúa, que é segunda barra do Jupurá, indicado no § 66, que fica defronte do Gytycá-paraná. É admiravel a immensidade de peixes que encostam á beira a comerem os pequenos que se criaram nos lagos, e sahem nos mezes de Agosto, Setembro e Outubro, de que os habitantes se não servem para as salgas senão do pirarucú.

71. Em distancia de doze leguas da barra do Coari ficam as barreiras a que chamam Mytum-quára, em que ha correntezas que difficultam passagem ás canôas. N'este sitio, algum tanto ao centro, são campos espaçosos, pelo que ha toda a probabilidade de certeza no que dizem os Indios Catauixis relativo aos campos e gado vaccum, como se disse.

72. O rio Tefé é de largura, pouco mais ou menos, do Coari: desce do sul ao norte, e desagua no Solimões em 3 gráos e 18 minutos ao sul do Equador. São os seus centros habitados do gentio Júma e tem salsaparrilha. É de agua preta, e navegavel pouco mais ou menos quarenta dias de viagem. Cinco quartos de legua por elle

acima está a villa de Ega, com vista mui alegre, em um terreno espaçoso. Seus edificios, com a população de 2,200 almas, são todos cobertos de palha, excepto dous edificios, quartel dos soldados e armazem. Tambem a igreja é coberta de palha e muito arruinada, com a invocação de Santa Thereza. Os seus ornamentos estão em bom uso; e o reverendo parocho é Antonio José da Silva.

73. Em fronteiro de Ega, e na margem opposta, está o logar de Nogueira, em terreno espaçoso e com vista mui alegre, distante da dita villa duas leguas e meia, com a população de 1,200 almas. Sua igreja com a invocação a Nossa Senhora do Rosario, coberta de palha, e está muito arruinada. Não tem sido possivel aos moradores repararem-a, por objecção dos commandantes de Ega não quererem dispensar os carpinteiros nacionaes dos serviços actuaes, a que dão o nome do rei. Erigiu José Joaquim Victorio, sendo governador, a commandancia na villa de Ega no meio das praias de manteigas e de cacoaes naturaes, para se locupletar a si e aos seus commandantes favorecidos com notavel escandalo, fazendo trabalhar nas colheitas os Indios de Ega e dos logares annexos.

74. Havendo de navegar-se o Solimões se buscará outra vez a barra do Tefé. Porém sendo rio-cheio se póde navegar por um furo a que chamam Igarapé-pôca, que fica ao norte de Nogueira, com sahida entre o rio Tefé e logar de Alvarans, que fica na barra do riacho Urauá, tambem de agua preta, e superior a Tefé cinco leguas.

75. Alvarans, situado na barra e margem oriental do dito riacho Urauá, é de vista acanhada. Os seus edificios são todos cobertos de palha, incluindo a igreja, que tambem é coberta de palha e muito arruinada, com a invocação de S. Joaquim. Os seus ornamentos estão em bom uso. Seu parocho é o reverendo Fr. Agostinho do Espirito Santo. É sua população constante de 500 almas.

76. De Alvarans uma legua acima, á mesma margem austral, fica a ponta chamada Parauarí, que quer dizer em lingua vernacula dos indigenas *papagainhos*. Defronte d'este Parauarí está a ex-

tensa ilha Anacá, e defronte d'esta está a terceira e principal barra do grande rio Jupurá. Tem a sua origem em uma serra que fica ao oriente, e corre de oéste a léste parallelo aos rios Negro e Solimões. Parece que os Indios seus habitadores lhe impuzeram o nome, como costumam, derivando do gentio Yupurá, seu primeiro dominador, que por corrupção do vocabulo se diz Jupurá.

77. Pretendem os Hespanhóes, sem fundamento algum senão por sophismas, que as cabeceiras d'este opulento rio sejam suas com todas as nações gentilicas, como se viu nas pretendidas demarcações de 1780, e por isso nullas. É o Jupurá o mais abundante de todos os rios do Amazonas, não só de gentios senão de salsa, puxirí, cacáo, manteiga e baunilha, em cuja colheita tem os nacionaes penetrado dous mezes de viagem até ás catadupas do Arara-coára, e por elle acima.

78. Vinte leguas acima d'este rio está o logar de Santo Antonio de Imaripí á margem septentrional, entre os lagos do Amaná, que lhe fica inferior, e Ayamaná superior, além de outros muitos lagos em ilhas, e por isso abundante de peixes. O sitio da povoação é plano e agradavel, mas os seus portos são altos e de terras cahidas. A igreja antiga cahiu por não ter tido parocho ha muitos annos. Conserva-se uma pequena aonde o parocho de Alvarans vai administrar os sacramentos annualmente, quero dizer, uma vez no anno, aos pobres freguezes d'aquelle logar. Os ornamentos sagrados estão guardados na igreja de Alvarans. Foi este logar, em outro tempo, populoso de Indios, porém agora despovoado com a requisição das mudas para os serviços dos commandantes em Ega. Os seus edificios são cobertos de palha, com a população de trezentas almas.

79. Em distancia de quarenta leguas está o logar de S. João do Principe, e outro tanto acima o de Manacarú, distantes, digo, de Imaripí. Estes logares n'este rio, e outros que se houverem de formar n'elle, devem ser conservados pelas auctoridades e olhados com vista politica, seja qual fôr o estado das cousas para o futuro; no intuito de estarem no centro de numerosas tribus indianas, de que se poderá

vir a formar villas populosas, quando se tratem os gentios com mais humanidade do que até agora tem sido.

80. Entre estes tres logares, que todos ficam á margem septentrional, tem os riachos que facilitam a communicação do Rio Negro com Jupurá, que escriptos por ordem são: Unurucú, que corresponde com as cabeceiras do Quiuní, que despeja na margem austral do Rio Negro, como se dirá quando d'elle tratarmos; Marahá, que corresponde com Eunuixí, Cumapí com Eurubaxí, Meuâhá ao dito Eurubaxí, Puapuá e Amaniú-paraná com o dito Eurubaxí, Apapurí que corresponde ao rio Vaupé, Mirití-paraná, Uaniáu, Yarí, Irá-paraná. N'estes rios habitam as nações seguintes, de diversas linguas, mas algumas vezes unidas por alliança conjugal:

81. Mariarána, Mepurí, Poiána, Coĕrúna, Jepuá, Curetú, Yucúna, Mauaiá, Araruá, Periâtí, Mirayá, Umeuá, Cauarí, Yupurá, Uainumí e Macú. De todas estas nações só é constante ser anthropophagos os Mirayás, que por corrupção dizem Miranhas, e Umeuás.

82. São estas duas nações inimigas figadaes uma da outra, e parece de tempo immemorial. Os Umeuás são homens mui fortes e bellicosos, mas o seu numero não é tão grande como é o dos Miranhas. Dizem que o numero d'este gentio se póde comparar ás folhas das arvores do mato, e a sua propagação immensa, em povoações quasi unidas.

83. Na margem austral do Jupurá desaguam os rios na ordem seguinte: Púren, Acunauí, Maurapí, Cau-inarí, Metá, Conacuá, Arapá e Peridá. Além d'estes rios tem os furos do Aranapú, que entra do Solimões e conflue no Jupurá, de agua branca, abaixo do logar de Imaripí e Auatí-paraná, tambem de agua branca, que conflue acima do dito logar. Este Púren tem communicação com o rio Issá, vencendo-se pouca jornada de terra. O rio Metá, que n'elle conflue, a tem immediata, não por si, senão pelo rio Peridá, que n'elle desagua na sua margem occidental.

84. N'este furo do Solimões, chamado Auatí-paraná, é aonde se fincaram os padrões ou marcos que dividiam os Estados da America Hespanhola e Portugueza no Amazonas, cahindo assim no laço o

commissario da quinta partida, que lhe armára o sophista hespanhol Francisco de Requéna, cujos padrões depois se arrancaram e lançaram ao mar por sargentos portuguezes, divulgando-se a farça de ser d'isso auctór o gentio Mura, o que com mais claridade se dirá quando d'isso se tratar. Este furo, que se encentra nos matos, é pouco frequentado de gente, apezar de haver ahi muito cacáo, salsa, peixe e manteiga de tracajá, pela experiencia de ser atacado quem lá fòr das onças e jacarés e outros bichos ferozes. N'estes sitios é onde se acham as conchas grandes a que chamam jabuti, de peso de tres a quatro arrobas.

85. É habitada esta margem austral das nações seguintes: Mururuá, Caiu-vicina, Pariana, Yupiuhá, Tamuina, Parauána, Jurí, Pacé, Chama, Chuána, Parenumá, Tambíra, Ambuá, Chituá, Periáti, Peridá e Umauá. De todas estas nações só é anthropophaga a Umauá, que tem por distinctivo um furo na queixada de baixo. Os mais todos são de cara preta artificialmente, e com diversas pinturas; e grandes lavradores de roças de mandióca. É admiravel ver um gentio d'estes, com cara horrenda, fazer a sua roça só com sua mulher, e d'ella tirar a farinha, carimãas e tapiócas, e outras raizes nutritivas do Estado, como carás, tajás, nareás e munduis, e isto com abundancia. Todos estes gentios lavradores são pacificos, e por isso se tem feito n'elles mais agarrações, como adiante se dirá.

86. N'este rio ha varias praias em que desovam tartarugas e se facturam manteigas, que são as seguintes: Amapari, Timbó-titica, Miriti e Apapari, que é maior e de mais rendimento. Os habitantes das margens d'este rio são atacados das contagiões de sezões, principalmente na entrada do verão; o que não succede aos gentios centraes, em que se vê numerosa propagação. Attribue-se isso, com toda a probabilidade, ser das aguas do rio, de que bebem os habitantes. As inundações das enchentes acarretam comsigo toda a podridão de folhas venenosas, como é o assacú e o timbó, o erarí, e outras que a fazem nociva ao estomago. Se houvesse a precaução de se formarem póços ou fontes d'onde bebessem, não seria assim. Pelo contrario, os gentios habitam nas cabeceiras, aonde não ha tanta

inundação, e dormem em casas quentes das fogueiras de fogo, por isso grande propagação entre elles, que póde olhar-se como fabrica de homens.

87. Não se deve deixar em silencio o sitio e as terras firmes e varzeas do lago do Amauá, indicado no § 78, por suas attribuições privativas. Está este sitio entre os rios Negro e Jupurá com terras firmes extensas, cortadas de igarapés, livres de issaúba, carapanã e outros insectos, aonde se póde formar uma populosa missão, em que seus habitantes tenham estabelecimentos rendosos. Abundantissimo de peixes, caças e aves; saudavel por muitos ribeiros de agua crystallina, e communicavel com Jupurá e Solimões pelos furos do Copéa e Mapitirini, que em todas as estações do anno dão entrada e sahida.

88. Voltando novamente a seguir o Solimões, em sua margem austral, passando cinco leguas está o rio Cupacá, de agua branca, e o rio Uariui, de agua preta, dous rios diversos que despejam por uma só embocadura, aquelle habitado do gentio Mura, e este de um mucambo de fugidos, que se servem do gentio para se proverem do necessario.

89. Em distancia de vinte leguas do Cupacá desembóca na margem meridional do Solimões o grande rio Juruá em dous gráos e meio de latitude austral, descendo do reino do Perú, com direcção do sul ao norte. O seu curso é dilatado e o seu interior pouco penetrado dos Indios crioulos. Sendo abundante de salsa e manteiga de tartaruga, alguns tem navegado por elle acima um mez de viagem, á fim de as colher e facturar. Suas aguas são brancas como as do Solimões, porém não tem o insecto dos carapanás; mas dizem que tem pium em dobrada copia do que em outra parte. Tem muitos rios, riachos, lagos e igarapés de agua preta, que n'elle desaguam e são seus adjacentes.

90. Sabe-se de alguns Indios gentios, que de lá tem vindo, haverem n'elle muitas nações gentilicas, de diversas linguas, das quaes as mais conhecidas são: Cauâxi, Catauxi, Uacarâú, Marâuá (são estes anthropophagos), Catuquina, Urubú, Gemiuá, Baxinará, Metiuá, Chibará, Bauari, Arauâri, Maturuá, Marunacú, Curinâá, Paraú,

Palpûmá, Baibirí, Baibucûá, Yoquedá, Publepá, Pumacaá, Quibaûá, Bugé, Apenarí, Sotaán, Canarí, Arnuá, Yoximauá, Xiriibá, Canana, Saindaiuí e Ugina. Affirmam os mesmos Indios gentios que tem descido d'este rio haver em suas cabeceiras aldêas mui populosas. A maior parte dos Indios habitadores d'este rio, excepto a nação Marauá, tem o couro ou pelle do corpo pintada com escamas, como se disse no § 61 do gentio do rio Purús, a que chamam empigem; uns malhados de branco, outros de preto. Uns affirmam proceder isto das comidas, outros das bebidas das aguas; o certo é que curando-se ficam bons e com a côr dos mais Indios.

91. Apezar de serem os gentios do Juruá fortes e bellicosos, são mui amigos dos homens brancos e de tudo o que lhes diz respeito, assim como todas as tribus do Rio Negro. Presentemente não ha hostilidade com nenhuma nação do Amazonas. De todos os rios e matos extrahe-se salsa, cravo e mais preciosidades d'entre os gentios, sem ser molestado ou incommodado, o que prova haver paz geral entre elles para comnosco, sem embargo de haver sempre perfidia da nossa parte para com elles pelas instituições odiosas das agarrações de gentios, que ficou desde o tempo do ex-governador Gama, que, ou mais cedo ou mais tarde, ha de nos ser funesto. Dizem que as mulheres gentias do Juruá são tão animosas e valentes como os homens, talvez por descenderem das antigas Amazonas, de que ha tradição haverem n'este rio as ditas mulheres.

92. As suas armas são as mesmas que as de todos os mais Indios das duas comarcas do Amazonas, a saber: tacuáras, curabi, murucú, cuidarú, tambarána, myraçanga e crauatána. *Tacuáras* são settas com pontas de lança, ou de ferro, ou de canainá (que é uma especie de canna mui rija), despedidas com arco. *Curabi* são settas hervadas do uerarí, tambem despedidas com arco, com pontas meias cortadas para quebrar na carne. *Murucú* é uma especie de lança com ponta cortada e hervada de uerarí, de modo que com qualquer geito quebra na carne do inimigo, e como se não possa sacar logo, morre em cinco minutos infallivelmente. *Cuidarú* é uma especie de porrete de páo mui levigado, do comprimento de

sete palmos, chato, de tres pollegadas de grossura e cinco de largura, mais largo para a ponta do que no logar aonde pegam as mãos, cheio de pennachos no meio, assim como os murucús. *Tambarána* é um páo meio chato como o cuidarú, de dez palmos de comprido, feito de madeira dura e pesada. *Myraçanga* é um páo de dez palmos de comprido, feito de uma qualidade de páo pesado que não quebra, chamado *myraúa*. *Crauatána* são dous páos unidos com furo pelo meio, bem atados e breados, em que despedem com violento assopro talas hervadas com azas de *samaúma*: só usam d'esta arma á caça. Exercitam-se n'estas armas desde a sua mocidade, e vem a ficar n'ellas peritos, principalmente no manejo do páo e das flechas ou settas. Tambem usam por escudos do couro de anta e do peito de jacaré para se resguardarem das tacuáras, curabís e murucús.

93. O *uerâri* é páo flexivel, a que chamam sipó, de que se fórma artificialmente o veneno; de casca escabrosa na superficie, que communicando-se á massa do sangue faz morrer. Raspada esta e cozida ao fogo, se lhe tira o extracto, e depois continuando ao fogo, fica em consistencia de unguento. Ajuntam-se-lhe os sumos de outros sipós e hervas venenosas para o fazerem mais activo, e até se lhe ajunta *tucandyras*, que são uma especie de vespas venenosas.

94. O caracter do gentio do Juruá é forte e bellicoso; são mui amigos dos homens brancos e de tudo o que lhes diz respeito, assim como todos os gentios pertencentes ao continente do Rio Negro; prova incontestavel de lhes serem affeiçoados. De todos os rios e matas extrahe-se salsa e mais preciosidades d'entre elles sem ser molestado, e algumas vezes trabalhando elles mesmos a troco de ferramentas, sem embargo de haver sempre perfidia da parte dos ditos brancos desde a instituição das agarrações de gentios estabelecidas pelo governador Manoel da Gama: agarrações odiosas, que bastam serem más para serem permanentes e terem estabilidade n'aquella desgraçada capitania. Os seguintes factos provam a minha asserção, que ficou em uso desde esse tempo, como sabem todos os habitantes.

95. No anno de 1813 foi o Indio Joaquim Tinoco, morador de Ega, ao rio Juruá á agarração de gentios com os seus familiares, e logo depois de passada a barra se encontrou com alguns da nação Marauá, que desciam dos centros á praia do Araçatúa a trabalhar para os brancos na escavação dos ovos de tartaruga e fabricação das manteigas, a troco de ferramenta como costumam: foram logo presos em troncos de campanha e trazidos a Ega como seus escravos. Mas foi d'elles atacado e a sua comitiva em occasião de descuido, que a bom salvamento sahiram com vida porque os mesmos gentios os não quizeram matar, porém cheios de cutiladas, servindo-se dos mesmos remos com que os faziam remar.

96. De igual sorte aconteceu aos mamalucos José Castelhano e Thomaz Barbaça, moradores do logar de Nogueira, que foram no anno de 1818 colher salsa n'este rio. Convocaram alguns gentios d'este rio a que lhe colhessem salsa a troco de ferramenta, e em poucos dias tiveram carga para as suas igarités possantes: então se lhes suggeriu o diabolico projecto de capturarem os ultimos que lhes trouxessem salsa, mulheres e homens, que a troco de paga os amarrassem, entroncassem e embarcassem para os vender como escravos, segundo o uso d'aquelle paiz. Prevenidos os troncos e as cordas, assim o fizeram com outros Indios de sua comitiva, e os embarcaram em duas igarités amarrados e entroncados. Oh que perfidia, que injustiça!!! Temos o desgosto de ver que estes monstros não são raros no Rio Negro, onde se está praticando diariamente factos similhantes a este, principalmente no rio Jupurá, cómo adiante diremos.

97. Estes factos não foram tão occultos que o governo não soubesse, mas como é uso fazerem-se os descimentos alli por meio das agarrações, já ninguem estranha. Porém não ficou impune totalmente o diabolico attentado, porque os gentios da canôa do Barbaça, que se tinham adiantado mais, lhe moeram a cabeça e de toda a equipagem com os mesmos troncos em que estavam presos, salvando-se unicamente o Indio Prudente por ser destro no mergulho, porém com uma orelha de menos, que foi cortada com um golpe de remo.

98. Pouco abaixo do Juruá está o paraná-miri (furo) famoso pelos cacoaes de natureza que tem, de quinze leguas de extensão, a que chamam Macoapaní; e no intervallo da sua entrada e sahida a praia do Coanapití, em que se fabricam manteigas. Defronte d'esta está o furo do Aranapú, que despeja no Jupurá, como acima se disse, que vem a ser a sua quarta barra; e as suas margens são tambem cacoaes de natureza.

99. Seis leguas acima d'este rio, á mesma margem austral, está o logar de Fonte Boa, situado á margem oriental de um canal chamado Caiarí, pouco distante do Solimões, em um planiço de vista agradavel. Os seus edificios são todos cobertos de palha, com a população de 1,100 almas. A sua igreja cahiu, porém os ornamentos sagrados tem os moradores guardados, por não ter tido parocho ha muitos annos. É esta povoação tão abundante de peixe, que em rio cheio apanham os pescadores peixes-bois nos seus mesmos portos.

100. Em distancia de quatorze leguas de Fonte Boa está a barra do grande rio Jutaí, em dous gráos e quarenta minutos ao sul, do qual desce para o norte. É de curso muï dilatado, e pouco penetrado e navegado dos Brazileiros; comtudo tem-se tirado d'elle grande porção de salsa. Ha tradição constante que por elle descêra em outro tempo um padre jesuita Hespanhol, e subira pelo Solimões acima. Nos seus centros habitam varias nações gentilicas. As conhecidas são Tapaixana, Uaraicú e Marauá. D'estes ultimos ha aldêa em distancia de dez leguas da sua barra. Os seus principaes tem-se empenhado com as auctoridades por um sacerdote para seu missionario, que até agora não tem conseguido por falta de meios para a sua subsistencia.

101. No intervallo de Fonte Boa e Jutaí estão as praias de Araçatua e Tarará, em que se fabricam manteigas. Na margem opposta á foz do Jutaí está a entrada do canal Maiána, que no seu curso se incorpora ao Auatiparaná, e que ambos despejam suas aguas no Jupurá por uma só embocadura, como se disse no § 84.

102. Distante do Jutaí quarenta e duas leguas faz barra na

margem opposta do septentrião o rio famoso Issáparaná, em tres gráos e nove minutos ao sul. Tem o seu nascimento nas serras da cidade de Pasto, no rumo de nordéste de Quito, e corre de oéste para léste. Os Hespanhóes sempre occuparam a parte superior d'este rio; razão porque se conservou sempre um destacamento militar na sua barra. Os ditos Hespanhóes lhe dão o nome de Putumayo, e os Brazileiros o de Issá, por assim lhe chamarem os Indios, em razão de ser da nação Issá o gentio que em outro tempo o habitou e dominou, e era o mais conhecido. Em sua margem opposta ao destacamento despejam os riachos Yucurapá e Puruitú. N'estes riachos habitam os gentios das nações Issá, Pacé, Chomana, Jurí, Miranha, Tumbíra e Puruitú, Parauá e Catupéia; das quaes os Catupéias e Miranhas são anthropophagos. Suas margens são cacoaes de natureza, e os centros tem muita salsaparrilha.

103. Entre a barra d'este rio e do canal indicado Maiána está o riacho Tonantim e a praia do mesmo nome, em que se fabricam manteigas. Nas matas e centros d'este riacho habitam os gentios da nação Caecéna, e com elles duas meninas brancas, filhas de Felippe Coelho e de sua mulher D. Maria, que foram apprehendidas nos suburbios de Fonte Boa, depois de matarem seus irmãos e mais gente da comitiva, sem que até agora houvesse providencia de as mandar buscar. O mais é que consta já terem filhos dos gentios. Seus pais em quanto viveram as choraram sem consolação.

104. Seis leguas do Issá está o logar de Castro de Avelães, povoação mui antiga, fundada á margem austral do Solimões em um bello planiço de vista extensa e bons portos. Os edificios, entrando n'elles a igreja, são cobertos de palha, e seu padroeiro é S. Christovão. Os seus ornamentos, ainda que antigos, estão em bom uso, guardados pelos moradores com desvelo, talvez na esperança de que algum dia tenham seu parocho. A sua população é de 500 almas. Na margem opposta está o riacho chamado Chomana e o lago Cahapiím, que abastecem a povoação de peixes.

105. Em distancia de dez leguas de Castro de Avelães, no intervallo da villa de Olivença, estão os dous rios de agua preta, Jan-

diatûa e Acuruí, habitados das nações Araicú, Marauá e Maeróna, que por corrupção do vocabulo se chama Magerona. N'esta ultima nação são disformes os homens na cara, cheia de buracos, em que introduzem espinhos, e ficam com horrenda figura; são anthropophagos, e dizem que comem os pais quando já são muito velhos.

106. D'aqui á mesma margem austral está a villa de Olivença, que commummente se diz S. Paulo, situada em planiço alto. Tem no terreno varias fontes nativas, a que chamam olho-d'agua, de que se servem os habitantes para a bebida, lavagens de roupa e para os banhos, por serem os seus portos mui altos. É uma das melhores villas do Rio Negro. Sua população, que seria mui facil crescer, visto estar no centro do gentilismo, não excede de 1,800 a 2,000 almas. Sempre foram seus moradores vexados dos commandantes de Tabatinga, com o frivolo pretexto de serviço do rei, quando unicamente os empregam em construcção de barcos e canôas. A igreja grande dos Jesuitas cahiu; porém fizeram outra coberta de telha, que está servindo, cujos ornamentos estão em bom uso. O seu padroeiro é S. Pedro e S. Paulo, e o seu parocho é o Rev. Domingos José Borges Adão, que ao mesmo tempo serve em Fonte Boa, Castro de Avelães e Tabatinga. Veja-se a distancia geographica de umas povoações a outras!

107. Sendo uso entre os gentios do Amazonas andarem nús, só com pequena cobertura nas partes pudendas, as nações Cambebas e Tucúnas, que agora povoam Olivença e Castro de Avelães, usaram sempre de vestimentas compridas de panno de algodão á maneira de dalmaticas dos diaconos, tanto homens como mulheres; vestimenta de que ainda usam nos seus trabalhos do campo. Para este fim fiam as mulheres os seus algodões, formam têas e tecem pannos finissimos, de que fazem roupas e mosquiteiros para se abrigarem do carapaná.

108. Em distancia de vinte e quatro leguas de Olivença está o sitio a que chamam Tapéra da villa de Javarí, em outro tempo populosa. Esta villa se extinguiu pelos assiduos vexames do desta-

camento de Tabatinga, que não dava descanço aos desgraçados Indios, seus habitadores; ultimamente o resto da população fizeram unir ao dito destacamento, d'onde tem quasi todos desertado.

109. E d'aqui a nove leguas desagua o grande rio d'este nome Javarí, na margem austral do Solimões, em quatro gráos ao sul, d'onde desce ao norte. É igual na largura e extenção ao Juruá, e tambem abundante de salsaparrilha. Já em outro tempo houve alli destacamento de tropa de linha por ser fronteira da Hespanha. É habitado das nações Maruá, Araicú, Chaia-uité, Chimaâna, Magerona e outras.

110. Duas leguas de distancia do rio Javarí está o presidio de S. Francisco Xavier da Tabatinga, onde existe um destacamento militar. Esta povoação é a ultima no Solimões do bispado do Pará, aformoseada de um palacio, que se construiu em 1776, á custa da companhia geral da cidade do Pará, para o congresso das demarcações entre o Brazil e os Estados da America Hespanhola. Sua população é constante de quatrocentas almas. Este logar não tem tido parocho ha muitos annos.

111. As possessões e dominio do Brazil no rio Amazonas não se limitam até a Tabatinga, senão até o rio Napo por elle acima alguns dias á margem septentrional, aonde o capitão-mór Pedro Teixeira fincou o marco ou padrão da divisão de Portugal e da Hespanha, com todas as solemnidades de posse, verificadas nas indicações do auto que se deve achar, ou que se acha no archivo da secretaria da provincia do Pará.

112. Pensando o Sr. Alexandre de Souza Freire, no tempo em que governou o Estado do Pará, que estaria já corrupto o sobredito marco, despediu para o renovar Belchior Mendes de Moraes, com uma escolta de quinze praças militares e dous sargentos; o qual chegando ao rio Napo achou, posto que damnificado, o dito marco no sitio confrontado no auto de posse, e erigiu outro, estando presente o Rev. Jesuita João Baptista Julião com seus companheiros, superior das missões de Quito, que andava em visita.

113. No anno de 1780 desceram os Hespanhóes até a Taba-

tinga, aonde os esperava o commissario portuguez da quinta partida, e entre elles dous commissarios, Francisco de Requena e D. Felippe, que abandonados todos os titulos da antiga posse pacifica indicados no § acima, tiveram a eloquencia de persuadir ao dito commissario portuguez que primeiro que tudo se lhes entregasse a fortaleza da Tabatinga; ao que se assentiu sem mais deliberação. Com effeito lavrou-se o termo de entrega, a que não quiz subscrever e annuir o major Euzebio Antonio de Ribeiros, um dos deputados das demarcações, que atilado soube descobrir a astucia do Hespanhol, analoga ás bases da infeliz campanha do Sul. E por este motivo, e por desconcordancia da parte do Hespanhol no preço dos predios, deixou-se e defiriu-se lavrar-se o termo da posse. Por esta razão foi preso o dito major Euzebio nove dias, até que désse o motivo da sua escusa por papel; ao que respondeu que o não daria senão ao primeiro commissario, que se achava em Barcellos.

114. Uma providencia opportuna póde desenredar os negocios mais embaralhados, do mesmo modo que um passo pouco acertado póde fazer eternos os litigios. Outro tanto succede nas condescendencias indiscretas, as quaes em seu curso apresentam sempre alguma épocha favoravel, em que com boa intenção e bom tino podem os homens que se acham á sua frente detel-as de um só golpe, ou dar-lhe a direcção que mais convenha; porém se esta occasião se perde, se tornam eternas as suas consequencias, e é impossivel prever qual será o seu termo. Assim succedeu nos passos inconsiderados do commissario portuguez, que com o pretexto do muito carapaná introduziu os Hespanhóes na villa de Ega, onde estiveram treze annos. Viram-se duas poderosas nações no coração de uma pequena provincia, já arrogando túdo a si e apoderando-se de tudo o que sómente era privativo aos naturaes, sem que os commissarios podessem obstar-lhes, que por fim causaria desastres, se a vivacidade do atilado Gama não descobrisse meios de os pôr fóra de Ega e da Tabatinga.

115. Já de Ega marcharam na celebre expedição do rio Jupurá, a fim de o demarcarem. Com effeito erigiram os padrões e fincaram os marcos na sahida do furo Auatiparaná, indicado no § 84.

Assim ufano se contemplára o commissario Requena por ter illudido aos inexpertos Portuguezes, quando necessario foi remetter a Lisboa a indicação do major Euzebio, e os motivos de não subscrever ao termo da entrega da Tabatinga, em que patenteava não só os cavilosos intuitos dos Hespanhóes, senão principios analogos á infeliz campanha do Sul; cujo resultado foi a nullidade de tudo quanto se tinha feito, e a prisão do dito commissario portuguez. Occultamente se mandaram arrancar e lançar ao mar os ditos marcos, divulgando-se que os gentios os tinham arrancado.

RIO NEGRO.

116. A largura d'este rio na sua barra é estreita. Deixando o Solimões á esquerda, está o Negro á direita na altura de tres gráos e nove minutos ao pólo do sul, com direcção de oéste para léste, quasi parallelo ao Solimões. Na sua entrada não chega a ter meia legua de largo, porém subindo por elle acima se vai alargando cada vez mais, de modo que em distancia de dez ou doze leguas se estende sua largura a duas e a tres leguas, principalmente aonde começam as ilhas a que chamam Anavilhanas. Suas aguas são negras, livres de insectos, e suas margens e terreno enxuto, em que houveram muitos predios e estabelecimentos rendosos.

117. Duas leguas da sua entrada está a barra do Rio Negro, suburbio da villa de Serpa, em que existe um pequeno forte todo desmantelado, aonde residem os magistrados depois que o ex-governador Gama mudou o archivo da capitania de Barcellos, que até então era arraial do Rio Negro. Este logar, sito á margem do norte em terreno alto, é incompativel para formar um grande povoado, por ser desigual de altos e baixos, que em rio cheio dividem-se em isthmos; mas assim mesmo tem muitos edificios, e entre elles vinte e tantos cobertos de telha, inclusos os edificios imperiaes. A igreja, tambem coberta de telha, é pequena para a população que

tem, que excede a 8,000 almas. Sua invocação é o mysterio da immaculada Conceição de Nossa Senhora; seu parocho é o Rev. Dr. José Maria Coelho; tem muita falta de ornamentos sagrados. Os seus habitantes subsistem da fabrica dos seus tabacos, facturação de manteigas de tartaruga, salgas de peixe e colheitas de café, cacau e outros plantios.

118. Em distancia de uma legua da barra está o riacho do Taromá ao mesmo lado do norte, e na sua barra a celebre chacara do ex-governador José Joaquim Victorio. Persuado-me que é uma especie de mentira o não dizer a verdade senão imperfeitamente, e que ninguem é obrigado a escrever os acontecimentos; mas uma vez que o emprehenda, está obrigado a dizel-a com imparcialidade e exactidão. Digo celebre, porque para a formar moveu toda a capitania, fazendo trabalhar n'ella quatrocentos a quinhentos Indios de um e outro sexo, unicamente com modico sustento por paga; o que principalmente foi a causa da deserção dos habitadores, e estancar o commercio e agricultura o espaço de dez annos. A agricultura, porque tirando o sustento necessario aos lavradores, o que se fazia por meio de inhumanos fiscaes, deixavam de fazer roças de mandioca, ou as faziam pequenas e em sitios reconditos, que não podesse vir á noticia dos ditos fiscaes, e por consequencia deixavam de fazer outro genero de plantio por falta do mesmo sustento. O commercio, porque tirada ás canôas a sua equipagem e tripulação, ficavam estagnadas nos portos da barra mezes inteiros, expostas a irem ao fundo com toda a sua carga, como succedeu á de João Custodio, morador de Olivença.

119. Onze leguas acima do Taromá ficam as ilhas a que chamam Anavilhanas, derivado do nome do rio Anaviana, que corresponde na costa septentrional do Negro, e que por corrupção do vocabulo se diz Anavilhanas, que é uma confusão de ilhas. Buscando-se por entre ellas o rumo do poente quarta de noroéste, se entrará no canal que fica entre ellas, e atravessando o rio, se chegará á parte meridional d'elle, depois de vencer quinze leguas.

120. Acima da bocca d'este canal está a ponta de pedras a que

chamam Igrejinhas, superior dez leguas á sahida do sobredito canal, inferior quatro ao logar de Airão. Formam estas salas, corredores e quartos. O tecto é lage de pedra por onde se passeia, o chão é arêa branca. Em rio cheio tudo vai ao fundo, em vazio tem boa vista.

121. O logar de Airão, fundado em um bonito terreno, existe á margem austral do rio: é constante a sua população de 500 almas. Seus edificios são cobertos de palha, como tambem a igreja, cuja invocação é S. Elias. Os seus ornamentos sagrados estão em bom uso, apezar de serem antigos. O reverendo Picanço, coadjutor da Barra, é alli parocho encommendado, porém a sua residencia é na Barra. Os habitantes subsistem dos seus cafezaes e de outros generos de agricultura. Em 1795 foi este logar assaltado dos gentios Aruaquis, que habitam os rios fronteiros, em cujo assalto só mataram dous brancos por se não acautelarem. Por mais diligencias que fizesse a escolta mandada pelo governo para captural-os, não foi possivel virem á mão, por terem mudado os domicilios centraes, por temerem e receiarem vingança.

122. A' margem do norte fronteiro a Airão desaguam os riachos Aiurim, Canumaú, Mapenuaú, d'agua preta, habitados das nações Aruaquís, como acima se disse. Consta haver n'estes rios ou riachos abundancia de breu, páo-cravo e muita madeira fina e de construcção.

123. Do logar de Airão distante doze leguas está a villa de Moura, situada em uma grande pedreira, da qual em outro tempo teve o nome, á mesma margem austral. É uma das melhores povoações do Rio Negro por sua commodidade. A sua igreja, com alguns edificios mais, é coberta de telha, com a invocação de S. Rita, de que é parocho o Rev. Fr. Joaquim de S. Luzia, religioso carmelita. É habitada de muitos moradores brancos juntos com Indios, cuja população é constante de 1,500 almas: estes subsistem dos seus cafezaes e algodoaes, e de outros generos do consumo do mesmo paiz, como farinhas, tapiocas e grãos.

124. Entre o logar de Airão e villa de Moura, á mesma margem

austral, despejam o riacho Jaú e o rio Uniní, aquelle pouco acima de Airão, e este pouco abaixo de Moura. Da communicação do Uniní com o Cuidaiá já noticiei no § 63. Este rio e riacho são de agua preta. Na margem fronteira e ao lado do norte só desagua o rio Jaupirí, de agua branca. Tem as suas fontes, como todos os mais que despejam n'este lado, derivadas das serras cordilheiras da Guyana, e habitado da nação Aruaquí. Consta haver nos seus centros páo-cravo.

125. A distancia da villa de Moura ao logar de Carvoeiro calcula-se em oito leguas. Está este logar tambem á margem austral em um bonito terreno, e sua população é de 700 almas, que subsistem dos seus cafés, algodões e farinhas, e de outras agriculturas. A sua igreja com os mais edificios particulares, de quem é padroeiro S. Alberto, todos são cobertos de palha. Os ornamentos sagrados estão em bom uso. Não tem tido parocho ha muitos annos, cuja falta suppre o da villa de Moura, que ahi chega de tempos em tempos.

126. A' margem do norte e fronteiro a Carvoeiro desemboca o grande rio a que chamam Branco, por serem suas aguas brancas, e tem quatro barras formadas por ilhas. Nas aguas ha abundancia de peixe, lagos e vargeas, que tem cacoaes de natureza, e em tudo é similhante ao rio Amazonas. Nas suas margens desembocam os rios Itacutú, Emeuueni e Macoaré, que são os maiores tributarios que tem o Branco, e que o enriquecem com as suas aguas, fazendo-lhe fiel entrega quasi junto á fortaleza de S. Joaquim.

Por este Itacutú, que forma sua corpulencia do rio Surumú, se communicavam em outro tempo os Indios do Rio Negro com os Hollandezes do Suriname, vencendo com pequena jornada o isthmo que medeia entre o Itacutú e a parte superior do rio Rupumaní, que despeja no rio Esquivo, e este no mar do Norte, entre Suriname e Orinoco. Por elle mesmo em 1793 foi o coronel Barata, sendo porta-bandeira, a Suriname, mandado pelo general D. Francisco de Souza Coutinho com despachos do ministerio de Lisboa.

127. Em distancia de quarenta leguas da barra d'este rio estão as primeiras catadupas ou cachoeiras, que difficultam passagem ás ca-

nôas, e d'aqui á fortaleza de S. Joaquim outras tantas. Formou-se esta fortaleza em **1778**, em opposição ao Hespanhol, que pretendia assenhorear-se da parte superior d'este rio, bem como fez no Amazonas e Rio Negro, construindo um forte com o nome de S. Rosa no mesmo Rio Branco, quinze dias de viagem de S. Joaquim rio acima. Além dos rios indicados tem os riachos Catirimàni, Ueniní, Uanauá, Canâmé, Porimí, Quiuitaú, Majuí, sendo o Branco de todos estes o mais potente, e por isso celebrado. Suas fontes se derivam das altas serras d'onde se formam estes rios.

128. Tem serras que a natureza lhe deu por muros, e algumas d'ellas inaccessiveis e impraticaveis, mas com dilatados cumes e plainos, aonde se refugiam dos inimigos seus habitadores. São regadas dos mencionados riachos as suas abas e planiços, pelo que se tornam fecundos para qualquer genero de plantio. A serra de Caraomá, que está no riacho Quiuitaú, é das mais famigeradas por sua altura, e notavel pela extensão da circumferencia que abrange o seu pedestal, que se suppõe occupar legua e meia de circumferencia. Dizem os Indios nacionaes haver no cume um lago, de que se forma o ribeiro que apparece a despejar ao rio, que tem tantas arvores e hervas como tem no rio, quero dizer suas especies; como tambem as mesmas especies de peixes que tem no rio, como peixe-boi, piraurucú, tartaruga e outras muitas qualidades de peixes saborosos, de que todos sabe abundar o rio Amazonas.

129. Não tendo entrado até agora algum perfeito conhecedor da mineralogia, não se tem descoberto mais que malacachetas brancas e amarellas, pedras de crystaes, outras pedras encarnadas que servem aos gentios de pederneiras para ferir fogo, e sal mineral; e por consequencia ignora-se as raridades e riquezas que n'elle ha ou póde haver. Os doutores estrangeiros coronel João Spix e tenente coronel Carlos Martius, louvados no § 7, não entraram n'elle, pois passaram por sua barra quando foram a Barcellos.

130. As nações habitadoras d'este rio são: Uapixána, Paraviána, Sapará, Uitarâi, Paracoána, Caixána, Macuxa, Uaycá, Porocóto, Atanayrú, Uayurú, Tapicari, Chaperú, Atyâi e Caripúna. D'estes

uns habitam nos cumes das serras, outros nos campos, e outros nas margens e fontes dos rios. Todos estes gentios tem com profusão roças de mandioca e milharaes, que lhes servem de sustento. Elles se communicam tanto comnosco, como com os Hollandezes, com escandalo nosso; de quem tem espingardas, terçados e fazendas suas. O inimigo de todas estas nações é o Caripúna, que os agarra para os vender aos ditos Hollandezes, a troco de fazendas. Na hypothese de que houvesse hoje dous ou tres missionarios n'este rio, seria facil, por esta circumstancia, unirem-se-lhes todas estas nações ao centro da civilisação e ao conhecimento da santa religião.

131. Houveram mais povoações n'este rio, além do forte de S. Joaquim, Santa Maria Nova, Carmo, Santa Maria Velha, S. Felippe, Conceição, e o indicado forte hespanhol de Santa Rosa. Só existem o Carmo e Santa Maria Nova com mui pouca população. As outras se extinguiram em 1788, sendo governador Manoel da Gama, que mandou passar seus habitadores para a missão de Villa Nova, logar de Alvellos, parte superior do Rio Negro, por commetterem o attentado de matarem os soldados seus regentes. N'esta fortaleza estão algumas praças militares com seu commandante, que quasi sempre é um official inferior, cujo capellão é o Rev. Antonio Soares, clerigo do habito de S. Pedro.

132. Logo que o brigadeiro Manoel da Gama expulsou os Hespanhóes da villa de Ega, que alli estavam ha muitos annos em estado de inacção, como se disse nos §§ 113, 114 e 115, foi áquella villa, e alli achou algumas vaccas pertencentes aos ditos Hespanhóes, que as não poderam conduzir na sua precipitada retirada no anno de 1793, e as mandou ao Rio Branco, para alli se formar uma fazenda. Igualmente mandou vir da Hespanha, por via do commandante de S. Carlos, dous cazaes de bestas muares. Com effeito fundou-se esta em um aprazivel terreno defronte da fortaleza com o nome do Rei, á margem esquerda. O capitão José Antonio Evora, morador opulento no Rio Negro, fundou a sua com o nome de S. José, no mesmo terreno da fortaleza, de novilhas que com-

prou em varias povoações da capitania. O capitão Nicoláo de Sá Sarmento, commandante d'aquelle presidio, fundou a sua com novilhas compradas á fazenda do Rei, com o nome de S. Marcos. São tres fazendas pouco distantes umas das outras, porém incommunicaveis para que o gado se não possa embaralhar com os das outras fazendas.

133. D'ahi a poucos annos viu-se uma maravilhosa multiplicação n'estas fazendas, contra a opinião de varios calculistas d'esse tempo, que desdenhavam; em tanto que não ha gado vaccum no estado melhor que o do Rio Branco, na multiplicação, no tamanho e nutrição; o que procede dos bons e salitrados pastos. Teve grande progresso a fazenda do Rei em tempo do brigadeiro seu creador, porém depois do seu fallecimento os successores, talvez por espirito de emulação, a desampararam, em tanto que o gado se tem dividido em manadas e estendido pelos vastissimos campos, de sorte que é impossivel numerar. Assim mesmo sem pastor, dizem, expostos ás onças, tem multiplicado tanto que os Hollandezes tem vindo fazer salga d'elle, como é notorio. Mas esta noticia é dada pelo gentio depois de se terem retirado; que só se verifica com os monumentos da feitoria.

134. Era a todos dia de prazer a chegada da canôa do Evora aos portos de Barcellos, de tres em tres mezes, carregada de carnes salgadas, couros, manteigas e queijos, que por ser por modico preço a todos remediava. A fazenda do Rei, como igualmente a do Sarmento, offereciam a mesma profusão e abundancia, em quanto não foram addidas ao cuidado dos commandantes militares do forte de S. Joaquim, e dos administradores. Tudo se vai acabando; a tudo ha de dar fim a politica mesquinha dos successores do brigadeiro Gama, que pretendem sempre conservar o paiz na mais dura e triste pobreza!!! E como para se dar exacta noticia d'estes acontecimentos deve formar-se novos paragraphos, eu os principiarei sem temer que o espirito luciferino ouse offuscar os factos com putridos coloridos: eu os referirei taes quaes aconteceram na desgraçada scena que deu um golpe fatal á casa do capitão Felippe Evora.

135. É incontestavel que a casa do capitão José Antonio Evora

era a mais opulenta no Rio Negro, e que por seu fallecimento ficou a seu filho Felippe Evora. Achava-se este no cargo de almoxarife da fazenda, quando o governador José Joaquim Victorio impôz a todos os habitantes d'aquella comarca a finta das farinhas, com o consentimento do governo do Pará em 1808; por cujo motivo durou a dita finta até 1820 inclusivè, que melhor se lhe devia dar o nome de contribuição gratuita que finta, porque jámais se pagou; a saber: de cada dez, quatro. Quaes fossem os objectos d'estas fintas, Vitorio e seus cumplices o poderão dizer; como igualmente os homens sizudos poderão calcular o gráo de vexame que envolveu este attentado do despotismo, e que findou no anno de 1820.

136. Achava-se este, como dizia, almoxarife da fazenda, quando o governador impôz as fintas, e a seu cuidado a arrecadação das farinhas, de que se formava entrada nos livros da provedoria. N'este mesmo anno principiou o dito governador a formalisar, não só a chacara dos Taromás para si, senão para seus genros José Simplicio, Marcello o Italiano, e outras, em cujo serviço se despendia diariamente um grande numero de alqueires de farinha, que sahia dos reaes armazens: e d'esta os soldados recebedores, ou fosse por ordem maliciosa ou por motu proprio, deixaram de passar recibo ao almoxarife; e este, ou por descuido ou por incapacidade, não reclamou ao mesmo governador os recibos.

137. Em 1815 o provedor Francisco de Paula Pereira Duarte, presentemente desembargador em Maranhão, deu balanço aos reaes armazens, e tomou conta ao fiel. Achou-se um horroroso e extraordinario numero de alqueires de farinha despendida sem conhecimentos; motivo porque se lhe tomou e sequestrou predio, trastes e estabelecimentos, escravatura e fazenda de gado vaccum e cavallar. O silencio apathico e escandaloso do dito governador n'estes actos deu assumpto a varios discursos. A escravatura foi vendida em hasta publica, em vez de se com ella amanhar as fazendas de gados, visto serem quasi todos vaqueiros. Este foi o fim da desgraçada casa do Evora e da sua fazenda de gado vaccum, que fôi unida ás duas do Rei e Sarmento, e que por fim hade ser

contada, se não houver providencia, no numero d'aquellas cousas que já não existem.

138. Voltando a buscar as margens do Rio Negro, em distancia de dezesete leguas de Carvoeiro está o logar de Poiares em terreno planiço, alto e de boa vista. A sua igreja é coberta de palha, como todos os mais edificios. Os ornamentos sagrados, posto que antigos, estão em bom uso: seu padroeiro é S. Angelo. Este logar não tem tido parocho ha muitos annos, e sua população é de trezentas almas. Entre estes dous logares estão os riachos Caburí, e na margem do norte Uampuxí, Uanibá e Cuarú, aonde os moradores d'este logar tem os seus cafezaes e mais estabelecimentos.

139. De Poiares na mesma margem austral, e em distancia de sete leguas, está a villa de Barcellos do Rio Negro: sem embargo de pretenderem os magistrados actuaes mudar a séde do governo para a barra d'este rio, comtudo não deixa de ser capital, porque esta nova disposição não prova de se haver transferido a capital para a Barra, que ainda depois se tem como d'antes dirigido os diplomas e cartas regias para a posse dos governadores e ministros d'aquella capitania a Barcellos, e não á Barra, visto que á camara d'aquella villa pertence dar-lhes posse do governo, como se viu do ultimo governador e do ministro actual. Portanto da residencia dos governos e Junta da fazenda, digo provedoria, não se póde concluir que a Barra tenha direito de capital; é preciso lei, e esta deve ser publicada: logo o governador Victorio da Costa commetteu o absurdo despotico de mandar demolir os edificios reaes, que ennobreciam e aformoseavam esta villa capital: logo não era conveniente convidar os habitantes a deixar os estabelecimentos de que subsistiam a passarem-se á Barra, confiados na palavra ôca de auxilio, protecção e favor.

140. Depois que por ordem regia se passou o brigadeiro Gama da Barra a Barcellos, d'onde sem ordem positiva se tinha mudado (o que lhe occasionou a morte), ficou sendo esta villa objecto de odio, e como terra amaldiçoada e interdicta ao successor Victorio da Costa, sendo ella victima innocente. No anno de 1816 mandou este governador a um dos seus genros, Francisco Ricardo Zane, Italiano de

nação, demolir todos os edificios reaes, excepto o palacete, igreja e provedoria; que na execução de algum modo se pareceu a Nabuzardan, privado de Nabuco; deixando tambem os d'alguns pobres moradores, que não quizeram annuir ao convite de se passarem para a Barra.

141. Alli estão montões de portas, janellas, telhas, tijolos e taboados, com bellas ferragens. A igreja é de boa construcção, com bons ornamentos e muitas sagradas imagens. As suas extensas ruas não são senão formigueiros, a que chamam issáuba, que incommodam bastantemente, introduzindo-se de noite nas casas. Não tem tido parocho desde que morreu Luiz Coelho Chucre em 1819, que era alli parocho e foi vigario geral da capitania. Comtudo a sua população chega a quinhentas almas.

142. Obtendo o Sr. João Pereira Caldas, commissario das reaes demarcações, licença para se recolher á côrte de Lisboa, ficou-lhe succedendo Manoel da Gama com o governo civil e economico da capitania. O primeiro passo que deu foi expulsar o Hespanhol do Rio Negro; o segundo fixar o seu quartel ou residencia na Barra, aonde fez e erigiu alguns edificios. O successor Victorio da Costa, apezar da terrivel lição que se deu ao seu antecessor, não só se passou para a Barra, senão que mudou para ahi a séde dos governadores, e juntamente a provedoria. Eu bem sei que esta translação era não só necessaria, senão indispensavel para os expedientes do governo e regimen da capitania, que os antigos fundaram com pouca reflexão e inconsideradamente em Barcellos, que é pesadissimo não só aos particulares, senão a todo o commercio, talvez porque n'esse tempo estivesse mais povoado o Rio Negro que o Solimões.

143. Devo dizer a opinião de todos os sensatos, attendendo á exigencia do tempo presente, relativo á translação da capital, que não deve fixar-se na barra do Rio Negro, senão na missão a que chamam Villa Nova da Rainha; não só por ser o primeiro povoado da comarca e conveniencia do commercio, mas pelos attributos que tem esta missão, de que se fallou nos §§ primeiros.

144. Entre Poiares e Barcellos só desagua na margem austral o riacho Uuatanarí duas leguas abaixo de Barcellos, e na margem do norte Uirauaú, Zamuru-uaú, e Buibaí fronteiro a Barcellos: e na distancia de dezeseis leguas está o logar de Moreira, com a população de sessenta a setenta almas. Este logar não tem mais edificio que a igreja por ser de boa construcção, com bons ornamentos e casa da residencia dos parochos, que aquelles poucos moradores conservam com cuidado, talvez com esperança de que alguma vez ainda tenham seu parocho.

145. Na distancia de Barcellos a Moreira desaguam na mesma margem austral os rios medianos Barurí e Quiuni correspondentes aos do Jupurá, como se disse no tratado d'aquelle rio, e os riachos Arataí e Quemeuerí. E na margem do norte o rio Araçá, em cuja margem oriental outro denominado Demenêni; aquelle de agua preta e este d'agua branca. N'estes rios e riachos é aonde os moradores de Barcellos e Moreira principiavam a formar os seus estabelecimentos rendosos, quando o terremoto politico transtornou toda a ordem, e se perderam.

146. Distante de Moreira dezesete leguas está a villa de Thomar á mesma margem austral, em terreno plano e saudavel. Sua igreja é nova e de boa architectura, com seus ornamentos em bom uso. Não tem tido parocho ha muitos annos, apezar das instancias que por elle tem feito a camara d'aquella villa. Já foi populosa em outro tempo; mas depois que se formou em commandancia desappareceram seus habitadores. Sua população chega a quinhentas almas.

147. Na mesma margem austral continuada de Moreira a Thomar faz barra o rio Uarirá, e na margem opposta á esta villa o rio Padauirí de agua branca, e na margem oriental d'este desagua o rio Uexié-mirí. O Padauirí é communicavel com o rio Orinôco pelo rio Umaóça, que desagua na margem direita do ramo dito Orinôco, a que sahe o canal Caxiquirí; não porque o Umaóça chegue a unir-se ao Padauirí, mas porque na parte superior d'este e d'aquelle só medeia um isthmo, que se vence com jornada de meio dia.

148. Principiam d'este rio Padauirí os piassabaes do Rio Negro.

Em todas as margens dos rios e riachos d'este grande rio até ao seu nascimento são piassabaes em tanta abundancia, que jámais póde prevaricar-se este genero de commercio, que com tanta profusão offerece o paiz. Até agora não se tem feito maior uso d'este util genero, á excepção de poucas amarras e espias. Os habitantes servem-se das folhas para cobertura das casas, por ser cobertura duravel vinte annos, melhor que outra qualquer palha.

149. A *piassabeira* é uma especie de palmeira, cuja fructa é oleosa e de bom gosto; de algum modo imita ao *miritim*. Cresce em terra alagadiça ou meia alagadiça, a que chamam *cahatinga*. Em meio da arvore, entre as folhas e a raiz, cresce a piassaba circulando a arvore, de maneira tão unidos os fios que parece taboa. De tres ou quatro arvores forma-se a carga de um homem. Estas de quatro a seis annos de crescimento tem a mesma abundancia.

150. Da villa de Thomar em distancia de tres leguas, á mesma margem austral, está o logar de Lamalonga, com a população de cento e quarenta almas. Não tem parocho porque Thomar o não tem, pois o d'esta villa costuma a servir á igreja d'este logar por lhe ficar perto. A sua igreja é coberta de palha, como pela maior parte todas as mais d'este rio, cujo padroeiro é S. José, esposo de Nossa Senhora. Os seus habitantes, bem como os de Thomar, vivem dos seus cafezaes e fabricas de anil e farinhas. Defronte d'este logar só desagua o riacho Anhorí, que despeja no canal chamado Uatanarí.

151. Em distancia de dezesete leguas está o logar de Santa Izabel na margem do norte, com a população de seiscentas almas. Não tem tido parocho, apezar dos esforços e diligencias dos seus moradores que tem feito por um sacerdote para seu parocho. Os seus habitantes occupam-se nas colheitas dos seus cafés e nas fabricas do anil e mais agricultura. Entre Lamalonga e Santa Izabel desaguam á margem austral os riachos Chibarú e Mabá, e na do norte o riacho Yaiá.

152. Na mesma austral e defronte de Santa Izabel desembocam os rios Eurubaxí, Unuixí e Uayuaná, todos de agua preta, e mui abundantes de peixes e tartarugas. As suas barras são estreitas, porém os seus cursos extensos, em que ha muitos lagos e riachos, que

se communicam com o rio Jupurá, como se disse no § 57. Estes são os rios aonde se colhem muitos centos de arrobas de puxiri, um dos generos que entra no mercado do Pará. Não consta que em outra parte da provincia o haja senão n'esta altura.

153. Na distancia de dez leguas á margem austral está o logarejo da Boa Vista em sitio mui aprazivel, cujos habitantes pertencem á freguezia de S. Gabriel, a que commummente se diz parte superior. Em outro tempo numerava-se a população d'esta freguezia de S. Gabriel em tres mil e vinte almas, quasi todos Indios; hoje não tem a terça parte. Esta numerosa população era repartida por logarejos para commodidade da agricultura, que eram anizaes, farinhas, arroz e feijão, de que se mantinham aquelles habitantes, cujos logares ou logarejos irei notando com suas distancias.

154. No espaço de quatro leguas da Boa Vista está o logarejo de Castanheiro Novo á margem do norte, e no seu intervallo ao mesmo norte fazem barra os rios Marauiá, Inabú e Abuará, todos de agua branca, e tem cacoaes e salsaparrilha junto ás serras. Na distancia de outras quatro leguas de Castanheiro Novo, á mesma margem do norte, está o rio Cababuri, que tem communicação com o canal Quixiquiari pelo rio Umarinaui, que desemboca na sua margem, e este no grande Orinòco, por cuja cautela mandou o Sr. João Pereira Caldas se formasse uma povoação com o nome das Caldas para evitar aos Hespanhóes a entrada por este lado; cuja povoação se extinguiu, como todas as mais, depois de vinte annos de duração. Suas aguas são brancas, mui abundante de caças, peixe e tambem de insectos, a que chamam piúm.

155. Da barra do rio Cababurí, fronteiro pouco acima á margem austral, está o logarejo de Maçarabi, com mui pouca população. Nos seus portos tudo são cachopos e violentas correntezas; para lá chegar precisa-se de um experimentado e destro practico.

156. Em distancia de oito leguas está o logarejo de S. José, á margem do norte. Foi esta povoação de uma só familia, que constava de oito a novecentas almas. D'ahi a quatro leguas a povoação de Castanheiro Velho, e defronte a margem austral o logarejo de

S. Bernardo de Camundé, que já não existe por deserção dos seus habitadores. D'ahi mais a oito leguas está a povoação de S. Pedro, constante a sua população de quatrocentas almas.

157. Entre as povoações de Camundé e S. Pedro, á margem austral, estão as barras dos rios Marié e Curicuriaú, distante um do outro cinco leguas, em que a natureza offerece piassabáes em toda a sua extensão, habitados pelos gentios da nação Macú. Na margem occidental do Curicuriaú e austral do rio Uaupé, como se explicará quando d'este rio se tratar, ha um canal chamado Inebú, por onde se passa d'um a outro rio.

158. Oito leguas distante de S. Pedro está a povoação de Camanaú, onde é indispensavel ir por entre medonhos cachopos para dirigir a viagem a S. Gabriel, que fica superior quatro leguas. Em todo o espaço d'estas quatro leguas está o rio occupado e cheio de cachopos e cachoeiras, sendo as mais famigeradas, pelos naufragios que ahi tem havido, Salto do Veado, Cujubim, Furnas e Paredão. Nos portos de S. Gabriel são as cachoeiras intransitaveis. No rio cheio varam-se as canôas por terra, e em vazio passam com difficuldade.

159. Fortaleza de S. Gabriel foi fundada na margem septentrional do Rio Negro, sobre cachopos, cachoeiras e caldeirões, na latitude austral de quarenta e quatro, trinta e um, quarenta e cinco. No mesmo sitio da fortaleza está a povoação annexa, que com as outras mencionadas dos logarejos fazem a freguezia de S. Gabriel, constante sua população, com todas das povoaçõeszinhas, em 1,200 almas. Não tem tido parocho ha muitos annos; a igreja é perfeita no risco, porém muito antiga e coberta de palha, por isso bastantemente arruinada: os seus ornamentos estão indecentes; os que pertencem ao altar já causam tedio de sujos pelo uso. Está em um grande planiço de uma elevada eminencia.

160. Logo acima de S. Gabriel houve a povoação de S. Miguel, e mais acima quatro leguas outra com o nome de Santa Barbara, aquella com duzentas almas, e esta com oitocentas, que as mudas e as levas semestres de gente de um e outro sexo para a Barra extinguiram, ficando os seus logares em campina. O resto da população

incentrou-se nos matos, porque nada mais sensivel se póde fazer ao gentio Indio do que tirar-lhe os filhos dos seus lados, principalmente sendo ainda boçaes.

161. Na distancia de dez leguas de S. Gabriel está o grande e rico rio Uaupé, de agua branca, e tem a sua barra no lado meridional do Negro. O seu curso é do occidente, parallelo aos rios Negro, Içana e Xié, de que se tratará mais adiante. O seu nascimento tem-o em uma serra do novo reino de Granada. Ha comtudo noticia participada pelos Indios de que o Uaupé nasce e é ramo de um grande rio caudaloso, e de agua branca, que corre para léste, buscando o mar do Norte, que se suppõe ser o rio a que os Indios chamam Auiyarí, não só em razão do seu curso, senão tambem porque do Auiyarí se despede um canal, de agua tambem branca, que sahe á margem do Uaupé.

162. Este rio Auiyarí ou é fonte principal e tronco do Orinôco, ou é ramo; porque navegando-se por elle abaixo, se chega ao repartimento de outro braço, pelo qual se sóbe para entrar no canal Quixiquiarí, que communica com o Rio Negro, de modo que até a altura do Quixiquiari por elle se communica o Rio Negro com o chamado Parauá, e do Quixiquiari para cima, é a communicação do Rio Negro com o dito Auiyarí; ao qual iam os Portuguezes, no tempo em que era permittido o resgate do Indio gentio, pelos rios Tiniuini e Yanitá, que desaguam na margem septentrional do Rio Negro, superior ao Quixiquiari, passando do Tiniuini e Yanitá immediatamente ao Atacaú, que desagua no oriental do Yatanapú, e este no occidental de Iniridá, que faz barra na austral do dito Auiyarí.

163. Na entrada da barra d'este rio Uaupé á margem austral está o logarejo de S. Joaquim do Coané, ultima povoação pertencente á freguezia de S. Gabriel, com outra nova n'este mesmo rio, de que se dará noção. Observei n'este logar ser o capim das ruas cuminho, que nasce e cresce de natureza, o que não vi em mais parte alguma do Rio Negro, de tal sorte que quando se capinam as ruas fica a atmosphera aromatica.

164. Em distancia de vinte e cinco leguas de S. Joaquim desem-

boca na margem austral d'este rio Uaupé o rio Tiquié, depois de deixar na margem opposta o riacho Macuí. Por este rio Tiquié se vai ao Apapurí, que despeja no Jupurá, como se disse no § 57. Em rio cheio vai-se d'este áquelle em canôa ligeira por pantanaes, e no verão caminhando por terra pouca distancia. O Dr. mathematico José Simões de Carvalho foi por este rio ao Jupurá, e o Sr. Gama, antes de ser governador, passou ao dito Jupurá pelo rio Capurí.

165. N'este rio Tiquié se acharam, e agora se acham pedras, que depois de examinadas e fundidas mostram ser de prata excellente. Em distancia mais tres dias de viagem pelo Uaupé, se chega a umas grandes catadupas e a uns grandes caldeirões, que indispensavelmente se devem passar com notavel perigo para chegar á povoação, porque o lado opposto é intransitavel por um grande paredão de pedras: depois mudaram a povoação para baixo das catadupas ou cachoeiras, sitio em que presentemente está.

166. As nações que habitam n'este grande e opulento rio são: Tarianos, Uaupé, Coeuana, Quereruri, Uananá, Cubeuána, Bureuarí, Mamangá, Panenuá, Tucána, Pirá e outros. No anno de 1793 o principal Calisto e seu irmão Bernardo souberam alliciar os animos dos gentios Tarianos da sua mesma nação e seus parentes, com quem formaram uma grande povoação com o nome de S. Calisto Papa, composta do dito gentio ou nação Tariana, addicionada com parte das nações Pirá e Tucána, em uma grande ilha de terreno alto entre cachopos, acima ainda das grandes catadupas indicadas no § antecedente, por isso isolada. No mesmo anno sendo eu parocho de S. Gabriel, ahi fui mandar formar uma igreja, aonde podesse celebrar com decencia missa e os mais sacramentos; para o que pedi do armazem ao commandante a ferramenta de carpintaria com que os mesmos Indios gentios trabalharam e fizeram as portas e janellas.

167. Em Julho do anno seguinte, depois de desembaraçado das confissões annuaes, preveni-os a virem buscar-me para aquella nova povoação, aonde disse missa, e administrei o sacramento do baptismo a duzentas e cincoenta e tres crianças de um e outro sexo. No se-

guinte anno administrei este sacramento a quatrocentas e dezeseis ditas. Era cousa admiravel ver com que avidez concorriam os gentios dos centros a trazerem seus pequenos filhos para se baptizarem, e que com effeito baptizei em numero de seiscentos e sessenta e nove filhos dos indicados Tariano, Pirá e Tucána. Não me consta que jámais lá fosse algum sacerdote depois do meu regresso de S. Gabriel para Thomar, e que se désse o minimo impulso para o augmento d'aquella nova missão. Não pude numerar a totalidade dos adultos, porque uns vinham e outros iam por occasiões, o que só por tempo se poderia realizar.

168. Devo referir um facto que me enterneceu, que vem a ser: no anno seguinte, na minha estada n'aquella povoação, em um dia de tarde se commoveu todo o povo d'aquelle logar com a chegada de um Indio centenario, que me vinha pedir o baptizar-se, dizendo « que Deus lhe tinha dilatado a vida para se baptizar, e que de todo o coração desejava ser filho de Deus. » Eu lhe disse que não só devia saber os dogmas necessarios para a salvação, senão de amar a Deus como redemptor. Depois de uma conferencia de quatro dias, em que lhe ensinei a dispôr-se, lhe conferi solemnemente o baptismo, sendo eu mesmo seu padrinho, porque não havia alli quem o quizesse ser, por serem todos seus netos até quinta geração. Das conferencias que tive com este gentio não só colligi estar a religião catholica espalhada entre elles, senão terem tal ou qual discurso de philosophia. No anno seguinte á minha ida áquella povoação achava-se no seu lar distante.

169. Notei que as Indias Tarianas traziam pendentes nas orelhas chapinhas ou folhetas de ouro: perguntei d'onde lhes vinham, disseram-me que eram compradas ao gentio Panenuá, habitador das cabeceiras do rio Uaupé, a troco de sal e pennachos. Subsiste comtudo a duvida d'onde a elles lhes venham. Notei mais que não ha entre todas as nações habitadores d'este rio a doença a que chamam gallico, que assim me asseveraram todos os gentios, e talvez por isso haja entre elles muita propagação.

170. Occupam-se estes gentios, os homens em fazerem roças de

mandioca e colherem alguma salsa, e as mulheres em fabricarem *carajurú*, e sal de hervas a que chamam *carurú*. Estas, nascidas em pedras que formam os cachopos, sêccas ao sol, queimadas e reduzidas em cinza, formam decoada, que depois de fervida ao fogo até ficar em consistencia de extracto é excellente sal branco. Carajurú é vegetal e especie de cipó: colhidas as folhas e fervidas ao fogo, bem como o *urucú*, que tambem se reduz em forma de extracto posto ao sol, é um pó subtil. Serve de trafico entre elles para commutação de generos necessarios. É cousa admiravel ver o concurso de caças, e bandos de pombas e papagaios que correm a comer dos carurús nos mezes de Julho e Agosto.

171. Todos os Indios das nações gentilicas do Rio Negro não tem signaes ou deformidades industriaes, á excepção dos do rio Uaupé, e Uerequena do rio Içana, como adiante se noticiará. Da anthropophagia só se abstiveram as nações do Uaupé; as mais a praticaram com excesso e demazia, e ainda praticam nas suas terras. Os gentios habitadores do Uaupé tem um pequeno furo entre a cartilagem e extremidade inferior das orelhas, e outro no beiço inferior, entre a barba e extremidade inferior do mesmo beiço. Sobre os peitos trazem umas pedras brancas, côr de leite, solidas, roliças e bem levigadas, de figura cylindrica e de duas pollegadas e meia de diametro, presas ao pescoço por um cordão de fio introduzido por um pequeno furo, que fazem artificialmente pelo meio de uma extremidade a outra, e lhes servem de distinctivo. Os principaes a trazem de cinco pollegadas, os nobres pouco ménos, e os plebeos muito mais curta.

172. Os cachopos terão de extensão rio acima duas leguas, e d'estes até á barra o rio Capurí, indicado no § 125, que fica á margem austral, e na qual desagua mais acima o rio Cauedeá. Na barra do Uaupé se acabam as cachoeiras e cachopos do Rio Negro. D'ahi uma legua está o logarejo de Santa Anna á margem do norte, já pertencente á freguezia de Marabitanas. D'ahi a sete leguas está o rio Içana á margem austral. O seu curso é dilatado, e desce de oéste para léste, parallelo ao Uaupé e Xié: é habitado das nações Baniña, Tumayarı, Turimarí, Deçana, Puetana e Uerequena.

173. Os Indios da nação Uerequena são anthropophagos, e tem o distinctivo de trazerem as orelhas furadas nas cartilagens inferiores, em que mettem pedaços roliços de páo, de modo que a alguns já lhes chegam as orelhas aos hombros á força do uso dos paos. Os homens gentios habitadores d'este rio são bellicosos e fortes. Em 1787 o sargento Miguel Archanjo, conhecido pelo nome de Sargento da rainha, foi a este rio á agarração de gentios, a que na sua phrase se dá o nome de descimento, com trinta praças militares, armados de polvora e bala, e outros tantos Indios com cordas. Sorprenderam uma povoação de gentios, dos quaes escapando os homens, amarraram as mulheres e as conduziram comsigo em volta viagem; foram por elles (gentios) acommettidos com varios assaltos e balroadas, que não só perderam a presa, senão armas, mantimentos e as mesmas vidas, se não fossem tão ligeiros. D'aqui se póde inferir que os gentios são tão bellicosos como outra qualquer nação, havendo quem os capitaneie, mormente tendo em seu favor a justiça da sua causa.

174. Da barra do rio Içana em distancia de duas leguas, n'esta mesma margem, está o logarejo que foi de S. Felippe, pertencente á freguezia de Marabitanas, como tambem o logarejo de Nossa Senhora da Guia, distante d'aquelle outras duas leguas Segue-se em distancia de oito leguas a povoação de S. João Baptista de Mabé á margem septentrional, tambem pertencente a Marabitanas. Quatro leguas acima d'esta povoação desagua na margem austral do Rio Negro o rio Xié. O curso d'este rio é parallelo ao Içana e Negro. Entre elle e o dito Içana ha uma grande serra, a que dão o nome de Tunuí.

175. Em distancia de nove leguas do Xié está a fortaleza de Marabitanas, com o logar annexo, á margem austral, em uma grande enseada do Rio Negro em 39.° 22' 20'' de latitude boreal. Esta povoação é a ultima freguezia da provincia do Rio Negro e do bispado do Grão-Pará. Sua igreja é coberta de palha como todas as mais casas; seus ornamentos arruinados pelo muito uso do tempo. Sua população, com a dos logarejos annexos, é de quinhentas almas.

176. Toda a parte superior do Rio Negro até o seu nascimento, com todos os rios seus tributarios, e gentios seus habitadores, nos tomaram os Hespanhóes, construindo na distancia de quinze leguas de Marabitanas a fortaleza de S. Fernando á margem austral, e defronte á margem septentrional a casa forte com quatro canhões de pequeno calibre, na mesma povoação de S. Carlos, onde é o quartel dos commandantes.

Generos exportados da provincia do Rio Negro para a do Pará em todo o anno de 1819, segundo o mappa que me foi apresentado pelo Sr. governador Manoel Joaquim do Paço, sargento-mór das tropas do Maranhão.

5,045	arrobas de tabaco.	a	8$000	40:360$000
3,512	ditas de salsaparrilha.	a	9$000	31:608$000
5,936	ditas de café.	a	3$200	18:995$200
1,948	ditas de cravo fino.	a	6$400	12:467$200
1,800	ditas de cacáo.	a	1$600	2:880$000
10,425	ditas de peixe.	a	1$280	13:344$000
8,034	potes de manteiga de tartaruga	a	3$200	25:737$600
11	ditos de mixira.	a	2$000	22$000
17	ditos de cupaiba.	a	3$000	51$000
733	pollegadas de piassaba	a	3$000	2:199$000
10	arrobas de anil.	a	32$000	320$000
350	ditas de quina.	a	64$000	22:400$000
18	ditas de breu.	a	800	64$800
128	ditas de estôpa da terra. . . .	a	500	64$000
5	ditas de carajurú	a	38$200	192$000
166	alqueires de castanha.	a	200	32$000
190	arrobas de algodão em caroço.	a	800	152$000
220	redes de palha, por outro nome maquiras.	a	320	70$400
	Somma			170:959$200

Dada assim esta breve noção da região fecundissima do Rio Negro, entendo que espera o leitor outra similhante relação dos successos e mudanças do seu governo n'ella succedidas, e é fundada em razão a esperança; pois de outra sorte se offenderiam de mim justamente os senhores habitadores da terra, porque descrevendo-a a ella e seus preciosos fructos, deixasse a elles em silencio e suas obras. Cedendo pois a tão justificada causa, referirei os seus genios e moralidade, e dos senhores governadores a successão militar e politica na administração civil. Assim as mudanças e acções n'elles feitas se propagam e multiplicam, e muito mais no genio militar, em que dominam, pela maior parte, os dous ventos da vingança natural e ambição, que igualmente movem as tempestades em um mar de negocios, que alteram a boa ordem em uma provincia, que se póde considerar ainda no seu estado primitivo e berço da sua infancia. E como as capitaes são as fragoas d'estas idéas e os theatros de todos os movimentos, descreverei primeiramente os governadores d'ella, depois os mais habitantes Indios e brancos.

177. Depois que Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom José, de saudosa memoria, resolveu erigirem-se as aldêas e missões em villas e logares, foi eleito primeiro governador do Rio Negro o sargento-mór Gabriel de Souza Filgueiras, official verdadeiramente militar na honra e brio. Trabalhando incansavel, assim na fórma de governo politico, como no arranjo e prosperidade dos habitantes, melhor se lhe deve dar o nome de pai, que de governador. Com grande sentimento de todos, por ventura sua, foi chamado ao Céo, para se lhe remunerar as suas virtudes. Seu corpo jaz na capella mór da igreja da villa de Barcellos.

178. Joaquim de Mello foi segundo governador do Rio Negro. Afim de se povoar a capitania, e prosperar os seus habitantes, deu todo o impulso. Promoveu os casamentos dos soldados portuguezes com as filhas do Estado, com o intuito á civilisação. Comportando-se com circumspecta prudencia e honra militar, foi Sua Magestade servido eleval-o de governador a capitão general da provincia do Maranhão, aonde deixou memorias indeleveis.

179. O coronel Joaquim Tinoco Valente, terceiro governador do Rio Negro, de quem os habitantes se não podem recordar sem derramarem lagrimas de saudade, portou-se não como governador militar, senão como terno pai para com seus filhos. Foi este o tempo em que cada um dos moradores fez os seus plantios de café de rendimento de quinhentas a mil arrobas, de que se exportavam a somma de muitos quintaes, que tudo se desvaneceu por falta de braços. Conservou a boa ordem da policia, não só tendente á economia do governo e civilisação dos Indios, como assistindo de um grande politico e sabio vigario geral, José Monteiro de Noronha, manteve nitidos os templos sagrados e a veneração devida aos seus ministros. Falleceu em Barcellos, e está sepultado na capella mór da igreja de Barcellos.

180. Ficou regendo a capitania o governo de successão, que não afastando-se do directorio, optimamente governou, sem embargo de que já n'esse tempo baqueava a capitania pela inobservancia do directorio. Este directorio é uma collecção judiciosa das ordens regias, ordens judiciosissimas, fructo de muita luz e experiencia, e não menos zelo pela salvação das almas; porém com grande magoa o digo, que nunca se observaram, pois viam-se nas villas e logares homens não só vindos de Portugal com recommendação, senão officiaes militares da 1.ª linha com o nome de directores commandantes, homens que faziam reverter todo o trabalho dos Indios e Indias em proveito e interesse seu, atropellando assim todas as ordens. N'este tempo subiram ao Rio Negro os dous commissarios para dar começo ao flagello das demarcações. Chamo flagello as demarcações porque verdadeiramente o era; não só porque era um jugo pesadissimo aos Indios, que deviam marchar a varias e assiduas digressões, senão serem obrigados a remar as canôas para Mato-Grosso, aonde devia haver correspondencia, e onde ficaram enterrados muitos centos d'elles.

181. Obtendo licença da côrte para se recolher a Lisboa o primeiro commissario o Ill.^mo João Pereira Caldas, ficou substituindo o seu logar Manoel da Gama Lobo de Almada com patente de go-

vernador. O primeiro passo que deu foi expulsar os Hespanhóes da villa de Ega, que devendo viver como hospedes, se fizeram proprietarios de varias cousas, que só se lhes devia prestar por obsequio. N'esta intelligencia, não podendo responder e contrariar as razões fortissimas, se retiraram á missão do Loreto, fronteiro á Tabatinga. Agradeceram os habitantes esta magnanimidade do Gama, e celebraram com enthusiasmo a acção, que outro qualquer não se animaria pôr em practica.

182. Logo que se retiraram os Hespanhóes de Ega á missão do Loreto, passou a séde dos governadores de Barcellos á Barra, em logar de ser em Villa Nova da Rainha; logar não só proprio, senão preciso e indispensavel ao regimen economico dos expedientes da capitania, que os maiores inconsideradamente e sem reflexão fundaram na villa de Barcellos, talvez porque n'esse tempo estivesse o Rio Negro mais povoado que os Solimões. N'este mesmo tempo fundou a fazenda de gado vaccum e cavallar no Rio Branco, a que se devia dar o nome de obra prima das riquezas da capitania, se tivesse os amanhos necessarios, como acima se disse. É incontestavel que este governador ajuntou sempre á sua honra militar e desinteresse um genio forte e altivo, com que denegriu alguns passos da sua politica no seu governo, como foi o inconsiderado exterminio, para o forte de S. Gabriel, do tenente-coronel engenheiro o benemerito deputado das reaes demarcações Euzebio Antonio de Ribeiros; acção que teria consequencias funestissimas, se chegasse á real presença de Sua Magestade. Fez alguns edificios publicos na Barra, unicos que lá hoje apparecem.

183. Como pelas rivalidades d'este governador e commissario com o general do Pará D. Francisco de Souza Coutinho se suspenderam os subsidios e provimentos, que a fazenda real do Pará dava á do Rio Negro, visto o embolço dos dizimos de generos d'esta capitania, se achou aquelle não menos vacillante que apertado por se ver privado dos ditos soccorros. Porém como a necessidade aguça os discursos do entendimento, lhe suggeriu o arbitrio para subsistencia por meio de braços, instituindo as fabricas dos pannos grossos,

anil, olarias, as culturas de anizaes, cafezaes e algodões, que em suas mãos limpas produziriam grandes vantagens, mas nas de seus successores não tem sido mais que um flagello verdadeiro aos habitantes; porque estes, faltando-lhes os braços, que se tinham unicamente revertido a trabalhar nas fabricas reaes, deviam desistir dos seus antigos estabelecimentos. O que fez desapparecer os Indios das villas e logares até agora, e os cafezaes, anizaes e mais cultura dos particulares reduziram-se ao estado da anniquilação; porque tendo cada um dos lavradores nos Indios parentes, afilhados e compadres para se coadjuvarem mutuamente, faltando estes, ficaram reduzidos ao nada.

184. Quando todos os moradores sensatos esperavam que o Gama désse á capitania melhor forma e brilho por sua localidade e extenção, eis quando surge do inferno a furia da inveja, semeando com o general D. Francisco rivalidades contra o Gama, pintando-o com côres calumniosas, de insubordinado por ter preferido com a sua residencia a Barra á capital de Barcellos sem ordem positiva, aonde diziam tinha a fazenda real despendido grande somma de dinheiro; ao mesmo tempo que aos infames lhes palpitavam os corações com alegria, por verem que taes intrigas faziam impressão no general, e com anticipado sabor de anniquilarem o seu plano projectado. Calumniadores que tomam quantas formas querem, e aventuram escorados na impunidade! Sendo a maledicencia mui fecunda em invenções, principalmente quando acha já mordido o sujeito contra quem vomita as suas diatribes, fez com que viesse ordem do ministerio de Lisboa para o fazer recolher, condecorado com a patente de brigadeiro, novamente da Barra á Barcellos, antiga séde dos governadores. A honra insultada produz no homem necessariamente movimentos e sentimentos, que lhe são superiores a vencerem-se. Falleceu na villa de Barcellos, e jaz n'aquella igreja. Esperava-se tirar das suas eminentes virtudes preciosas vantagens em beneficio da capitania, porém não foi mais que um plano de contraposição á tudo quanto fez, e tinha projectado a fazer: assim levou comsigo para a poeira da sepultura todos os seus projectos.

185. Por seu fallecimento fói governador interino o tenente-coronel José Antonio Salgado, feito pelo general do Pará D. Francisco de Sôuza Coutinho, que o sustentava com todas as suas forças. Mas como poderia governar uma capitania quem não sabia reger-se a si e á sua casa? Com effeito, chegou a sahir no decreto, na lista dos governadores, por governador do Rio Negro. Porém não houve quem lhe emprestasse o dinheiro para tirar a patente, não só por ser já mui decrepito, como por ser mau pagador: assim governou interinamente quatro annos e meio. No seu governo é que se pôz em practica a detestavel agarração de Indios nas aldèas para os serviços, que depois se fez mais odiosa por ser executada por soldados de 1.ª linha, como adiante se dirá; e o peior é que ficou esta practica até agora n'aquella capitania.

186. Com effeito é jugo pesadissimo, e consequentemente insupportavel, recolher-se o Indio casado ao seio da sua familia dos differentes serviços publicos sem salario ou paga do seu trabalho, depois de muitos mezes ou anno, e ver a sua pobre cabana cercada de soldados para o amarrarem e entroncarem e conduzirem novamente aos serviços. Oh deshumanidade! ficando sua mulher sem roça de mandioca para sustento dos seus filhinhos, e sem ter quem lhe espeque a casa, assim sem pão nem sustento, só em Deos e na compaixão publica acha o soccorro. Parece que os governadores portuguezes olham (como observei) as tribus indianas como de outra especie unicamente accessoria, de que se devia tirar proveito. Urdiu as intrigas entre o Gama e D. Francisco, que foi causa da morte d'aquelle; como tambem concorreu para o exterminio do tenente-coronel João Henriques Wilkens para Mato-Grosso, talvez por receiò que lhe fizesse sombra, empenhando-se com o general D. Francisco de Sousa Coutinho.

187. Succedeu-lhe José Joaquim Victorio da Costa, que serviu nas demarcaçoes na faculdade de mathematico. Todos os habitantes fictaram n'elle os olhos por meio de memoriaes, esperando se commiseraria das suas pobrezas, visto ter d'ellas bastante noção: tudo succedeu pelo contrario. As necessidades do paiz foram sacrificadas ao

egoismo. Não foi possivel descobrir-se algum melhoramento á capitania nas suas providencias. Assim mesmo devia ser, porque qualquer que seja insaciavel do poder, querendo attribuir tudo a si como ponto unico, uma vez armado de auctoridade, ora lisongeando a uns que tem alguma intelligencia, e atterrando a outros, é facil fazer calar as leis do soberano, e erigir-se em arbitro supremo; desde logo as suas vontades vem a ser ordens irrisistiveis, porque elle é ao mesmo tempo o legislador.

188. Apenas tomou as redeas do governo, desceu de Barcellos á Barra, ordenando a todos os moradores, que o quizessem seguir, que o fizessem. Muitos despovoaram Barcellos, deixando suas propriedades e estabelecimentos (que muito mal fizeram) para tentarem nova e melhor fortuna. Prohibiu que Indio ou India d'alli em diante jámais servissem aos lavradores ou a outro qualquer particular, affectando assim dar maior impulso ás fabricas reaes; porém foi unicamente para formalizar-a sua chacara do Taromá e outras dos seus genros Francisco Ricardo Zani, José Simplicio e Marcello, em que occupou a terça parte dos Indios do Rio Negro, mudados de seis em seis mezes; que sendo forçados na vinda das suas povoações, lhes deixavam o regresso em seu arbitrio; e de mais a mais sem paga dos seus trabalhos. Mas que tem feito de melhoramento á capitania estas chacaras, que com tanto estrondo e vexames se fizeram? É comprometter-se em salarios dos operarios, que até agora ainda se não pagaram.

189. Por consentimento do governo do Pará, ou antes por meio de preces importunas do governador do Rio Negro, se impôz em 1808 as fintas de farinhas, que duraram até 1820, pagando os lavradores, além dos dizimos, de tres alqueires de farinha um á fazenda real, imposição tão geral, que nem os mesmos mamposteiros da bulla exceptuava. Para arrecadar estas fintas erigiu as villas e logares em commandancias militares, em despeito dos corpos municipaes a que chamamos camaras, um dos mais bellos monumentos dos nossos maiores. Pela correspondencia todas as commandancias eram como fios estendidos e conduzidos a um unico centro, e que se tornavam as-

sim o instrumento formidavel que movia a massa de trinta povoações, e as fazia obrar á sua vontade. Esta correspondencia dos commandantes, com a preeminencia que os tirava da poeira, era o titulo de vexame aos povos. Quando se conhece até onde podem conduzir-se as paixões violentas, susceptiveis de tomar impunemente seu vôo, é então facil de prever todos os excessos que devem naturalmente d'ahi resultar. O maior cuidado dos commandantes, ou fosse por instrucção privada, ou naturalmente, era envilecer os parochos no exercicio das practicas religiosas, que elles exerciam com zelo infatigavel, até violar a sagrada immunidade das suas pessôas.

190. Eu não sei se é o clima da terra, ou o cargo que occupam, que influe n'estes individuos um espirito de soberba, de emulação e de intromettencia, pelo modo com que costumam palliar seu animo, principalmente para com os parochos e moradores. D'aqui sem duvida nascerá aquelle flato, que correndo todo o corpo lhes sobe a fazer delirante a cabeça, para presumirem que são senhores de todos os usos e fructos da terra que demarca o ambito da sua commandancia. Ora não é isto inculcar um dominio absoluto, ou fazer com que os miseraveis Indios, levados pela sua ignorancia, lhes tributem uma sujeição servil como de escravos? Parece que no equilibrio da razão pouca differença mostra! Não foram certamente as armas que pregaram a religião catholica aos gentios do Amazonas, e os fizeram unir nas povoações, mas sim os missionarios pelos suaves meios da persuasão; e prova quanto a razão humana é insufficiente para julgar da sabedoria dos decretos do Eterno.

191. Não obstante as lagrimas e gemidos da desolada viuva, carregada de filhinhos; do pobre desgraçado, que não possuia mais que uma rocinha de mandioca para seu sustento, os satellites lh'a avaluavam em grande numero de alqueires, e lhe faziam exhibir as fintas. Como a theoria do governo era oppressiva e geral, surgiu n'aquella capitania uma maldita intriga misturada com calumnias entre os commandantes militares, camaras e moradores pacificos, de que foram victimas alguns dos ultimos, como José Antonio Pinheiro, juiz da Fonte-Boa, o qual morreu lan-

çando sangue das pancadas que o commandante de Ega, José Coelho d'Abreu, lhe deu; os Indios Raimundo de Nogueira, o filho do capitão Calisto de Ega, que logo morreram das rodas de páo: outros com effeito escaparam com sangrias e soldas que tomaram. O successor d'este commandante; o capitão de primeira linha Francisco Videira Zuzarte, bem se distinguiu com as prisões de calabouço, ferros e gonilhas, castigos extraordinarios nos vereadores da camara da villa de Ega, e que bem deu a conhecer a mesquinha politica e sempre acanhada em suas vistas com que cimentou o seu governo, para que reduzidos os povos á ultima desesperação se retirassem aos centros dos matos, a trocar um viver, bem que obscuramente languido, ao menos mais supportavel e folgado.

192. Achando a pobre gente indiana o seu recurso na fugida se dispersou, bem como a poeira o é pelo vento rijo, encentrando-se uns nos matos, outros na comarca do Pará, a buscaram asylo á sua desgraça com o peso de suas familias nas povoações d'aquella comarca; e o peior é que até agora, porque se acaso fugindo do serviço buscassem o logar do seu nascimento, teriam a desventura de soffrer o castigo, e ser novamente remettidos ao serviço, e o mais é que ir lá moer a camiza e o ultimo calção sem esperança de se lhe dar outro. Parecia que este governador olhava esta gente só como deposito, de que devia tirar interesse. Os parochos eram igualmente involvidos nas intrigas, não lhes valendo a sua prudencia e boa conducta. Os que se poderam evadir d'aquella capitania o fizeram: e como já se lhes não davam congruas, não tiveram successores. Este foi, sem duvida, o mais desgraçado tempo no Rio Negro: permitta a Providencia nunca mais venha outro igual. Em consequencia explicar o mysterio que perdeu o Rio Negro não é da minha penna: comtudo digo que foram os vexames, serviços sem paga, plantios e fabricas reaes administradas por officiaes e commandantes militares, que á sombra d'ellas saciavam a sua avareza.

193. Vendo o governador a capitania evacuada de gente indiana, permittiu que se fizessem descimentos por meio das amarrações, e

que se vendessem a quem os quizessem. Com effeito parece esta politica um novo parodoxo, talvez privativo d'este governador, contra as intenções beneficas do soberano nos seus alvarás, e novamente na sua carta regia de 12 de Maio de 1798, estabelecendo que os descimentos dos seus vassallos gentios do Amazonas se fizessem por meios pacificos, alliciando-lhes os animos com dadivas á custa da sua real fazenda, da mesma fórma que fizeram aqui os primeiros missionarios.

194. Esta politica dos generaes do Pará e governadores do Rio Negro tem suscitado duas questões, que parecem problemas. O primeiro é que sendo o Rio Negro um paiz tão rico, não possue um morador que tenha possessões ao menos medianas. O segundo, por mais esforços que Suas Magestades Fidelissimas, com seu conselho d'Estado, tenham feito por favorecer o seu vassallo tapuio, então é que se vê mais pisado e acabrunhado. Com effeito, em um paiz em que todos os homens livres tem um direito igual, todos elles devem igualmente gozar d'este direito; e verdadeiramente muito justo é que tendo elles todos obrigação de defender a patria com o seu sangue, gozem todos com igualdade os beneficios que a sua patria prodigalisa: portanto devia abolir-se com exceração os pretendidos privilegios que os homens brancos querem ter sobre o Indio, até marcando-o na côr, quando esta é indifferente no homem.

195. As affeições particulares que caracterisam o governo de José Joaquim Victorio da Costa exigem buril e côres extraordinarias, cuja pintura é necessario pôr aos olhos de todos: não se lhe daria credito, se os vestigios ainda fumegantes d'este incendio physico e moral não attestassem desgraçadamente a sua verdade. Parece que este homem dissimulado e avarento não esperava mais que opportunidade para escavar a mina, extrahir o ouro e guardal-o: mas porque para isso precisava do braço de Francisco Ricardo Zani, Italiano de nação, e de outros, elle mesmo lhes insinua o caminho nas temiveis e afamadas caravanas da escravatura de Indios gentios e crioulos do Rio Negro, cujo resultado é (e continuará a ser) a desolação em que jaz actualmente, subjugada e oppressa por tantos

tyrannos. É impossivel que o governo de successão do Pará ignorasse a desolação do Rio Negro, á vista de tantos memoriaes que se lhe fez: pelo contrario, parece que tomou sobre seus hombros a perda d'aquella capitania, com o consentimento das fintas de farinhas por doze annos; e que de mãos dadas com os algozes, projectava abandonal-a á discrição dos seus oppressores, pela surdez com que ouvia os clamores e as vozes da razão e da justiça.

196. Apenas soube Victorio que lhe vinha successor, em **1818**, escreveu a todas as camaras um officio, que continha estas expressões: «É-me preciso que Vm.ces passem sua attestação do bom ou máo governo que fiz, segundo o plano que adoptei para a regencia da capitania.» Acompanhava este officio a substancia das expressões das camaras em suas futuras attestações. Apoiava esta eloquencia a força armada dos commandantes que em todas as villas haviam. Hesitaram as camaras; porém ameaçados dos commandantes seus membros com o degredo de S. João do Crato e Marabitanas, subscreveram as attestações. O que deviam elles fazer, estando elle ainda em pleno gozo do poder? Ficarem desgraçados pela negativa d'uma assignatura? Comtudo a camara da villa de Serpa teve a coragem de lhe responder á sua circular—que como aquella corporação não tinha conhecimento do plano de S. S.a, não podia passar a attestação pretendida. Honrada camara de Serpa! nem o grande senado de Athenas decidiu com mais justiça as causas pendentes! Assim poderá justificar o seu bom governo com sete attestações das sete villas, excepto com a de Serpa, que é a oitava do districto do Rio Negro.

197. Em **1818** tomou Manoel Joaquim do Paço posse do governo do Rio Negro em Barcellos, e logo se recolheu á residencia da Barra. Parece que á porfia, emulação e empenho, pretendiam os governadores dar o ultimo golpe á capitania quasi inanimada, pois se excediam uns a outros n'esta materia. Em tudo seguiu o plano do antecessor, conservando a mesma praxe na arrecadação das fintas de farinhas; as commandancias militares nas villas e logares, só com a differença de vender aos officiaes militares as commandancias

por oa somma de dinheiro. Erigiu uma pequena ermida, seiscentos passos abaixo da povoação da Barra, com o titulo de Nossa Senhora dos Remedios (que já está demolida, e que estava por acabar-se). Á sombra d'esta capella extorquiu uma grande somma de dinheiro dos pobres habitantes da maneira seguinte: tomou em relação os moradores que tinham mais ou menos seu arranjo, e ainda aquelles que só tinham credito; a cada um d'elles mandava vir de cada vez e por seu turno, arguia-lhe o crime do cordeiro pelo lobo da fabula, e sem mais prova o deixava passear na Barra, e lhe impunha a taxa da esmola para os Remedios, de quinhentos, quatrocentos e trezentos mil réis. Os seus abominaveis sequazes, que lhe faziam praça vasia, pintando-lhe mysterio, o persuadiam que diminuisse a taxa imposta, affectando commiseração da victima. O peior era abrir-lhe a taxa, que se lhe não moderava nem cinco réis.

198. O pobre morador, que se achava entre Scylla e Charybdes, e que sabia a falta que fazia no seio da sua familia, desembolçava a quantia, ou a pedia emprestada para a dar. E se era convivente, tambem dava a cêa ao senhor governador, que lhe importava de 60$ a 80$ réis. E não é isto roer os ossos da victima do seu antecessor, que lhe tinha comido as carnes? Estes factos foram estrondosos, e não podia o governo geral do Pará ignorar. A quem deveriam os moradores recorrer, ao inexoravel e desapiedado governo do Pará? Elles sabem que mudados os despotas, continúa o despotismo!! Elles observavam um silencio apathico e de mão consummado. Estes objectos eram da maior urgencia; todavia nunca lhe deveu maior attenção, antes parece que se empenhava a dar-lhe o ultimo golpe.

199. No principio do anno de 1820 mandou recrutar pelos commandantes todos os soldados solteiros da 2.ª linha, e todos o filhos dos moradores que tivessem doze annos de idade, para soldados da 1.ª linha. Os pais ou parentes que tiveram a somma 200$, 100$ e 80$ réis, compravam os filhos para não serem soldados ao governador: até finalmente uma pobre viuva da villa de Silves, Theresa de Belém, não possuindo mais que as suas joias, as vendeu

para resgatar por 50$ reis a seu filho unico, que lhe servia de arrimo. Mui vigorosa deve ser a compleição e constituição physica do Rio Negro, porque por mais diligencia que se faça para a matar, sempre surge, ainda que moribunda.

200. Impôz a todos os concorrentes á capital da Barra a pagarem o redizimo dos generos de que já tinham pago o dizimo; v. g. de farinhas, das roças que já foram avaluadas pelos financeiros (commandantes), arrecadando os dizimos, juntamente com as fintas; e assim de tudo o mais, até dos passarinhos xirimbabos, que depois de avaliados exigia a decima parte do preço: para o que fez um só porto na Barra com impertinente interdicto, sem excepção de pessôa, aonde eram as canôas registadas pelos soldados, almoxarife e escrivão. Dizia francamente que o governo da capitania lhe custára na côrte do Rio doze mil cruzados, e que era preciso desforrar-se. Emquanto a sua ambição e avareza eram desmarcadas, a sua immoralidade, principalmente nos vicios da incontinencia e ebriedade, e outros actos obscenos, horroriza em toda a expressão do termo aos que estiveram ao seu alcance. Accrescenta-se finalmente que foi favor grande do Céo não durar o seu governo tanto tempo como o de José Joaquim Victorio da Costa.

201. Tal era o estado de oppressão d'aquelle paiz quasi inanimado, quando no Pará se romperam os grilhões do despotismo, cujo som á maneira de raio no mesmo instante foi transmittido inopinadamente pelo governo civil aos povos do Rio Negro, e pousando nas azas dos ventos pelo Amazonas, se fez transmarino. Debalde se oppôz o actual governador despota a impedir a reedificação do novo systema, que desde o maior até ao mais minimo achou ser seu adversario. Oxalá que a Divindade protectora, inspirando ao soberano, córte os fios ás arbitrariedades e despotismos que tem acabrunhado o Rio Negro, e descubra algum meio com que se reduza as particulas, que ainda até agora ficaram em pó, extinguindo assim sua vara de ferro. Deus Omnipotente, rematai os vossos beneficios, concedei-nos o que fôr de proveito para nós. E se as noites produzirem ou occultarem pesti-

feras intenções de homens máos, de que nos provenha algum mal, espalhai-as, Senhor, assim como a luz dissipa a escuridade.

202. Parece que se tem assaz mostrado que as oppressões e a desmarcada avareza dos governadores com seus favoritos são causa da pobreza do Rio Negro. Como até agora não tem predominado o bem publico, senão o sordido interesse dos magistrados, principalmente n'estes ultimos tempos, pouco se lhes davam cortar a arvore pela raiz, comtanto que lhes colhessem os fructos se quer uma só vez. D'este modo os miseraveis e desgraçados Indios ficaram dos outros dispersos, opprimidos não só com as contribuições das farinhas, que deviam ser pagas infallivelmente á risca, se não em continuo serviço, até serem immolados nas aras da eternidade, como victimas condemnadas a servirem toda a vida; porque no Rio Negro é olhado o Indio pelos Europeos como animal de outra especie.

203. Os habitantes adjuntos, que todos são soldados auxiliares, como milicianos, eram entregues aos commandantes; jaziam debaixo das armas em serviço vivo, montando guardas diariamente, com grande prejuizo das suas casas, quando ouvia-se dizer que a guerra andava na Europa. O unico recurso que restava era como indefesos emmudecerem-se com a vehemencia da sua dôr; pois os ditos commandantes, como os de tropa regular, não faziam senão denegrir os seus creditos com razões invenenadas para melhor empolgarem os gryphos da sua avareza. Felizmente toda as discussão de materias relativa a estes objectos são no tempo presente quasi superfluas, pois em breve temos de ver uma ordem de cousas, que até seria impossivel prognosticar, pelo que devo eximir a minha penna.

Observações.

204. Todos os rios d'esta região são deliciosissimos por causa das suas agoas de côr de alambre e dos arvoredos de que vão cingidos e acompanhados; arvoredos muito altos, sempre frescos, e viçosos em todo o anno. Verdadeiramente se póde dizer, e que é opinião de

todos, que o Estado do Rio Negro é uma situação disposta pela natureza com todas as commodidades para vir a ser o jardim mais bello do mundo; sómente se precisa de braços para pôr em movimento as molas da mesma natureza, e tirar os obstaculos ás producções; porém esta é a grande falta que se lastima, e cada dia mais, porque os Indios, que são os mais proprios para os trabalhos, tanto por serem nacionaes, como por parecerem formados pela natureza para os exercicios do corpo, vão cada dia em uma pasmosa diminuição; contribuindo para isto differentes causas, das quaes a principal é a tyrannia e perseguição dos governadores e magistrados, que querem reverter tudo em seu proveito, atropellando assim todas as ordens de cousas, ficando os habeis lavradores só com os desejos de cultivar a terra, e o Estado e a Europa toda privados das mais ricas e excellentes producções da natureza.

205. Mas considerando só o rio em si mesmo, que magnifico espectaculo offerece aqui a natureza! Como corre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pesadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas que tem recebido de outros muitos rios, seus adjacentes, sempre insaciavel não se demora jámais, e continúa cada vez a adquirir novos augmentos até entregar como tributo ao Amazonas, e este em fim ao Oceano; e confundido com elle, não ter mais nome, nem gloria differente da sua. A multidão de aves que n'elles se vê, principalmente no verão, parece que toldam o céo, matizam os campos com o engraçado da sua pintura; finalmente os papagaios e mais aves, abrindo as azas aos raios do sol sobre verdes ramos, explicam por mil gorgeios a alegria que sentem n'estes logares amenos. Nuvens de gaivotas e mais passaros, voando em torno das praias, fazem ver com os seus gritos que alli tem seus ovos e seu domicilio. Cardumes de peixes de differente grandeza, que acabam de sahir dos lagos aonde se criaram, com a vasante do rio, apparecem tambem volteando sobre as aguas que banham aquella situação encantadora.

206. As visitas pessoaes dos senhores bispos não só são interessantes nas povoações de Indios, senão necessarias. Os parochos

esmeram-se no desempenho das suas obrigações; os máos ou se convertem, ou pelo menos se cohibem nos seus escandalos e desaforos; os bons firmam-se nos santos propositos; reparam-se as igrejas, aformoseam-se os altares, e alli os povos recebem um grande jubilo, não sei se attrahidos por uma especie de magnetismo espiritual, ou movidos do instincto natural do christianismo, porque tudo concorre n'estas povoações para a prevaricação; a liberdade, a nudeza, o clima, o exemplo, a distancia, a falta do medo dos superiores; e só por um effeito singular da divina misericordia poderá uma alma conservar a innocencia, rodeada de tantos perigos.

207. Na hypothese de que se façam novos descimentos e novas povoações, estas não estejam muito distantes umas das outras, v. g. na foz d'um rio, uma d'um lado, outra d'outro: não só para a emulação da agricultura, senão por não ficarem privados os ministros do altar dos soccorros dos sacramentos, como succede em distancia de muitas leguas. A experiencia nos ensina que ainda que instruidos nas maximas santas da religião desde a mais tenra idade, fortificados com tantos soccorros de sacramentos, e outros subsidios que a Providencia tem depositado no seio de uma sociedade politica e christãa, sente comtudo o espirito uma pasmosa debilidade se casualmente nos achamos em logares desprovidos d'estes soccorros, e onde a alma só descobre objectos capazes de a embrutecerem: então é que as idéas se materializam á força de rolarem sobre a terra; não ha emulação, nem pêjo, nem temor, quero dizer, os estimulos ordinarios, que despertam os mais nobres sentimentos do coração humano: os canaes da graça se vão entupindo pouco a pouco, e como se não forceja pelos desembaraçar, eis-ahi em breve tempo o espirito mais robusto não só fraco e esvahido, mas empregado totalmente no lôdo dos prazeres sensuaes.

208. Póde-se affirmar com muita verosimilhança que estas tribus gentilicas ainda estão na sua infancia: como estão debaixo de um céo benigno, nenhuma necessidade tem de repararem as suas carnes contra as injurias do tempo, antes o seu mesmo desmazelo os convida a pouparem-se a todo e qualquer trabalho que lhes não é ordenado por

uma necessidade extrema; por outra parte, não tendo algumas idéas do luxo, que o costume foi insensivelmente introduzindo entre as nações, deixam-se ficar no estado de uma absoluta nudez, e só as pessôas do sexo masculino, e algumas do feminino, pela maior parte velhas, se contentam com algumas ligeiras tangas de entre-casca de páo, a que chamam embira, ou algumas palhas desfiadas. São porém nimiamente apaixonados por outros enfeites de pennachos, com que ornam a cabeça, braços, cintura e pernas, que entre elles é de preço inestimavel. Uns furam as orelhas, beiços e nariz, em que introduzem pennas ou páos, custando-lhes estas operações dôres insoffriveis; outros desenham na pelle muitos riscos pretos permanentes, usando d'estas deformidades industriaes não tanto por distincção da sua tribu, como por causar um terror impostor aos seus inimigos.

209. Os seus domicilios sempre são nos centros e cabeceiras dos rios, em casas mui grandes com duas unicas portas em comprimento, e sem paredes porque a cobertura de palha chega até o chão. N'ellas moram de cincoenta a sessenta casaes com todos os filhos pequenos, e regidos do seu principal com tanta harmonia e obediencia que não discrepam em minimo ponto. As mulheres guardam rara fidelidade a seus maridos, e estes, por comminação de morte que entre elles ha, mui fieis uns aos outros! O que com effeito é digno de nota é não haver entre os gentios centraes a enfermidade a que chamam *humores gallicos*, segundo se tem averiguado nos rios Uaupé, Jupurá, Juruá, Jutahí e outros, e por isso talvez haja entre elles summa propagação, como mostra a experiencia diaria; em qualquer descimento se vê o duplo e triplo de crianças d'um e outro sexo.

210. Adverte-se que entre o gentio não se vê aleijão ou defeituoso de natureza, porque os enterram apenas nascem. O seguinte facto prova esta asserção praticada entre os gentios: no anno de 1800 achava-me no logarejo de Camanaú na parte superior do Rio Negro, de partida para a minha residencia da villa de Thomar, quando o Indio Dionizio me participou de ter sua mulher parido um monstro n'aquella mesma hora, e que seus parentes já tinham querido enterrar segundo os seus ritos, porém que elle obstára em quanto não participava, visto

achar-me ainda alli. Á toda pressa fui ver, e achei um menino perfeito, só com o defeito de ter no pé direito tres dedos ultimos pegados uns nos outros. Logo mandei-o lavar e preparar para lhe administrar solemnemente o sacramento do baptismo, visto me não poder alli demorar e temer que o enterrassem vivo em minha ausencia, e que o não fariam depois de baptizado. Estes e outros são os perigos que se lastimam nas povoações de Indios que não tem parochos ou missionarios.

211. São mui ciosos demasiadamente dos filhos pequenos, não querendo vêl-os muito apartados de si. O Sr. arcebispo de Braga pretendeu alguns rapazes Muras, e não conseguiu, como tambem o Sr. bispo D. Manoel d'Almeida, quando foi ao Rio Negro em 1804, tambem não pôde conseguir nenhum; porque, dizem, os querem para escravos. Igualmente não querem ver-se affastados demasiadamente dos rios da sua naturalidade, e talvez por isso os antigos missionarios, condescendendo com os gentios com prudencia, formavam aldêas nos mesmos rios do seu nascimento, porém momentaneas, como se vê nas aldêas do Uruby e Abacaxis, em que se viram alternadas mudanças, até pôl-os em sitios convenientes á agricultura e communicação.

212. Nas superstições, instrumentos, adornos de pennas, nudez, banquetes, bailes, e festas simillhantes ás Floraes, Bacchanaes e Lupercaes dos antigos Romanos, são como os mais; e tambem no uso das flechas, páos e muruaes. Nas suas festas e bailes são mui obscenos e descomedidos: talvez por essa razão os antigos missionarios lhes ensinaram as dansas do tamborinho e sairé, das quaes em algumas povoações ainda se conserva o uso entre os velhos crioulos. São dados á polygamia ou pluralidade de mulheres: ha principal d'entre elles com duas e tres mulheres, e algumas vezes irmãas umas das outras. Nos seus banquetes e comezainas sempre ha bebidas espirituosas, a que chamam *caxiri*, *mucururú*, *pajauárú*, e *caéçúma*, feitas de mandióca, batatas e fructas, com que se embebedam até chegar á crapula.

213. Não tem religião positiva como os mais gentios, senão a inter-

pretativa hebraica, como mostrarei das ceremonias e ritos que ainda guardam a maior parte dos Indios crioulos. Crêem no Ente Supremo e na immortalidade da alma, mas não sabem entender de que maneira seja. Quando sepultam seus defuntos, enterram com elles todos os seus trastes e moveis, e choram suas carpideiras dias e dias com uma cantilena mui comprida em logar de oração funebre. Tem comsigo os seus divinos a que chamam *Pagé*, a quem tratam com mui grande respeito, e com cega obediencia o reverenceiam. Nunca se embebedam com elles. Nas suas enfermidades mandam-se benzer ou assoprar pelo Pagé, não só a si, senão todo o sustento que houverem de tomar, prescripto por elle, que logo os põe em uma rigorosa dieta. Sendo muitos os que saram, attribue-se a olhos fechados não á rigorosa dieta, senão á virtude do Pagé e das suas insufflações. Oxalá que estas superstições das insufflações e as soprações se limitassem só entre os Indios; os homens brancos Portuguezes as praticam como os Indios. Combati vigorosamente este abuso quando estive no Rio Negro. Talvez por serem os Indios oriundos d'esta região pouco dados á idolatria (excepto um só Numen que adoram), tanto que no Amazonas, por via dos padres Jesuitas, amanheceu o feliz dia da lei da Graça, abraçassem seus preceitos sem hesitarem: provéra a Providencia que se tirassem e removessem os escandalos que os fazem apartar da communhão dos mais fieis!!

214. A palavra *tapyeia*, que por corrupção do vocabulo dizem tapuio, é nome nacional, como mostram os antigos Indios. Foram-se estes povos dilatando pelas margens dos rios de tal sorte, que chegaram até suas fontes. Vê-se em todas as margens dos rios monumentos tão antigos quanto a sua origem incerta se perde na noite dos seculos. Esta gente, precisando de tudo, de nada necessitam por ter prevalecido entre elles o uso de andarem nús. Para se resguardarem do frio tem abundancia de lenha, que lhes fornece o seu paiz, para fazerem o fogo. Para fazerem roçados e formarem plantios tem machados de pedra negra, similhantes á pederneira: com elles e com fogo fazem os logares aos seus plantios. O seu sustento diario é o caldo da mandióca (tucupí) e a tapióca, misturada com a mesma mandióca, de

que fazem brúas. De tempos em tempos é que comem alguma caça ou peixe. Com este modico sustento vê-se entre elles muitos centenarios d'um e outro sexo. Banham-se de instante a instante, sem que dos banhos adoeçam ; e o mais é que as mulheres acabam de parir e vão-se lavar ao rio.

215. É cousa mui facil alliciar os animos do gentio tapuia por meio de dadivas, conforme o methodo dos primeiros missionarios, ao qual adheriu Sua Magestade Fidelissima mandando nos seus alvarás, e ultimamente na sua carta regia, que se acha registada nos livros das camaras, que sejam feitas estas dadivas á custa da sua real fazenda. Prova-se esta facilidade com os seguintes factos. Immediatamente á publicação da mencionada carta regia em 1798 fundou o capitão José Rodrigues Preto a missão dos Maués, composta das nações indicadas nos § § 31 e 32, com suas dadivas, com o interesse dos serviços dos gentios, por espaço de dez annos. Do mesmo modo fundou o Indio capitão Mathias, logo depois, a missão do Canomá, composta do gentio Manducurú indicado no § 32. Com grande magoa se lastíma não terem tido estes benemeritos patriotas imitadores! Os gentios d'estas missões não só trabalham em abastecer o Estado de farinhas e fabricas dos tabacos, como tambem em extrahir a salsa e cravo do mato; e por conseguinte membros uteis á republica.

216. O reverendo Fr. José da Virgem Maria, religioso de Santo Antonio e vigario do logar de Fonte Boa, em 1807 mandou um agente seu com um rolo de panno grosso, machados, foices e facas, ao rio Issá, com ordem que a todo o gentio que quizesse vir para a povoação se lhe désse logo camisa e calção, e saia ás mulheres, além de ferramentas. Todos mostraram acquiescencia, e se embarcaram quarenta e tantas familias da tribu Pacé com todos os filhos menores, numero com que podia navegar a embarcação.

217. Por obstar ás hostilidades que nos faziam a tribu Manducurú mandou o governador Manoel da Gama, em 1795, uma pequena escolta a capturar alguns individuos d'esta nação, e que lhe trouxessem illesos : vieram dous levemente feridos de bala ou chumbo, aos quaes mandou curar e tratar com humanidade; e depois de cinco

mezes os mandou pôr, cheios de dadivas, em logar directo aos seus, livres dos Muras, seus inimigos figadaes. Eis-ahi no seguinte anno enxames de Mandurucús, com que se formaram as missões do Canomá, Maués e Jurutí na comarca do Pará.

218. Parece que se tem mostrado devidamente com estes factos a facilidade dos descimentos de gentios por meio das dadivas e persuasões brandas e pacificas; comparando ao mesmo tempo com o odioso plano dos governadores do Rio Negro desde o anno de 1785, adoptado por Manoel da Gama, e imitado pelos successores até agora, de facilitar as agarrações de gentios e venda d'elles como escravos. A execução d'este odioso plano, sabido e conhecido de todos no Rio Negro, não só é taxado de despotica pelos sensatos, senão cruel e tyrannica. Com effeito é de admirar que hajam homens que queiram sacrificar, contra toda a intenção dos soberanos, gente innocente, e obrigar a ser escravos povos pacificos, dignos de ser livres, e arrancal-os dos seus lares, aonde a Providencia os fez nascer: nascidos livres e independentes, tendo recebido da natureza as faculdades proprias para preencherem o seu destino, são reduzidos a escravos no seu mesmo paiz!!! Oh crueldade! Oh ingratidão! Observei, com todos os que estão no alcance d'estes factos, que dos descimentos feitos com agarrações, com o titulo de descimentos pacificos, apenas fica a terça ou quarta parte d'elles, por serem arrancados violentamente dos seus lares, despojados não só de seus filhos, senão das proprias mulheres, depois de saqueados dos seus poucos bens, esses mesmos estimados por elles, e morrem diariamente pequenos e grandes, ou comendo terra, ou assaltados de qualquer enfermidade.

219. As mencionadas agarrações se fazem usualmente no rio Jupurá, onde os meios facilitam a presa nas nações timoratas e pacificas, descriptas no § 85, da maneira seguinte: qualquer que póde possuir um rolo de panno grosso, um cunhete de machado, facas, e um frasco de polvora, vai ao Jupurá, onde estão as povoações de Imaripí, S. João do Principe e Manacarú, e em qualquer d'ellas assallaria Indios, com quem vai ao centro cercar as casas dos gentios de noite, e amarral-os; disparando espingardas para os atemorisar, com que

pela maior parte succedem mortes, que na opinião d'elles é nada. Tem estes Indios barbaros, cumplices do branco, a vantagem, além do salario, do saque dos gentios; que são maquiras, arcos e flechas, hervaduras, pennachos, crauatánas, murucús, e outras cousas, que por costume lhes pertencem. . . . .

220. No anno de 1815 foi á villa de Ega o estrangeiro Italiano Francisco Ricardo Zani installar com o commandante d'aquelle posto, o capitão de 1.ª linha Francisco Videira Zuzarte, a negociação de gentios do Jupurá, por meio de agarração de muitos centos, que se venderam na Barra, de dez até trinta e quarenta mil réis. Dirão os refractarios que isto é ficção minha? Digam os compradores na Barra, que esta venda durou o espaço de tres annos; quero dizer, que esta negociação durou até á chegada de Manoel Joaquim do Paço, successor do governador Victorio. Não é isto um desprezo formal das intenções de Sua Magestade Fidelissima nos seus alvarás? Não é isto conculcar a carta regia de Sua Magestade com penas comminatorias, tendentes aos seus vassallos Indios? Comtudo alguns d'estes refractarios ainda passeiam no Rio Negro blasonando serviços e mais serviços: outros já se retiraram locupletos de dinheiro, preço de Indios gentios do Amazonas. Porque não agarram os Muras, nem os Erequénas, nem os Mandurucús, nem outros bellicosos, senão os pacificos lavradores? Homens crueis e immoraes!! Tal é o uso e a practica que se tem observado, e até agora se observa no Rio Negro.

221. Principiaram estas agarrações na parte superior do Rio Negro pelo capitão de 1.ª linha Marcellino José Cordeiro, em tempo que governava Manoel da Gama. Este mandava tropa ao mato, munida de polvora e bala, com que fazia estragos aos gentios, e trazia muitos centos para trabalharem nas fabricas que n'esse tempo se instituiram. Contra este attentado reclamou o tenente-coronel Wilkens, ainda commissario da quarta partida das demarcações em Ega, como invenção contraria ás soberanas intenções de Sua Magestade. Ao que se lhe respondeu — que o gentio não queria sahir do mato, e que as dadivas eram precisas para outra cousa. Depois continuou o sargento Miguel Archanjo, de quem já acima fizemos menção,

com as agarrações no Jupurá, até á sua morte. E o que se segue d'aqui? Que proveito se tira? morrem ás duzias á necessidade, e de terra com desgosto. Outros, apenas tem opportunidade, se entranham nos matos sem apparecerem mais, servindo ainda de fazerem odioso ao gentio o nome dos brancos, com a desagradavel noticia que lhe annunciam da sua deshumanidade. Suffoque-se esta cruel invenção, novamente descoberta, que tem o infeliz segredo de bloquear e illudir o espirito do soberano.

222. Passo a reflectir sobre o que está exposto, quero dizer, de milhares de seres, meus similhantes. Meu Deus, que tristissimo espectaculo! Tantos infelizes sentados á sombra da morte, envoltos em trevas e cegueira, sem que vejam alguma pequena faisca d'aquella luz com que os assignalou a vossa divina mão! Um numero quasi infinito de seres nascidos e educados no fundo d'essas brenhas sem nunca chegarem a ver arvorado um santo crucifixo, nem terem alguma noticia do Evangelho.... Que digo? a mesma luz da razão natural tão obscurecida, que nem ainda parece avisal-os da existencia da primeira causa senão por longas tradições dos seus antepassados; e lançados como á discrição, vão correndo desgraçadamente á sua perda, sem haver uma mão benigna que os sustenha. Que crime commetteram elles, de que eu não fosse culpado? ou o que mais achastes em mim para me distinguir com o caracter luminoso de uma tão ineffavel predilecção? Eis-me aqui posto, sem saber como, na região da luz, em caminho direito para a eterna felicidade; ainda que não deixo de descobrir precipicios e esquadrões terriveis de adversarios, que reciprocamente conjurados de continuo me disputam a passagem, mil soccorros efficacissimos especam a minha fragilidade.

223. Meu Deus, tão liberal e magnifico para comigo, e tão escasso com os barbarozinhos que povoam todos esses matos! D'onde vem pois tão pasmosa differença? Já sei: sois Senhor; podeis formar do mesmo barro vasos de gloria ou de ignominia: escolheis quem vos agrada; nem fazeis injuria aos que deixais excluidos.

Ignorante mortal, cala-te: acaso pretendes sondar as profundezas do mysterio da predestinação, ou discernir a conducta impenetravel

da Providencia sobre a sorte dos homens? Talvez que o nome d'esses barbaros, de quem agora deploras a desgraça, esteja escripto no livro da vida, e o teu riscado. Adverte que muitos são chamados, e poucos escolhidos e condecorados com a marca do Cordeiro, para que se não glorie o soberbo mortal que a salvação é do que quer, ou ainda do que corre; não sendo senão um puro favor de Deos, que se compadece da miseria do homem.

Senhor, sumido até o centro do meu nada confesso que sois justo, e que vossos juizos sempre cheios de equidade são abysmos sem fundo: sondal-os não pretendo, mas adoral-os. Sei, instruido da vossa palavra, que derramastes o sangue por todos, e anciosamente desejais que todos venham á luz da verdade, e que se convertam e vivam: eu buscarei com as minhas debeis forças a salvação dos barbarozinhos por meio da minha penna, e recorrerei a vós, Senhor, que sois origem de toda a fortaleza.

224. Creio faltaria a um dever essencial se deixasse em silencio e omittisse um objecto de ponderação, que reclama os influxos da paternal protecção de Sua Magestade. Fallo dos parochos do Rio Negro, providos em igrejas de grande distancia, expostos aos maiores perigos do corpo e d'alma, que da practica actual de se lhes não pagar as congruas se segue mendigarem em summa miseria; talvez entre todos da nação os que percebem menor influxo da imperial benignidade, sem duvida se verão obrigados continuamente a luctar com os seus parochianos pelos miseraveis direitos do honorario, a que chamam direito de estola, recorrendo para viver a expedientes que as leis desapprovam. E onde se achará então a confiança do povo? Onde o respeito e veneração das suas ovelhas, os meios ordinarios, quero dizer, que costumam facilitar o successo das funcções pastoraes? Ajuntemos que a residencia dos parochos é o refugio geral dos pobres Indios nas suas miserias: nada mais frequente do que vêl-os á porta do vigario, pedindo farinha, manteiga, azeite, sal, vinho, remedios de botica, em fim tudo o que lhes é preciso para occorrerem ás suas necessidades. Mas se a congrua se lhes não paga, que virão elles a ser senão espectadores impotentes das miserias das suas ovelhas? Nem se diga que

o pé d'altar póde supprir esta falta : isso seria em povoação de brancos, mas de Indios miseraveis? além de ser isto uma cousa que parece pouco conforme ao sentimento dos padres, pouco honrosa aos ministros da igreja, e assaz odiosa aos povos, que tendo contribuido pelo dizimo quanto basta para subsistencia dos seus pastores, não poderiam olhar com indifferença para outros impostos dirigidos ao mesmo fim, é ainda um costume desconhecido aos Indios do sertão.

225. Entre tanto os vigarios obrigados a parochiar nas povoações do Rio Negro, são mandados, em virtude da santa obediencia, a sacrificarem-se sem estipendio, ha annos, em viagens de mil leguas, atravessando bahias temerosissimas, aos riscos de alagações, terras cahidas, assaltos de differentes insectos, sem canôas proprias, nem esquipação sufficiente. Sobre isto irem passar os tristes dias no fundo de incultos sertões, entre gente grosseira e estupida, e muitas vezes, para cumulo de infelicidade, achar um commandante sem religião e que tudo sacrifica ao proprio interesse. Cada um póde ver em sua alta consideração quanto estes motivos são poderosos para inspirar, não digo só indifferença, mas desprezo aberto pelo officio pastoral: e admira que n'estes dias de malicia, em que o zelo e a caridade se acham reduzidos ao ultimo ponto de frieza, hajam ainda sujeitos, que busquem o estado sacerdotal.

226. Por que estranha contradicção do espirito humano esta porção tão respeitavel do clero não tem uma subsistencia proporcionada ao penoso do seu exercicio de parocho? A quem os riscos da navegação, os perigos de vida, os insectos, e tudo o mais que afflige a humanidade não são capazes de suspender a sua obediencia no exercicio do seu ministerio? Que funcções mais penosas se podem assemelhar ás do parocho de uma aldêa de Indios no Rio Negro? Visinho da indigencia, seu exercicio se torna mais sensivel; porém elle se não affasta dos seus freguezes, nem do leito do pobre doente: elle é estabelecido como guarda avançada nas fronteiras da vida, para receber aquelles que entram e os que sahem d'este reino de dôres. Nunca as rendas da igreja podem ser distribuidas mais religiosamente do que por estes

dignos representantes de Jesu-Christo; por estes veneraveis successores da segunda ordem dos apostolos, que repartem o pão da dòr com o seu rebanho. Aonde estão os philosophos e os apologistas da religião catholica? Eu não os vejo : só vejo parochos rotinhos e mendigos nas villas e logares do Rio Negro. É tão facil fallar, como difficil obrar. Julguemos pois os homens pelas suas obras, e não pelas suas palavras.

227. Segundo os principios da equidade natural, todo o homem que serve o publico tem direito de receber subsistencia, qualquer que seja a natureza das funcções que está encarregado de preencher : tal tem sido o sentimento de todos os povos do universo, pois o obreiro é digno de ser sustentado : *Dignus est operarius cibo suo*. Em virtude da lei natural os ministros da igreja tem direito a receber um salario e uma subsistencia: a religião exige ministros, e estes, em virtude do seu cargo publico, tem direito á dita sua subsistencia. A religião é a unica que faz conhecer ao homem os seus deveres: ella finalmente, pela força das suas leis, como grandeza dos seus mysterios, póde fazer a felicidade do homem.

228. É necessario ou renunciar o christianismo, ou observal-o. Esta religião, como disse, é a unica que faz conhecer ao homem a sua origem, seu destino e os seus deveres; que só ella é quem illumina o seu espirito e o seu coração, dando ás virtudes objectos sensiveis e soccorros poderosos; e ella finalmente, por força de suas leis e da sua moral, como pela grandeza dos seus mysterios, póde fazer a felicidade do homem, manter em paz a sociedade, e sustentar os imperios. Ninguem póde negar as virtudes que em todo o tempo brilharam nos parochos do Rio Negro, e a influencia que sempre tiveram na ordem social dos seus freguezes. Para observar a religião é preciso respeitar os ministros da igreja, e para os respeitar é necessario que tenham honras e consideração.

229. Deixemos de recordar irrisoriamente aos parochos a simplicidade e pobreza dos apostolos e discipulos de Jesu-Christo; não os assemelhemos aos mendigos, se queremos que sejam honrados. O culto tira a sua consideração exterior do sacerdocio : não ha sacrificadores

sem pompa, não ha pompa sem riquezas, e não ha riquezas sem patrimonio. O parocho vendo-se na dependencia d'aquelles de quem deve censurar e reprehender os vicios, não exercita em liberdade seu santo ministerio. Póde dar-se maior humiliação que mendigar entre aquelles a quem se reprehende? Fazer depender os pastores das suas ovelhas, é pôr os juizes a soldo dos que hão de ser julgados? Devemos concluir que um parocho sem congrua é um corpo sem alma.

230. A vacancia de parochos nas villas e logares do Rio Negro grita por um provimento e attenção. Posso affirmar com toda a segurança que as instrucções do proprio parocho, ainda que despidas de ornato, e ás vezes languidas e insipidas, tem ligada uma graça singular, que as faz mais fecundas que os discursos eloquentes dos oradores. Eu bem sei que os fructos da palavra de Deus são raros; o que não deve admirar, depois de vermos no Evangelho que só a quarta parte da semente divina cahiu em boa terra e chegou a dar fructo; porém ao menos consta que é o meio legitimo instituido por Jesu-Christo para converter os peccadores. Tomára que os senhores magistrados se persuadissem d'esta grande verdade, e que acabassem de comprehender que pelos mesmos principios, por onde se estabeleceu a igreja, quer Jesu-Christo que ella se conserve e ainda se augmente, até não haver mais do que um rebanho e um pastor. A benção que Deus tem ligado a este exercicio é muito vizivel para se desconhecer; basta ver as mudanças de vida que se obram por estes meios.

231. Nas instituições das villas e logares da provincia do Pará se taxaram congruas aos parochos, das villas em 80$ rs. e dos logares 60$ rs., cuja taxa regulada no tempo do bispo D. Frei Miguel de Bulhões fôra então proporcionada ao preço dos generos; mas ao presente em que tudo é dobrado, e ainda triplicado não só no comestivel, senão no vestuario, é impossivel chegar a estreita sustentação dos parochos, que não tem e nem podem ter outro recurso para subsistir. Recahindo porém a paga d'estas congruas inteiramente sobre o erario imperial, visto ser deposito do patrimonio, se suspendeu a paga d'estas desde o anno de 1804 até agora, dizem por falta de numerario.

Os requerimentos dos parochos remettidos á contadoria para a sua solução sempre acham n'ella difficuldades. As folhas do clero para sua paga só tiveram effeito até o tempo que governou esta provincia D. Francisco de Souza Coutinho. Por instancias e representações dos Srs. bispos d'esta diocese, com particularidade do actual, foi Sua Magestade o Senhor D. João 6.° servido augmentar as congruas dos parochos em 200$ rs., em 1819; porém tanto estas como aquellas jámais se tem pago; o que tem motivado estarem grande numero de povoações sem parocho.

232. Os Indios crioulos são nimiamente robustos na sua constituição physica para poder resistir ás estações do anno, porque tem qualidades e attribuições privativas differentes dos outros homens, talvez por serem criados desde a infancia em trabalhos, a que não succumbem, qualquer que elle seja. É gente amiga do trabalho, de sorte que se não fosse o flagello dos serviços reaes e particulares, poderia contribuir muito á opulencia não só da capitania, mas de todo o Estado. Chamei flagello aos serviços, porque na verdade o é singularmente para o Rio Negro, em que empregados quasi sempre em serviços, não tem tempo de fazerem roças, nem de especarem casas, nem de cohabitarem com suas mulheres, de sorte que muitos aborrecidos e desgostosos se entranham nos matos sem apparecerem mais; servindo ainda de fazerem odioso o nome portuguez ao gentio com a desagradavel noticia que lhes annunciam da nossa deshumanidade. Outros fogem com suas familias para a comarca do Pará, e se confundem com outros nas villas e logares, deixando as suas propriedades no logar do seu nascimento.

233. São mui compassivos do seu similhante, e muito amigos dos homens brancos, por observação madura que d'elles fiz, contra a opinião de todos os escriptores, o que provaria com innumeraveis factos; e se algumas vezes se mostram pouco caritativos aos ditos brancos, é pelos assiduos enganos, perfidias, desprezos e contradicções que com elles praticam. Não ha gente mais appropriada para a navegação do paiz, mais atilada para romper os centros dos rios e descobrir as raridades e preciosidades que n'elles se occultam. São deli-

gentes para a pesca, e peritos para fazer as salgas de peixe e carne. São de rara habilidade para os officios mechanicos, e para as lettras talvez, se os applicassem a ellas. A mocidade é propensa á navegação e vida volante do mar, talvez para a navegação do alto pelo tempo futuro. Estas duas ultimas asserções se lhes provaram em tempo do general D. Francisco de Souza Coutinho, que os fez carpinteiros na construcção das fragatas e brigues que se fizeram n'este arsenal, e com vencimento a alguns de oitocentos réis por dia; elles mesmos depois foram por esquipação d'estes vasos a Lisboa. Em 1816 se construiu nos portos da villa de Santarém a galera *Nova Amazona*, cujos carpinteiros foram Indios do Rio Negro, fugidos á perseguição do governador.

234. Nas tradições e doutrina dos seus antepassados ainda alguns são observantes: como os do Rio Negro tingirem-se de carajurú ou urucú em certas estações do anno, e os do Amazonas, Solimões, Madeira e outros, de janipápo. Vê-se quando as suas donzellas menstruam a primeira vez, cortarem-lhes os cabellos e pôrem-nas em recato com rigorosa dieta. Alguns ainda circumcidam os filhos e filhas, sendo a mesma mãi a ministra d'esta operação, e lhes impõe o nome, commummente de seus antepassados; isto pela maior parte logo depois de nascidos. Aos machos fazem uma pequena e imperceptivel incisão no prepucio, e ás femeas cortando-lhes parte da crescencia dos vasinhos. Nos gentios sabe-se ser esta a practica na circumcisão e imposição do nome; nos crioulos ha um segredo inviolavel, talvez por receiarem que se saiba que elles ainda observam a lei hebraica, e sejam reprehendidos. Além disto ha entre elles usos e costumes em silencio sagrado: como tambem algumas cousas que se não tem notado, e outras em segredo mysterioso, como acima disse, que não passando hoje além de problema, o tempo devolverá o mysterio quando se olhar a ellas com reflexão.

235. Na nação Erequéna, que por corrupção se diz Uariquéna, notei muitos nomes hebraicos, mais ou menos viciados, como acima disse quando descrevi o rio Içana. Do que infiro e é minha opinião, com outros sujeitos, que esta gente é pertencente á tribu hebraica,

com alguma mistura das outras nações orientaes. Vê-se entre o gentio Mura homens serrados da barba e cabelludos no peito, barriga e pernas.

236. Sendo os Judeos tão abstemios de comer cousas immundas que chegam á impertinencia, pelo contrario o Indio come cobras, sapos, jacarés, lagartos, bichos, macacos e outros animaes immundos. Dão d'isso definição de ter sido o sustento dos seus pais quando a isso os obrigava a necessidade. Não se deve duvidar que os primeiros colonos, que vieram habitar esta vasta região, como homens estrangeiros e forasteiros, se servissem de tudo o que encontravam por matar a sua fome: d'aqui ficou á sua posteridade o uso de os comer.

237. O tingirem-se de janipápo e carajurú ou urucú, conjecturo ser nas mulheres ceremonia demonstrativa da disposição de se fecundarem, e nos homens aptidão a esse mesmo fim. Em quanto á reclusão das donzellas na primeira menstruação, tem alguma similhança á festa dos tabernaculos dos Hebreos. A circumcisão é a mesma, mais ou menos viciada. Estas são as noções ou parte d'ellas, que se podem dar dos costumes dos Indios do Rio Negro. São homens os mais pobres e desgraçados que ver-se póde, porque na sua regencia se assentou que o Indio não deve possuir mais que huma casinha coberta de palha, e uma roça de maniba para sustento de sua familia. É chiméra a opinião hyperbolica que os Indios são agrestes, duros de indole e pouco laboriosos; mas eu descobri motivos para suspeitar que estas indisposições nascem do modo indiscreto porque se tem até agora regido tanto no temporal, como no espiritual. Todas as idéas do bem se imprimem facilmente em corações ainda tenros. A alma sem experiencia ainda do mal e dos vicios recebe com docilidade o que é favoravel ás virtudes da religião, obediencia ao soberano e utilidade da sociedade.

238. Tendo examinado com as minhas observações como economista, agora passo a examinar como moralista. Na religião são exactos os Indios em cumprir com os preceitos da igreja. Em uma povoação, que tem a ventura de ter seu parocho um sacerdote de probidade e

honra, é onde habita a innocencia dos costumes. Os anciãos, que pela maior parte são os unicos que ainda se acham nas povoações, são frequentes nos exercicios da missa e confissões. Tenho andado entre elles; creio que os trabalhos de um parocho zeloso e vigilante alguma cousa rendem para o Céo; enchem-se as igrejas, ha muitas confissões geraes e emenda de vida. Muitas vezes quiz o Senhor pagar-me as minhas magoas com o gosto de ver e tratar alguns Indios de virtude solida, de uma escrupulosa e exacta observancia dos divinos mandamentos, summo horror ao peccado, presença de Deus quasi continua; e taes disposições interiores me enchiam de consolação espiritual, acabando de convencer-me que em toda a parte tem Deus os seus escolhidos, e que nada é capaz de lh'os arrancar das mãos.

239. O exercicio da oração vocal se deve promover principalmente nas povoações de Indios, por ser meio não só proprio, senão apropriado para elevar a Deus os seus espiritos grosseiros e pesados. A sua propensão ao vicio da borracheira é a maior lastima que se póde imaginar; parece que lhes é connatural! Por mais diligencias que se façam não se descobre emenda n'esta parte; aos gritos e instrucções parochiaes são insensiveis; uma só cousa mostra a experiencia que produz algum effeito n'estas almas, e é o bom exemplo, particularmente dos ecclesiasticos; amoldam-se muito ao que vêem reluzir nas suas acções, julgando pelo instincto natural e com assaz desculpa, que sendo seus mestres e conductores, não o devem ser menos pelas obras que pelas palavras.

240. Com effeito a vida solitaria é uma vida de extremos, ou faz anjos ou demonios: sem ver junto de si senão infracções da lei divina nos exemplos dos Indios e dos brancos visinhos, principalmente pelo que respeita aos dous vicios da incontinencia e da gula, vicios tão geniaes á gente india, que parece terem-lhe já suffocada e extincta toda a liberdade; ainda que instruidos, como disse, nas maximas santas da religião, fortificados com tantos soccorros dos sacramentos, a experiencia ensina que o espirito sente uma pasmosa debilidade quando se acha em logares desprovidos d'estes soccorros, e onde a alma só descobre objectos capazes de a embrutecerem. Se

habitam na povoação alguns brancos ou negociantes que a ella vem, são de ordinario os peiores, mais escandalosos e desaforados, mettendo mulheres em suas casas e tratando com ellas publicamente sem temor de Deus, nem pejo do mundo. Pois os que governam as povoações! Isto certamente é origem dos maiores males; porque o vicio em quem governa, é vicio posto a cavallo e enthronizado, que em logar de ser estranho, se faz honrar e respeitar, e d'aqui nasce o estrago e perdição de muitos.

241. Sei que assim mesmo é; são taes os perigos, e tão graves e frequentes, que só por graça especialissima do Céo se podem evitar; mas por outra parte sei que Deus é fiel, e nunca permitte que sejamos tentados sobre as nossas forças: sempre de nós procede a nossa ruina; declaram-se-nos os meios a que estão ligadas as graças, por exemplo, o uso dos sacramentos, a vigilancia, a oração, a fugida dos perigos que ameaçam a innocencia: despresamol-os e dizemos então que nos queremos salvar: é certamente um querer bem diverso d'aquelle com que proseguimos os objectos que alliciam os nossos sentidos, o qual sempre abrange os meios que nos parecem mais convenientes ao fim desejado: o contrario d'isto costuma-se a chamar velleidade e não vontade.

242. Na mocidade os Indios e Mamalucos são perversos, não de sua natureza, senão por falta de educação. (Mamaluco chama-se o filho de India com branco.) O que se ha de esperar de um moço, que faltando-lhe o freio da educação se mistura com outros muitos perversissimos nos serviços publicos, e depois com a frequencia de outros seus iguaes nas canôas dos negociantes? A perda da sua natural simplicidade, inconstancia e propensão aos vicios da ebriedade e incontinencia!!! São homens os mais desgraçados de todos. Não são senhores dos seus pequenos filhos, porque lh'os tiram para os serviços publicos; os machos para as olarias, para o carreto do barro e companheiros de pescadores, e as femeas para vasculhar os algodões nas fabricas. Sendo a classe de homens a mais interessante ao Estado, é a mais despresivel. Elles se uniram por meio dos missionarios aos brancos Europeos, com a condição tacita de se lhes sustentar

aquella parte dos seus direitos, como indispensaveis á sua felicidade.

243. Eu bem sei que o serviço de Sua Magestade é preferivel a todos os mais por ser serviço publico e que deve executar-se, porém é alli um abuso de que as auctoridades se servem para fazer o seu privado: seja elle de que natureza fôr, sempre é serviço publico. Por este motivo andam os Indios de continuo em actual serviço fóra de suas casas. Este abuso grita pelo remedio, pois além de ser funestissimo á humanidade e á Igreja por lhe roubar quasi do seio tantas almas, remidas com o preço infinito do sangue do seu divino Esposo, é ainda summamente prejudicial ao serviço imperial, sendo occasião de que muitos d'elles aborrecidos de uma tão indigna hospedagem desertem das povoações, como diariamente estão praticando, e não só isto, mas até chegam a fazer (com razão) o nome dos brancos odioso entre os mais gentios, desviando-os de buscar a nossa amizade. Este unico remedio, sendo desprezado, pronostica totalmente despovoar o Rio Negro. D'aqui vem que muitos entrando n'este Rio em summa miseria, dentro de pouco tempo ajuntam grosso cabedal. Certamente eu não escreveria estes factos e explicar-me-ia por esta forma se não o tivesse presenciado.

244. O Sr. arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão, sendo bispo do Pará, veio no conhecimento das referidas oppressões na digressão das suas visitas, cujo conhecimento elevou ao throno de Sua Magestade a Senhora D. Maria I, e por este motivo se resolveu abolir o directorio dos Indios, equilibrando-os aos demais vassallos, e regidos pelas mesmas leis por que todos se governam. Com magoa o dizemos, desgraçadamente nada d'isto se tem observado, principalmente no Rio Negro. Parece que a mesma distancia d'aquella capitania e a falta de lettras para os reclamos das oppressões cooperam para as arbitrariedades, que gemem em silencio.

245. Os homens brancos do Rio Negro uns são alli nacionaes, outros Paraenses e outros Europeos: os nacionaes são filhos dos Europeos, que alliando-se com as mulheres naturaes do paiz fizeram procreação, e estes continuando a casarem-se com brancos, estão na quarta e quinta geração, e por conseguinte mui alvos, e todos industriosos para os offi-

cios mechanicos. Sendo a ignorancia e falta de estudos a raiz d'onde dimanam a maior parte das desordens, a soberba, a desobediencia e o despotismo, e a mesma superstição e irreligião tem n'ella o seu nascimento, é de lamentar que não tenha lá havido um só professor de primeiras lettras no espaço de quarenta annos, talvez por descuido dos magistrados. Quantos meninos de tão bella indole alli estão sem saber ler e nem escrever por falta de professores, e por não terem seus pais meios de os manter na cidade do Pará! A experiencia ensina que poucos que d'ella tem vindo mostram propensão e rara habilidade ás bellas lettras. Inclinado o homem ao mal desde o ventre de sua mãi, não ha outro remedio contra esta funesta propensão que uma educação santa, que o preserve no tempo em que as paixões possam pretender seu dominio, uma educação que lhe sirva de muralha quando as desordens da natureza começarem seus ataques fortes. Não devemos esquecer aquella sentença do Senhor: « O homem levará até á sepultura o que se lhe ensinar nos seus primeiros annos. » Si se lhe ensinar a temer a Deus, a amar seus pais, honrar e obedecer aos magistrados, elle se verá estimulado a ser um bom christão, um bom filho e um bom vassallo; mas se o instruirem no atheismo e no direito da liberdade, elle será um homem cheio de vicios, desprezador de seus pais, e rebelde a todos os que o quizerem mandar.

246. A gente branca no Rio Negro pela maior parte são moços, que fugindo a seus pais, na Europa se embarcam nos navios como moços de servir, que mudando de clima, em nada mudam de condição e costumes. Destituidos de luzes e do santo temor de Deus, são monstros de maldade para inficionarem tudo com seu halito pestifero e venenoso. É a desgraça mais deploravel, que os que tem todas as razões para edificarem os Indios com a sua christandade, são de ordinario os que os escandalisam e os acabam de corromper com o seu infame procedimento. São de ordinario da mais baixa ordem que ha em Portugal, que apenas desembarcam, revestem não sei que sentimentos de elevação; não disse bem, ficam logo feridos do contagio geral do paiz, que é um espirito de dissolução, de preguiça e desmazelo que arruina tudo, não só pelo que respeita aos costumes, mas

aos mesmos interesses temporaes: uma taberna, uma loja de fitas, andar de povoação em povoação vendendo algumas quinquilharias, é a sua mais querida occupação, e d'aqui nasce o atolarem-se no abysmo dos vicios; vicios que lhes minam as bazes da saude, e os fazem por fim odiosos aos olhos de Deus e dos homens.

247. São tantos os ramos de negocio no Rio Negro, que tem em pouco tempo enriquecido a muitos; apezar d'isto não falta pobreza, o que se deve attribuir a muitos principios, principalmente á negligencia e ociosidade em que muitos vivem. Da industria e trabalho dos particulares nasce a sua riqueza e prosperidade, e da riqueza dos povos nasce a da provincia. Como alli concorre um grande numero de canôas com titulo de negociantes, levando unicamente cachaça e algumas quinquilharias, fazem nas povoações um negocio de cabotagem. Estas fazendas pedidas aos negociantes do Pará, com ellas convencionam entre si um monopolio nos preços, e compram os generos aos habitantes, que não tem meios de os exportar ao Pará, por preços infimos, prejudiciaes por todas as formas á utilidade da provincia. Sendo a cachaça o primeiro attractivo do Indio, com ella os praticam e os levam das suas povoações, com elles fabricam os generos que a natureza offerece á vista, como são salgas de peixe, manteigas, azeites e cacáo, attentado a que as auctoridades não podem obstar por não haver até agora sobre isso lei positiva. Assim varrem das povoações, bem como a rede de arrastar, os ultimos braços com que os naturaes se deviam coadjuvar em seus trabalhos, e assim vê-se por todos os modos empobrecer a provincia.

248. Os negociantes que assistem nas povoações são os mais escandalosos, não só em trato mercantil, senão em torpezas obscenas, e assim passam a vida mui satisfeitos, rindo, folgando e dormindo a somno solto. Que é isto, digo a mim mesmo, que prodigio de cegueira, que assim chega a extinguir todas as luzes no espirito do homem? Ah! que certamente este é o estado de dureza do coração, estado mais funesto e deploravel a que uma alma póde ser reduzida n'este mundo, se quizermos attender ao que refere a escriptura de Pharaó, de Saul e dos perfidos Judeos, aos quaes nada foi capaz de attrahir á

penitencia, e todos os favores que receberam da mão de Deus só serviram para os fazer mais criminosos.

MEMORIA HISTORICA

SOBRE

A COLONIA ALLEMÃA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

ESTABELECIDA NA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA:

Escripta e offerecida ao Instituto pelo Rev.º vigario o Sr. Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva.

Fundação da colonia.

A colonia allemãa estabelecida em Santa Catharina sob a denominação de S. Pedro de Alcantara acha-se situada sobre a margem esquerda do rio Maruhy, districto da villa de S. José, e na distancia de quatro leguas e meia a oéste do arraial da mesma villa. A sua fundação data do anno de 1829.

O governo central do Brazil, reconhecendo sem duvida a necessidade de lançar mão da colonisação, unico meio para de prompto povoar o vasto territorio de Santa Cruz, e fazer apparecer as riquezas que se occultam em seus fertilissimos campos, pôde engajar não pequeno numero de familias allemãas, que successivamente fez distribuir pelas provincias do Sul.

Durante o anno de 1828 desembarcaram na Ilha de Santa Catharina, vindos nos brigues *Marquez de Vianna* e *Luisa*, 146 familias em numero de 523 pessôas, e reunindo-se mais tarde 93 individuos que tinham sido praças dos batalhões dissolvidos no Rio de Janeiro, assim como 19 do batalhão 27, tambem dissolvido n'esta

provincia, pôde-se contar ao todo 625 Allemães, que se destinaram á nova colonia de S. Pedro de Alcantara.

O brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello, então presidente da provincia, empregou todos os meios a seu alcance para a realisação d'esta obra: e mostrando ardentes desejos de vêl-a concluida durante a sua administração, encarregou d'esta empreza o major Silvestre José dos Passos, nomeiando-o inspector da colonia. Este prestante cidadão, apezar de sua idade sexagenaria, não poupou esforços em tão penosa tarefa, desempenhando a sua missão com a probidade, intelligencia e zelo que lhe são naturaes. A Providencia pareceu abençoar seus patrioticos serviços, coroando-os em breve com feliz resultado: e a posteridade algum dia avaliará com mais justiça o merito d'esse venerando ancião.

O inspector da colonia, apenas recebeu as ordens e instrucções com que devia dar principio á sua commissão, marchou a explorar o terreno para o futuro estabelecimento. Logo que chegou a terras devolutas, depois de tel-as examinado minuciosamente, escolheu o logar que lhe pareceu mais azado para servir de logradouro publico ou arraial, e ahi demarcou um quadro, em cujo meio deixou uma pequena praça bordada de duas ruas, que denominou, uma de S. Pedro de Alcantara, e outra do Albuquerque. Em seguida fez levantar vinte palhoças, para n'ellas receber os colonos, até que estes fizessem casas dentro das datas que lhes deviam ser demarcadas.

De 146 familias que se destinaram a formar a nova colonia, 14 se deixaram ficar na cidade e seus arrabaldes, e por isso só 132 datas foram demarcadas para um igual numero de familias. Cada uma data foi regulada de 50 a 100 braças de frente, segundo o numero de pessôas que continha cada familia; todas porém com 750 de fundo; marcando as frentes das referidas datas á estrada que conduz á villa de Lages.

Os colonos logo que chegaram a Santa Catharina foram mandados para a armação da Lagoinha na costa oriental da Ilha, e ahi se conservaram até voltar para a capital, e então foram residir no quartel militar do campo do Manejo. Ao principio amedrontados

pela noticia de que os indigenas frequentavam esses logares, que lhes eram dados para seu estabelecimento, recusaram sahir da cidade. Este terror poderia fazer mallograr-se a empreza, se o presidente da provincia não os animasse, marcando uma diaria de 160 réis a cada Allemão que subisse para o logar da colonia. Este incentivo teve optimo resultado. Os colonos immediatamente annuiram á proposta, e os indigenas, que infestavam aquelles sitios, foram fugindo de similhantes visinhos. Hoje a colonia de S. Pedro floresce; e se não entregar-se ao abandono a estrada que a atravessa em direcção á villa de Lages, nós a veremos em todos os annos crescer e progredir, pois encerra em si elementos de prosperidade, que lhe promette lisongeiro futuro.

Descripção physica do arraial de S. Pedro d'Alcantara.

A 26 de Maio de 1845 fizemos alli a nossa primeira visita parochial, e no espaço de seis dias tivemos occasião de examinar minuciosamente o estabelecimento e admirar os costumes d'esses homens, nascidos na antiga Germania, e por um capricho de fortuna arrojados aos sertões e florestas do vasto imperio de Santa Cruz. O viajante que se dirige a esta colonia goza de todas as delicias que podem tornar agradavel o passeio em uma manhãa de primavera. Na distancia de uma legua da villa de S. José, depois de caminhar por uma estrada guarnecida de aprazíveis chacaras, encontra o rio Maruhy, e dando-lhe a esquerda, jámais o perde de vista, nem deixa de ouvir seu doce e brando murmurio. Este rio, na distancia de duas leguas e meia da sua foz, forma um salto com grande estampido sobre alcantilada pedreira; e o viajante n'este sitio vê-se forçado a parar em quanto contempla tão maravilhoso quadro com primor desenhado pela natureza. Depois de quatro leguas de bom caminho, posto que ás vezes se torne pantanoso por occasião de chuvas consecutivas, ao tocar o alto do morro do Cunha, divisa-se a pequena capella, hoje matriz, edificada sobre elevada collina, e algumas das casas que se acham á margem do

rio. Ao entrar no arraial da colonia, não se offerece outra vista além de uma larga rua, que conterá vinte edificios, e cujo intervallo serve de praça; por quanto os Allemães, apartando-se do risco que lhes dera o inspector Passos, julgaram mais conveniente estender-se pela margem do Maruhy. Comtudo, ainda que pequeno o arraial apresenta um agradavel e interessante aspecto, maximè nos dias em que os colonos ahi concorrem para a celebração dos officios divinos.

Por occasiões de solemnidades religiosas, apenas o sino da capella convida os fieis ao augusto sacrificio da missa, todos os colonos honestamente vestidos alli se dirigem. O interior da igreja é ornado com simplicidade, mas decentemente. Na distancia de dous passos da porta principal deixa-se ver uma pequena columna de madeira sustentando uma pia de agua benta, e junto d'esta um pequeno cofre onde se recolhem as esmolas para a cera e mais despezas do altar. Ao lado do Evangelho, desde a porta até á grade que defende o altar-mór, vê-se uma ordem de banquinhos baixos, sobre os quaes as mulheres se ajoelham durante a oração; e ao lado da Epistola outra do mesmo modo para os homens, ficando adiante os meninos de um e outro sexo. Aqui reina o mais profundo e inalteravel silencio, ainda mesmo nos dias de maior concurso de fieis. Durante este sacrificio da missa os colonos entoam certos canticos em estylo religioso, porém variado. Então não pude deixar de sensibilisar-me ao ver até os meninos de seis annos cantar de cór muitos dos Psalmos, pronunciando admiravelmente as palavras latinas. A um dos lados da igreja está o cemiterio, onde, além de uma grande cruz plantada pelos padres missionarios quando ahi estiveram, observei outras muitas, porém pequenas, fincadas sobre cada sepultura, e todas enfeitadas de flores e festões de papel picado, muito principalmente as que assignalavam os jazigos de innocentes. Em quanto dura a visita parochial, principalmente na quaresma, os colonos, ainda que a maior parte oriundos da Prussia, mas catholicos romanos, á excepção de tres ou quatro familias lutheranas, não perdem um só dia de missa, e nenhum d'elles deixa de procurar os sacramentos da penitencia e

eucharistia, para o que desprezam a longitude de tres e quatro leguas, muitas vezes por caminhos intransitaveis. É para sentir que estes homens venham de tão longe exprobrar-nos a nossa indifferença pela religião, dando-nos solidos exemplos da observancia que devemos aos seus preceitos, unicos e preciosos laços que unem a sociedade humana.

Por uma resolução da assembléa provincial em 1844 a colonia de S. Pedro foi elevada a freguezia sob a mesma denominação; e o Ex.mo e Rev.mo Sr. bispo diocesano em sua visita a esta provincia confirmou a resolução na parte espiritual, e encarregou-nos o regimen da nova parochia. N'este tempo os colonos, querendo tambem partilhar da munificencia de Sua Magestade o Imperador, dirigiram-lhe um requerimento, pedindo uma esmola para a reedificação da nova matriz: o digno Monarcha, prompto sempre a fazer generosos donativos em prol dos templos e estabelecimentos pios, os acolheu favoravelmente, indagou com interesse ácêrca do estado da colonia, e mandou entregar ao presidente da provincia certa quantia para ser applicada ao concerto da matriz de S. Pedro d'Alcantara. Os Allemães ficaram encantados da affabilidade com que o Imperador os recebeu, e não cessaram de fallar com louvor do augusto filho da archiduqueza Leopoldina: assim se exprimiam em referencia á virtuosa e primeira imperatriz do Brazil, de saudosa recordação.

A estrada de Lages até os ultimos Allemães da colonia.

Antes de entrarmos na analyse do caracter e costumes dos colonos, continuaremos a descripção do terreno povoado até os ultimos moradores a oéste. Deixando-se o arraial da freguezia, entra-se na estrada que guia á villa de Lages; a qual, como dissemos, vai marcando as frentes das terras que foram concedidas aos colonos no principio do estabelecimento. Ao descer de um morro bastante ingreme, denominado de João Branco, offerece-se aos olhos do viajante a mais bella planicie cortada pelo rio Maruhy, onde, segundo a opinião

de alguns, devêra ser o arraial da freguezia. Aqui o rio, formando com sua volta uma especie de peninsula, deixa o viandante, que seguindo á direita, vai subir o grande morro do Galão, abundante de pedras soltas de variadas formas, e em cujo principio corre um ribeiro de crystallinas aguas.

Na distancia de menos de uma legua do arraial acha-se situada uma pequena ermida com a invocação de Santa Barbara, erigida pelos colonos moradores d'aquellas visinhanças. Quando algum sacerdote tem occasião de se achar n'esta capella e celebrar o augusto sacrificio da missa, então concorrem a este logar não só os moradores de S. Pedro d'Alcantara, como os que habitam as margens e cabeceiras do rio Biguassú, em grande distancia d'alli.

Em uma de nossas visitas a esta ermida apanhámos infelizmente grandes aguaceiros, e os caminhos tornaram-se tão intransitaveis, a ponto dos mesmos animaes não poderem segurar-se, pois que nos morros era perigoso caminhar, visto que as chuvas os tinham tornado muito escorregadios, e nas baixadas não menos perigo havia em entrar nos enormes tremedaes que ahi se formavam.

N'esta occasião admirei o fervor com que aquella porção de fieis procuravam assistir aos officios divinos. Homens, mulheres e crianças em numero de duzentas pessôas caminhavam a pé, arrastando com prazer tão penosos incommodos! Esta ermida foi construida com muita simplicidade; porém está decentemente ornada. Possue, como a de S. Pedro, o seu cemiterio, onde se nota o mesmo que descrevemos no outro. O local é pessimo, pois além de ser cercado de morros, está ainda muito assombrado de mato e retirado de visinhanças. Ao sahir d'este sitio vai subir-se o extenso morro de S. João, o qual em alguns logares offerece a mais bella vista, como a da barra do norte da ilha, do Arvoredo, Santa Cruz, assim como a serra por onde se estendem os lavradores que cultivam as margens do Biguassú.

Alguns dos colonos a quem couberam datas ao norte da estrada, abandonaram-as poucos annos depois; e a isto se deve a solidão que existe na proximidade do caminho, logo que se entra no morro do

Galão, de que já fallámos. Este abandono proveio sem duvida de falta d'agua corrente, de que os colonos tanto precisam para seus engenhos, e que era difficil encontrar nas terras que ficam ao norte. O rio Maruhy era a divisa mais propria para marcar as frentes das datas, acompanhando sempre a estrada a margem esquerda d'aquelle, como se observa de S. José ao arraial da freguezia; porém infelizmente não acontece assim. A estrada, ao subir o Galão, deixa o rio e segue sobre morros em grande distancia; d'onde resulta que os colonos, a quem tocaram terras ao sul da estrada, retiraram-se d'esta e foram procurar a margem do rio, que dista d'ahi poucas braças, a fim de fundarem seus estabelecimentos; e os que ficaram ao norte, á excepção de algum que teve a felicidade de encontrar agua corrente em suas terras, abandonaram as datas, e foram estabelecer-se ou nas margens do Biguassú, ou nas do Cubatão, distante d'este logar quatro leguas, e muito proximo ás Caldas da Imperatriz. Hoje é consideravel essa ramificação da colonia de S. Pedro que foi estabelecer-se no Cubatão, e por isso d'ella nos occuparemos um pouco.

Ramificação d'esta colonia, estabelecida no Cubatão.

No anno de 1836 onze familias allemãas, deixando as datas que lhes tinham sido concedidas no Maruhy, pediram e obtiveram outras, posto que mais limitadas, nas margens do rio Cubatão. Aqui reunidos os novos povoadores, começaram por prestar não pequeno serviço, fazendo com a sua presença desapparecer os indigenas, que ainda de vez em quando infestavam estes logares. Feitas algumas derrubadas, formaram como uma pequena colonia, que hoje promette esperançoso futuro, não só pela fertilidade das terras e indole de seus cultivadores, como pela visinhança em que está com a nova colonia de Santa Isabel, que se vai estabelecendo nas margens do Rio dos Bugres e proximidades da serra da Boa Vista.

O arraial da Capella das Dôres da Vargem Grande, assim deno-

minado por ser Nossa Senhora das Dôres o orago da ermida que ahi erigiram os colonos, está situado na margem direita do rio Cubatão, em um amenissimo descampado, ondeado de pequenos outeiros ou lombas, distando da capital seis leguas e meia, e cinco da villa de S. José. A viagem a esta ermida é na primavera um passeio excellente, e durante o qual o viajante goza de um ar livre e balsamico, devido ás viçosas arvores que ornam a estrada de um e outro lado. N'este delicioso trajecto jámais se perde de vista o bem conhecido Cubatão, que, banhando essas terras com suas aguas, as fertilisa tornando-as as mais productivas da provincia. A estrada, que sempre acompanha a margem esquerda do rio, maximè em tempo secco, offerece aos colonos commodo transporte de generos de sua lavoura, dos quaes parte é conduzida em cargueiros até o salto do mesmo rio fronteiro á fazenda de D. Victoria, e ahi embarcam em canôas até á villa de S. José, ou em direitura á capital, e parte vai nos mesmos animaes até o logar do seu destino.

Em meia viagem d'este estabelecimento deixa-se ver sobre uma elevada collina a casa principal da fazenda de Santa Anna, pertencente ao cidadão Joaquim Alexandre de Campos. É este logar sem duvida um dos mais pittorescos do Cubatão. Aqui descançaram Suas Magestades e a imperial comitiva tanto á ida como á volta do passeio que fizeram ás Caldas da Imperatriz. Esta fazenda possue igualmente um decente oratorio, que muito utilisa aos moradores do Cubatão sempre que ahi se dirige o vigario de S. José a administrar os sacramentos aos seus parochianos.

Na distancia de uma legua d'este logar estão situadas as Caldas do Norte, menos procuradas que as da Imperatriz, talvez pelo pouco trato que tem recebido, continuamente inundadas de charcos de agua fria, que lhes ficam visinhos; ao que sómente se deve attribuir o seu inferior gráo de calorico. Entretanto é innegavel ser o local em que se acham incomparavelmente melhor que o das do Sul ou da Imperatriz, pois offerece commodo e plano terreno para um grande estabelecimento. É de esperar que o Governo, concluida a obra do hospital das Caldas da Imperatriz, trate de providenciar o

seu melhoramento, afim de aproveitar-se mais essa preciosa therma com que a natureza mimoseou a nossa provincia.

A poucas braças de distancia d'este sitio começa o grande morro de Nossa Senhora, unico estorvo que difficulta de algum modo aos colonos, principalmente com máo tempo, a conducção dos generos de sua lavoura. Este obstaculo porém actualmente intenta-se remover, e poder-se-ha effectuar com facilidade, fazendo-se uma muda da estrada em differente direcção. Na descida d'este morro o arraial da Capella das Dôres offerece aos olhos do viajante o mais aprazivel quadro, não escapando á primeira vista uma só de suas casas edificadas sobre collinas. Este local, mais desassombrado de morros que aquelles que o precedem, parecendo ao longe uma extensa planicie, deu motivo a que o denominassem Vargem Grande. O seu terreno é, em pequenas distancias, cortado de ribeiros que correm a unir-se ao Cubatão, aqui menos veloz em sua carreira, como para contemplar a belleza d'este sitio encantador.

Descripção da capella e suas solemnidades religiosas.

Os colonos, eminentemente religiosos, logo que chegaram a este logar trataram de erigir uma ermida, onde fizeram seus exercicios de piedade e religião, constituindo por seu chefe o allemão Nicoláo Henckenn, ancião de reconhecidas virtudes, pai de numerosa familia, e que como mais instruido os dirigia e aconselhava á practica do bem, merecendo de todos os colonos respeito e veneração. Esta capella, posto que construida com paredes de páo a pique e de pequenas dimensões, sobresahe com elegancia no alto de uma collina, dominando todos os aposentos que lhe ficam em torno. No seu interior apresenta o mesmo aspecto que a de S. Pedro d'Alcantara, simplesmente ornada, porém com decencia. O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} prelado diocesano em sua visita auctorisou-nos a benzer esta capella e um logar para cemiterio, a requerimento dos colonos. Em virtude d'este despacho dirigimo-nos á Vargem Grande a 12 de Maio de 1846.

e no dia seguinte teve logar a solemnidade da benção, finda a qual celebrámos missa, a que assistiram os colonos: confessaram-se, commungaram sem que d'elles um só faltasse, guardando em todos estes actos aquelle respeito e acatamento que costumam em occasiões similhantes. Na tarde d'este dia resaram vesperas diante da cruz que se tinha plantado no adro da ermida. Era admiravel o fervor com que elles acompanhados de suas familias, e as mulheres trazendo ao collo os filhos ainda de peito, entoavam os canticos sagrados, parte em latim e parte na lingua vernacula.

Findos os actos religiosos, um dos colonos foi gravar no tronco de grossa arvore uma inscripção em portuguez, para perpetuar a memoria d'esta solemnidade; assegurando que o dia 13 de Maio seria para elles em todos os tempos um dia santo de guarda. Retirámo-nos penhorados de tanta bondade; e para animal-os a proseguir no melhoramento material da capella, lhes concedemos quaesquer rendimentos que se arrecadassem alli por espaço de dous annos, provenientes dos enterros que se fizessem no novo cemiterio.

No dia 10 de Novembro do mesmo anno fomos outra vez convidados á Capella das Dôres, e tivemos o maior pezar quando soubemos que era para celebrar uma missa por alma do bom Nicoláo, cujas virtudes havia pouco tempo tinhamos admirado. A povoação inteira estava sepultada no lucto e consternação, apresentando aquelle sitio um verdadeiro contraste do quadro risonho que nos offerecêra a seis mezes. O acto da missa passou-se no maior silencio, interrompido apenas por sentidos soluços, que bem exprimiam a dôr de que os colonos se achavam possuidos. Em seguida fizemos uma exhortação, porém pouco tempo nos demorámos, porque o copioso pranto dos assistentes nos commoveu em extremo, e vimos que até as crianças lamentavam a morte de seu mestre e bemfeitor! Pedro Henckenn, filho do finado, possuindo boas qualidades para desempenhar a missão de que seu pai estava encarregado, passou por escolha dos colonos a fazer as vezes d'aquelle varão, que tanto trabalhou para a prosperidade d'este estabelecimento, maximè na parte relativa á edificação moral da mocidade, em que era assás solicito.

Vantagens do Cubatão para estabelecimentos coloniaes.

Os generos de lavoura d'estes Allemães são os mesmos que cultivam os que habitam as margens do Maruhy na freguezia de S. Pedro d'Alcantara, como veremos quando se tratar d'esta especie. Possuem engenhos para o fabrico do assucar (que aqui é perfeitissimo), farinha de mandióca, de milho, etc., e dos quaes alguns são movidos por agua. Em occasiões de safras ajudam-se mutuamente, reinando entre elles a mais perfeita harmonia.

Não podemos deixar de observar aqui que esta ramificação da colonia de S. Pedro d'Alcantara estaria hoje mais augmentada que o mesmo tronco, se não fossem as datas de terras que alguns Brazileiros tem obtido nas estremas das dos colonos, e que sem as cultivar impedem que aquelles se estendam. Estes obstaculos devem ser removidos de principio, quando o Governo tenha de marcar terrenos para o estabelecimento de colonias. Reconheço que os Brazileiros devem ter igual direito a obterem datas de terras devolutas; mas estou convencido tambem que estas terras, quando se concedem, é para o fim de ser cultivadas, e nunca para conserval-as em mato virgem, na espectativa de achar occasião opportuna de vendel-as com grande lucro, obstruindo entretanto ao adiantamento de uma povoação interessante que quer estender-se. É isto uma especulação bem pouco louvavel.

Quando avançámos que este ramo poderia estar hoje mais florescente que o proprio tronco d'onde se desmembrava, fundámo-nos em que, além de outras commodidades, o rio Cubatão fertilisa melhor as terras adjacentes que o Maruhy: e em quanto este é unico, não fallando no Biguassú pela sua distancia, áquelle confluem os rios Forquilhas, Aguas Claras, dos Bugres, e um sem numero de ribeiros e cachoeiras, que banham as suas immediações. Accresce que as terras do Cubatão parecem conservar a sua fortaleza por mais tempo, e os seus

fructos dão com mais abundancia e diversidade. Finalmente, posto que estes Allemães mostrem o mesmo caracter e costumes que possuem os que habitam a freguezia de S. Pedro, é notavel que aquelles tem a mais decidida inclinação ao trabalho, e quasi nunca se entregam a divertimentos; e uma prova bem convincente é o quanto elles tem feito, attento o seu pequeno numero e o pouco tempo que para aqui vieram estabelecer-se. Comtudo uns e outros merecem iguaes encomios de todo o Brazileiro que se interessa pelo engrandecimento de sua patria. O arraial da Capella das Dòres conta hoje mais de quarenta familias, incluindo poucos Brazileiros que alli residem, vivendo satisfeitos e em boa intelligencia com seus visinhos; pelo que deve esperar-se um futuro ditoso para este utilissimo estabelecimento.

Caracter e costumes dos colonos.

Os colonos de S. Pedro d'Alcantara são em geral industriosos, pacificos, amantes do paiz que os abriga e inclinados ao trabalho, ao qual começam a applicar-se na mais tenra idade. Amigos do seu commodo, nada valem a seus olhos as differentes modas do trajar. Tendo a cabeça coberta e os pés agasalhados de grossas meias e impenetraveis sapatões, apparecem em todo o logar e com desembaraço, trajando vestidos talhados pelo mesmo molde de que usavam quando aqui chegarem ha perto de vinte annos.

Nenhum colono deixa de entender mais ou menos d'este ou d'aquelle officio mechanico; e a maior parte, além de fallar soffrivelmente o portuguez, sabe ler, escrever e contar no seu idioma, tendo por isso o cuidado de possuir sempre comsigo um mestre allemão para a instrucção primaria dos filhos. Muitos tambem costumam mandar os filhos frequentar escolas brazileiras.

Homens summamente francos, maximè para com os Brazileiros, conservam constantemente abertas as portas de suas casas, e ahi todos entram sem outra formalidade que a de tocar a aba do chapéo, pois

os Allemães poucas vezes o tiram da cabeça. Qualquer individuo, ainda que desconhecido seja, póde entrar na casa do colono e percorrel-a toda, sem que isto seja por elle extranhado. São amigos de passar bem, e a avareza entre elles é desconhecida; comtudo reina alli um costume, que de alguma sorte desmente a franqueza e bondade que os caracterisa, a saber: qualquer colono, comendo ou dormindo em casa de outro, tem de no dia seguinte pagar a hospedagem, salvo se é parente proximo do dono da casa: entretanto se o hospede é Brazileiro tratam-no com o maior agrado, e não lhe exigem estipendio algum. O motivo d'esta differença, dizem elles, é o antiquissimo costume do seu paiz entre a gente do campo, costume que não exercem com os Brazileiros, porque estes tambem os hospedam com affabilidade, sem que precisem pagar a comida ou aluguel da cama em que dormiram.

Torna-se digna de attenção a maneira porque um casal divide entre si os trabalhos diarios. O marido desmata, roça e planta; a mulher colhe e carrega sobre os hombros, seja qual fôr a distancia; e muitas vezes em quanto esta caminha longo espaço, gemendo sob o peso da carga, aquelle fumando em seu comprido cachimbo marcha de mãos nos bolços, até encontrar comprador aos seus generos. Os filhos de um e outro sexo, apenas deixam os desvelos maternos, começam a partilhar o trabalho de seus pais; acordam-se ao romper do dia, e tem a seu cuidado tratar dos animaes.

Nos dias em que se reunem no arraial da freguezia, depois de findos os officios divinos tratam de divertir-se ou no jogo da bola, ou dansando a favorita valsa, para o que apparece de prompto uma flauta ou clarineta, unico instrumental de que usam, e dão principio ao baile. Na grande sala, que alli sempre tem toda a casa, ainda que pequena, valsam indistinctamente sem differença de sexo ou idade. Qualquer pessôa, ainda que não pertença áquella communidade, póde entrar, e independente de convite tomar parte no divertimento. O musico é que interrompe a valsa, cessando de tocar, e logo passa a receber os donativos que cada qual lhe offerece, segundo a sua generosidade. Durante o festim esgotam-se uma infinidade de copos de

vinho, comprado ao dono da casa, que é sempre quem lucra com os bailes. Comtudo reina entre elles a mais perfeita união; a ordem jámais se altera, e se algum se embriaga vai immediatamente sobre alguma calçada pagar a Morphêo o tributo da sua intemperança. São verdadeiramente unidos entre si; para prova do que basta reflectir, que residindo elles ha tantos annos n'aquelle logar, ainda até hoje não consta que tenha havido ferimentos, roubos, ou qualquer outro attentado contra o seu similhante.

Uma grande parte d'estes colonos militaram durante a revolução européa sob as bandeiras de Bonaparte, e mostrando ainda hoje especial dedicação ás armas, entretêem o viajante com a narração de suas aventuras, onde deixam apparecer o enthusiasmo de um genio guerreiro. O nome de Napoleão é pronunciado por elles com prazer indizivel, e as salas de suas casas são ornadas de quadros representando diversas façanhas do grande homem. As suas conversações jámais versam sobre materias politicas, e nem tem, á similhança de quasi todo o estrangeiro, a mania pessima de envolver-se nos negocios politicos do paiz que os agasalha. Indifferentes á promulgação de novas leis, mudanças de auctoridades, creação de impostos e outras innovações de que é susceptivel o nosso systema de governo, cuidam sómente no seu negocio ou lavoura, e estimam a prosperidade do logar que habitam. Esta preciosa condição só por si bastaria para elles merecerem as sympathias dos Catharinenses.

Seu commercio, agricultura e população.

O commercio da colonia é hoje algum tanto consideravel, possuindo o arraial algumas casas de negocio, e varias officinas onde os introductores do gado e varios viajantes, que descem da villa de Lages, se refazem do necessario. Algumas vezes os que commerciam n'este genero é alli que vão esperar os tropeiros com o fim de effectuarem uma negociação mais vantajosa. Os colonos conduzem os seus generos em cargueiros até a um dos arrebaldes da villa de S. José,

denominado Praia Comprida. Aqui existe um não pequeno numero de Allemães, que mais inclinados ao commercio deixaram a colonia, e vieram estabelecer-se com negocio. Este é sem duvida um dos logares da villa que encerra maior commercio, e muito tem concorrido para o incremento da mesma. Conta já um grande numero de armazens, officinas, e a maior parte de seus moradores possuem lanchas, botes ou canôas, que diariamente navegam para o porto da capital, levando os generos dos colonos que descem de S. Pedro d'Alcantara. Os seus edificios tornam-se notaveis pela maneira de sua construcção ; as peças do madeiramento são encravadas umas nas outras e presas com tornos de cerne, dispensando d'esta arte toda a qualidade de pregos. O seu repartimento interior é igualmente de madeira bem trabalhada.

Os colonos ao chegar a este logar com seus cargueiros, embarcam os generos nas lanchas de que já fallámos, e transportam-nos á capital, onde vendem, abastecendo-a assim dos generos de primeira necessidade. A' tarde voltam á Praia Comprida, que poderá distar legua e meia da cidade, e recolhem-se á colonia, levando comsigo effeitos para negocio e proprio consumo.

Os generos principaes de sua lavoura são a batata, o feijão, a mandióca e o milho, de que fazem tambem excellente farinha ; cultivam igualmente a canna de assucar, e d'ella fazem aguardente. São muito amigos de criar, e por isso um dos artigos mais fortes do seu mercado é a carne de porco e manteiga, que vendem diariamente e com abundancia. Na Vargem dos Pinheiros, tres leguas acima do arraial, produz espontaneamente a verdadeira herva mate em grande quantidade ; porém como os colonos não usam d'esta bebida e talvez ignorem o seu fabrico, não tratam de admittil-a no seu mercado, e apenas algum nacional que alli reside costuma ir buscar, e depois de preparada levar em pequenos jacazes ao mercado da capital.

A população da colonia consta actualmente de 145 familias em numero de 700 almas, não contando n'este numero muitas familias que tem mudado o domicilio para as margens dos rios Biguassú,

Tejucas e Itajahy, e muitos que hoje residem na villa de S. José e na capital. Se os colonos estivessem todos reunidos no ponto para onde foram mandados, de certo poder-se-hia contar na colonia de S. Pedro d'Alcantara perto de 3000 pessôas. N'esta freguezia existe igualmente para mais de cincoenta familias brazileiras, as quaes pela maior parte compostas de lavradores diligentes, muito concorrem para o engrandecimento d'aquella. Esta estatistica foi calculada depois que por lei provincial d'este anno foram alongados os limites a léste da freguezia de S. Pedro d'Alcantara, e por isso deve discordar da que existe em poder do Exm.° presidente da provincia, tirada antes d'aquella lei.

A colonisação allemãa é a que mais convém ao Brazil.

Pela exposição que temos feito forçoso é concluir que não pequena utilidade tem tirado a provincia de Santa Catharina com o estabelecimento da colonia de S. Pedro d'Alcantara em seu territorio. Os sertões que lhe ficam ao sul e oéste tem sido descortinados pela foice de lavradores laboriosos e constantes; deixando apparecer, entre florestas de preciosas madeiras de construcção, terras proprías para liberalisar-nos todos os fructos de que abundam a Europa e a Asia. Os indigenas, que outr'ora infestavam o continente a ponto de se approximarem da capital em distancia menor de cinco leguas, hoje amedrontados pela visinhança dos colonos tem abandonado esses logares, de modo que um só já não apparece na longa estrada de 34 leguas, que communica a villa de S. José com a de Lages. Hoje o viajante caminha tranquillo, não teme a flecha do Bugre; e o lavrador habitando solitario esses sertões, goza das delicias do campo, sem receiar os perigos do ermo.

Com a sua agricultura elles tem igualmente concorrido para animar o commercio da provincia; e a abundancia de viveres se derrama por seus habitantes, principalmente na capital e villa de S. José,

aonde os colonos diariamente affluem, conduzindo os fructos de seu trabalho.

É tambem fóra de duvida que a população da provincia tem tido augmento consideravel no decurso de quasi vinte annos, que temos a ventura de possuir esta colonia, composta de individuos industriosos, pacificos, amigos do trabalho, e que longe de servir-nos de peso, pelo contrario tem concorrido em grande escala para o engrandecimento do paiz que abriu os braços para hospedal-os.

A' vista das vantagens que esta provincia tem obtido com a colonia allemãa, e attendendo-se ao admiravel progresso com que vão florescendo as de S. Leopoldo e S. Pedro d'Alcantara na provincia do Rio Grande do Sul, compostas da mesma gente, forçoso é confessar que a colonisação allemãa é a que unicamente póde utilisar ao Brazil. A provincia de Santa Catharina, pela experiencia de muitos annos, está habilitada, mais que nenhuma outra, para confirmar o principio que avançámos. N'ella se tem estabelecido colonias tiradas de differentes Estados da Europa, e qual a que tem progredido á excepção da allemãa? Onde estão as colonias francezas do Sahy, Sarda e Belgo-Brazileira? A primeira expirou no berço, e as duas ultimas estão quasi extinctas. Estas colonias vivendo em continuada lucta com os empresarios, vão-se por si mesmas definhando, e seus membros dispersos ou evadem-se, ou preferem antes soffrer na cadêa as penas da lei, que cumprir as condições do seu contracto. Portanto ainda uma vez confessamos, os Allemães são industriosos, sinceros, e a constancia que os caracterisa não os deixa desanimar á vista do trabalho. São estes os verdadeiros colonos de que o Brazil precisa, e para cujo engajamento se deve fazer os maiores sacrificios.

Quando estava já adiantado este nosso trabalho vimos com prazer desembarcar na capital d'esta provincia uma porção de familias allemãas, em numero talvez de 280 individuos, afim de estabelecerem-se parte nas terras nacionaes da armação da Piedade, e parte para formar uma outra colonia com a denominação de Santa Isabel nas immediações do Rio dos Bugres e Boa Vista, abrindo-se ao mesmo tempo uma nova estrada d'este sitio á villa de Lages. É isto sem duvida uma

prova de que o Governo brazileiro se interessa pela ventura dos povos cujos destinos lhe estão confiados. Com o estabelecimento d'esta nova colonia, e o melhoramento de vias de communicação da villa de S. José com a de Lages, sem que por isso se abandone a antiga estrada do Maruhy, cuja conservação é absolutamente necessaria ao incremento da colonia de S. Pedro d'Alcantara, e para o que a assembléa provincial de 1848 acaba de consignar uma quantia, o commercio d'esta provincia dará um passo gigantesco. Os colonos, homens activos e industriosos, prosperaráõ; e os Catharinenses, gozando das vantagens que lhes devem resultar do melhoramento do commercio e agricultura do paiz, bemdirão ainda uma vez o governo, que, conhecedor das necessidades d'esta provincia, sabe empregar os meios adequados a eleval-a ao gráo de prosperidade e grandeza a que a destinou a natureza.

Na verdade, obter-se a cultura de trinta e tantas leguas de fertilissimas terras; ver-se povoadas de um e outro lado essas estradas, por onde entra commodamente no interior da provincia o gado vaccum, cavallar e muar; encontrarem os viajantes durante a longa jornada casas de negocio, onde se refaçam do preciso, pastos para descanço das tropas, e em qualquer parte compradores aos seus generos; são sem duvida uma somma de beneficios, que formaráõ em poucos annos um manancial de riquezas para a provincia de Santa Catharina, que encerrando em si todos os elementos de grandeza, só necessita de braços que os desenvolvam.

Meios de animar a colonisação e promover o seu incremento.

Uma lei que continuando a isentar os colonos de certos onus lhes concedesse gozarem dos direitos de cidadãos Brazileiros, seria de reconhecida utilidade para o Brazil. Animados por este incentivo em occasiões de engajamento para colonisar, os estrangeiros mais espontaneamente viriam procurar as nossas terras, e então teriamos a

satisfação de ver o territorio brazileiro povoado de colonos industriosos, de braços uteis á agricultura, e não de miseraveis aventureiros, obrigados a abandonar o patrio solo pela força da necessidade, e algumas vezes para se subtrahirem á vigilancia da justiça.

Na sessão de 1848 o Ex.mo conde de Caxias, senador pela provincia do Rio Grande do Sul, solicito em promover o bem-estar de seus committentes, propoz e obteve do senado uma resolução, para que fossem considerados cidadãos Brazileiros os Allemães das colonias de S. Leopoldo e de S. Pedro d'Alcantara, estabelecidos n'aquella provincia. Foi um acto de reconhecida justiça, e que deveria estender-se a todas as colonias que no Brazil contassem um certo numero de annos em estado de adiantamento notavel, e que d'ellas colhessem vantagens as provincias em cujo territorio se achassem estabelecidas. A colonia de S. Pedro d'Alcantara, fundada ha vinte annos em Santa Catharina, apezar da emenda que nos consta offerecera á resolução o Ex.mo senador por esta provincia, não mereceu obter do senado igual concessão. Comtudo resta-nos a esperança de que algum dia o corpo legislativo, melhor informado do merito d'estes colonos, não os deixará por mais tempo privados dos direitos que assistem ao cidadão Brazileiro; pois é justo que aquelles que comnosco trabalham tenham parte tambem em nossos gozos.

A falta de sacerdotes na provincia de Santa Catharina tem sido de alguma fórma um estorvo ao melhoramento moral e mesmo material das novas povoações. A colonia de S. Pedro d'Alcantara, elevada á freguezia por lei provincial de 1844, e no anno seguinte confirmada pelo Ex.mo bispo diocesano, foi annexa á matriz de S. José, e até o presente assim se tem conservado por falta de um sacerdote a quem seja confiado o seu regimen. Todas as vezes que o vigario de S. José visita a nova freguezia, é recebido com a maior satisfação. O acolhimento respeitoso que lhe prestam, o grande concurso aos officios divinos e participação dos sacramentos, e a alegria que manifestam durante a visita parochial, são argumentos incontestaveis do quanto apreciam os exercicios da religião, e consequentemente quanto sentem a privação de um cura d'almas, que effectivamente os con-

forte com as doçuras do Evangelho, e por elles distribua os dons de que gozam todos os fieis no seio da religião catholica. A Capella das Dôres não deixa de sentir igualmente a falta de um capellão, e o mesmo acontecerá ás novas colonias que se forem estabelecendo, maximè ás que ficarem mais remotas da matriz da villa. Praza aos Céos que o governo brazileiro, considerando a religião como um poderoso elemento de engrandecimento e civilisação para os povos, não deixe de providenciar sobre a grande falta de ministros do culto que experimentam não só as colonias, como grande parte das freguezias da provincia.

Dando fim a este tosco trabalho, ficamos dirigindo ao Céo ardentes votos para que se conservem no Governo Imperial as lisongeiras disposições que tem manifestado em proteger com estabelecimentos coloniaes esta bella porção da terra de Santa Cruz; e que o Ex.^mo^ general Antero José Ferreira de Brito, seu digno presidente, que tanto se tem desvelado pela ventura dos Catharinenses durante a sua administração, continue a reclamar do Governo central aquelles meios de que a provincia por suas escassas rendas não póde dispôr, mas que são indispensaveis para o desenvolvimento dos germens de prosperidade com que a brindou a provida natureza.

Villa de S. José na provincia de Santa Catharina, em 20 de Maio de 1848.

O vigario *Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva.*

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

FR. FRANCISCO DE SÃO CARLOS.

§ 1.°

De uma excellente e honrada familia estabelecida no Rio de Janeiro descende Fr. Francisco de S. Carlos, nascido a 13 de Agosto de 1763: na sua mesma patria recebeu a educação: na idade de 13 annos entrou para a Ordem seraphica da Immaculada Conceição, estabelecida no Rio de Janeiro; cursou as aulas que possuia a Ordem, e que eram dirigidas pelos maiores talentos que existiam em seu seio: com quanto novamente creada provincia, cabia-lhe já a gloria de haver produzido grandes theologos e prégadores excellentes, cuja fama repercutia em toda a parte, e cujos nomes as chronicas da Ordem, e as diversas historias religiosas, salvaram e transmittiram aos seculos vindouros.

A Ordem seraphica da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro apresentava os gloriosos nomes de Fr. Miguel de S. Francisco (*), de Fr. Antonio de Santa Maria (**), de Fr. Christovão da Madre de

(*) Fr. Miguel de S. Francisco nasceu no Rio de Janeiro em 1698; foi theologo e prégador de fama em Portugal, na Hespanha e no Brazil. Na *Bibliotheca Lusitana* vem descripta a sua vida, e especificados alguns dos seus sermões.

(**) Fr. Antonio de Santa Maria nascêra no Rio de Janeiro em 1700. — Fr. Apolinario da Conceição na sua *Primazia Seraphica*, cap. 3.º, falla de uma importante obra sua, com o titulo de *Sermonario de varias festividades*, que merecêra elogios de todos os litteratos da epocha. — Foi lente de theologia na Bahia e formado em canones pela Universidade de Coimbra; seu nome vem tambem honrosamente commemorado por Diogo Barboza, na sua *Bibliotheca Lusitana*.

Deus (*), de Fr. Patricio de Santa Maria (**), e de Fr. Manoel do Desterro (***), nomes de grandes talentos, que ao passo que crearam para si fama, estabeleceram e firmaram o credito da sua Ordem.

Fr. Francisco de S. Carlos mostrou desde a infancia vocação para o isolamento e para o estudo: o espirito religioso estava tão solidamente edificado com sua existencia, que se póde predizer desde sua puericia que as tempestades do mundo não podiam abalar seus fundamentos, e menos modificar suas crenças profundas e sinceras: o convento lhe serviu, como o logar mais apropriado a seu genio e a seus desejos; o convento o recebeu de braços abertos, e já parecendo prever a auréola de gloria que lhe resultaria com a acquisição do joven engenho, que convencido o procurava.

Seus estudos foram taes, que os mestres conheceram immediatamente a copiosa intelligencia que animava o discipulo; na idade de 19 annos foi mandado para o convento de S. Boaventura, na villa de Macacú, o qual pertencia á Ordem seraphica: era então esta villa a primeira e a mais importante da capitania do Rio de Janeiro; situada ás margens do formoso rio que tanta riqueza e fertilidade communica á terra com suas aguas, que n'ella se entranham, continha a villa grandes edificios, numerosas casas, commercio em

(*) Fr. Christovão da Madre de Deus é nascido no Rio de Janeiro em 1630; foi o primeiro visitador e provincial da Ordem da Immaculada Conceição mandado de Lisboa para exercer esse cargo, estando lá procurador geral dos Franciscanos. O abbade Diogo Barboza trata de diversas obras muito noticiosas do Brazil, que elle escreveu, e que mereceram grande acceitação no seu tempo.

(**) Fr. Patricio de Santa Maria, nascido em Santos em 1690, é um dos irmãos de Alexandre de Gusmão. Fr. Patricio estudou na Italia, formou se em Piza, viajou a Asia, esteve em Jerusalem, publicou suas viagens em latim em 1742, em Lisboa, e algumas varias obras de controversia religiosa.

(***) Fr. Manoel do Desterro nasceu em 1652 na Bahia; foi grande prégador e lente de theologia: morreu no convento de S. Boaventura, da Ordem, na villa de Macacú, em 1706: o abbade Barboza falla de seus talentos com elogio.

larga escala, e povo em abundancia: tudo se foi e se perdeu com a epidemia febril que grassou por aquelles logares, e que reduziu a populosa villa a deserto arruinado, figurando uma d'essas cidades da Asia sobre que passára a colera de Deus, ou parecendo uma necropolis do Egypto, cuja vista é tão dolorosa ao viajante!

Alguns annos residiu em Macacú Fr. Francisco de S. Carlos, dedicado aos deveres da religião e á assidua leitura de todas as obras litterarias, quer antigas, quer modernas, aprofundando os conhecimentos de theologia e philosophia, e preparando sua voz e seus talentos para o tempo em que lhe fosse permittido desenvolvel-os: já lhe murmurava o pensamento, apontando-lhe o pulpito como o logar de sua gloria; já lhe folgueiava a imaginação, insinuando-lhe que a poesia era o anjo com quem se devia abraçar, como seu companheiro, amigo e fiel patrono: suas alegrias, seus prazeres, suas esperanças, eram todas internas, todas da intelligencia, da alma e do coração, fontes mais puras de perennes delicias, do que os objectos physicos e exteriores.

Fr. Francisco de S. Carlos folgava de ler não só as obras dos padres da Igreja latina, grega e oriental, senão tambem os escriptos de Homero, Demosthenes, Platão, Sophocles, Eschylo, Aristoteles e Lucrecio; conversava com os auctores profanos dos tempos mythologicos, e com os prophetas do christianismo e os escriptores do catholicismo: os modernos philosophos Mallebranche e Descartes, e os poetas Dante Alighieri e Milton, tornaram-se-lhe tão familiares como S. João Chrysostomo e Santo Agostinho, como á Biblia e os novos Testamentos.

Regressando ao Rio de Janeiro começou a prégar: seu nome ganhou logo popularidade; a Ordem seraphica encheu-se de orgulho, assistindo ao desenvolvimento de seu filho; o povo correu em multidão á igreja para ouvir essa voz melodiosa e encantadora, esses gestos perfeitos e nobres, essa expressão limpida, corrente e risonha, como o sorriso da Aurora, e essa eloquencia nobre e apaixonada, que revelou a immensidade do seu genio, a extensao de suas luzes, e o sincero e religioso enthusiasmo que o animava e sanctificava.

Era sua figura bella e vistosa; sua physionomia, elegante e expressiva, assemelhava-se á de S. Basilio, como no-lo pintam as antigas gravuras, e no-lo descrevem as velhas chronicas: dous olhos grandes e negros patenteavam o fogo que dentro n'alma lhe ardia; bocca rasgada e formosa deixava sahir um som como que musical, que deslisava perfeito e acabado orgão.

Em 1801 foi nomeado pela sua Ordem professor de eloquencia sagrada, confiando ella que das lições de tão grande orador nasceriam outros engenhos, que lhe fariam honra e gloria.

Em 1809 chegando ao Rio de Janeiro a rainha, o principe regente e toda a côrte portugueza, fugindo á furia do vencedor de Austerlitz, e mudando a séde da monarchia lusitana, foi Fr. Francisco de S. Carlos escolhido para prégar em presença das augustas personagens: ficou por tal maneira o principe regente D. João encantado de sua prodigiosa eloquencia, que confessou não haver ouvido igual, e nomeou immediatamente a Fr. Francisco de S. Carlos prégador da capella real, como prova do apreço que sabia dar a seus subidos talentos.

Fr. Francisco de S. Carlos passou o resto de sua vida no isolamento e solidao do claustro: logo que conheceu que lhe iam faltando suas forças, parou nos seus exercicios do pulpito, encerrou-se na sua cella, e descançou na paz e na fé do Senhor os ultimos annos que lhe restavam da existencia terrestre.

Nascido no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro falleceu em 6 de Maio de 1829, sendo sepultado na igreja do convento de Santo Antonio

§ 2.º

Muitas e variadas poesias escreveu Fr. Francisco de S. Carlos, e de tantas composições que commemora a tradição e que não viram desgraçadamente a luz da imprensa nada poderemos dizer, senão que é fama que patenteavam o grande engenho poetico de seu auctor; apenas de suas obras poeticas chegou ao nosso tempo, unica de tantas

publicada, um poema dedicado á *Assumpção da Santissima Virgem.* Fr. Francisco de S. Carlos aprimorou esta composição com todo o desvelo, carinho e amor de um filho dedicado; e mais como expressão de sua alma e signal de sua gratidão, do que para o fim de conseguir-lhe fama e renome, consentiu que fosse impressa e publicada.

O enthusiasmo, o amor e a adoração da Santissima Virgem foram os creadores d'este bello e admiravel poema, que é uma das obras mais originaes e religiosas que tem produzido o espirito humano. Eis as proprias palavras de Fr. Francisco de S. Carlos, e que lhe servem de prologo:

« A ligeira producção, que enceto, não é mais que um brinco da minha phantasia, sobre a maior solemnidade da Santa Virgem, a qual solemnidade, desde os primeiros annos, consagrei especial affecto. Porém, para mais espaçar e lisongear melhor a minha devoção, procurei dar-lhe um arremedo ou sombra de poema épico, admittindo invocação, narração e episodios. »

A' primeira vista parece arido o objecto que pretende o auctor cantar, em vista de milhões de obras que se tem escripto em louvor e gloria da Santissima Virgem (*): percorra-se, porem, com ligeira vista d'olhos o poema, e ver-se-ha metamorphosear-se esse terreno, que affigurava secco e arido, em jardim matisado das mais encantadoras flôres e dos fructos os mais saborosos: ondas de poesia, e de poesia magestosa e sublime, digna do elevado objecto por quem invoca o poeta a sua lyra d'ouro, derramarem-se sobre esse oceano, que parecia immovel: a fé, a consciencia e o enthusiasmo, ligarem-se á imaginação de Fr. Francisco de S. Carlos, revolverem-lhe as delicadas fibras, desprenderem-lhe os sublimados vôos, e como a aguia que fere os ares, e soberba para em nuvem gigantesca,

(*) José Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido na Bahia em 1701, de familia nobre, bacharel em canones, alcaide-mór de Maragogipe, secretario d'estado e guerra do governo no Brazil, e poeta estimado, publicou, em 1757, um poema á *Conceição de Nossa Senhora* que contem algumas bellezas dignas de notar-se.

além,—muito alem do espaço que alcança a vista do homem—o poeta descantar hymnos, e esses hymnos serem bellos e magnificos!

O poema divide-se em oito cantos: abre o primeiro a invocação que o poeta dirige á Virgem, a cuja presença anceia elevar seus versos.

« Oh! tu, grande signal, raro portento
Dos sec'los e do ethereo firmamento,
Nova idéa brilhante, a mais perfeita,
Do archetypo exemplar; e tão acceita,
Que chegaste a ser d'elle, — ó maravilha! —
Boa māi, linda esposa e cara filha:
Aspira os votos meus, e que meu canto
Cause á terra prazer, e ao Orco espanto.
Aspira, ó Virgem, porque cante e diga
Quanto a verdade e a devoção me obriga!
Pulchros celicultores, que os assentos
Occupaes dos sidereos aposentos;
Rubins, d'onde refracta a formosura,
Desde o berço da luz, da luz mais pura:
Vós, que mil vezes, n'esta santa empreza,
Medistes-vos co'a barbara fereza
Do cháos; e de seus monstros e tyrannos
Frustrastes as traições e negros planos:
Si por mim celebrada se sublima
Vossa Augusta Princeza, em doce rima;
Dai tambem novo ardor ao canto nosso
Que sendo por quem é, tambem é vosso!
E tu, Igreja, tu, nunca invocada,
Musa do Céo d'estrellas coroada;
N'esta via escabrosa e tão confusa,
Ah! — digna-te de seres minha Musa! »

Descreve então o poeta a partida da Virgem de Epheso para o Céo, e o recebimento que lhe fazem os Apostolos, por ordem do Eterno, sahindo-lhe ao encontro e saudando-a com hymnos de amor e de alegria: a Virgem collocada no carro de triumpho, cercada de emblemas sagrados, e no meio dos mais lindos anjinhos, é pintada perfeitamente.

« Sobre um globo de estranha architectura
Ia a unica Phenix, Virgem pura:
Leda no rosto, angelica, serena,
E da celeste unção tão rica e plena,
Que bem mostrava ser mimosa filha
D'aquelle Pai, que é todo maravilha.
Dos olhos columbinos, onde a graça
Thesouros ajuntára em nada escaça,
Mil reverbéros vivos reflectiam,
Que do seu doce culto o orbe enchiam.
O Zephiro, que alguma vez alçava
O véo aváro e rico, que occultava
Da annellada madeixa os fios d'ouro,
Ria de gosto a expôr tanto thesouro!
. . . .
. . . .
Eis d'ouro um cherubim mostrava alçada
Na dextra vingadôra flammea espada,
Ameaçando os colonos aggressores
De vir colher no vacuo Eden as flôres.
. . . .
. . . .
Tambem se via a angelica pombinha,
Emblema do alto espirito, que tinha
No bico d'ouro um raio, que tocava
Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava,
Sem que a prole do Céo, não vista empreza,
Desbote a flôr da virginal pureza.
. . . .
. . . .
Nunca o prisma ante os olhos applicado
Em lindas côres foi tão variado:
Nunca do velho Cháos a longa idade
Viu formosura tal, tal magestade;
Nem o trino poder a produzíra,
Quando do nada as aguas extrahíra. »

No segundo canto, o principe das trévas, invejoso da gloria e do triumpho da Virgem, em quanto os anjos a vão levando ao Paraiso, tenta armar terrivel conjuração em infernal conciliabulo, mas

é vencido pelo archanjo S. Miguel, que corre a destruir-lhe as ciladas: o terceiro canto esboça o quadro do Paraiso: no emprego das côres as mais formosas e delicadas, no desenho das scenas as mais brilhantes e pittorescas, revela-se a inspiração de um poeta dos tropicos lançado no meio d'este jardim do mundo que se chama Brazil, aonde nada são as obras do homem, e é tudo a natureza: os versos não se enfeitam com as ficções do Pindo e do Parnaso; em cada phrase, em cada palavra se manifesta um talento original; a imagem do Brazil apparece descripta e copiada nos quadros que esboça o auctor; e que paiz lhe poderia melhor manifestar a idéa do Paraiso do que esse, em que elle viveu e em que elle morreu?

« Ha no seio do Immenso uma paragem,
Escondida aos mortaes, do Céo imagem;
Logar santo, ditoso, sem pezares,
Onde os prazeres gyram a milhares.
Habitação da paz, solar do riso,
E com razão chamado — Paraiso.
Acolá se entrelaça com a hera
Co' o rico outono a olente primavera,
Frescos sempre os matizes da campanha
De perenne verdôr, de graça estranha;
Não adulam a vista n'estes prados
Arvoredos por ordem alinhados:
Nem marmoreas columnas soberanas
De varias ordens gregas ou toscanas.
Nem machinas hydraulicas, que as puras
Aguas deitam por varias mil figuras.
Só reina a natural simplicidade,
Que excede a arte sempre em magestade.
. . . .
. . . .
A doce manga, e em cheiro soberana,
Que imita o coração, e no galho ufana,
De um lado a crocea côr e fulvea exalta
Do luzente metal. . . . .
. . . .
. . . .
. . . .

68

De outro lado porém retrata aquella
Que o pudor chama ás faces da donzella.
Pendendo estão dos ramos verdejantes
Os cajús, á saude tão prestantes;
Uns amarellos, e outros encarnados,
Das gostosas castanhas coroados:
Do limão virginal, da aurea laranja,
Pomos d'ouro, talvez, que em vossa granja
Hesperides zelaveis. . . . .
. . . .
Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo,
Mas que tens por corôa alto penaixo,
E vestido de escamas, qual guerreiro,
Um halito bafejas lisongeiro. »

A Santissima Virgem narra, no quarto e no quinto canto, a prégação gloriosa dos Apostolos, e a perseguição que dos hereges soffreu a Igreja nos seus primeiros tempos: uma alma pura que se enthusiasma pelos grandes feitos, e se exalta pelas acções heroicas dos primeiros esteios da Christandade; uma erudição vasta e profunda da historia dos seculos que se seguiram á nova religião, que se sellou com o sangue martyr e divino de Jesus Christo; denunciam-se e evidenceiam-se n'esses dous tão historicos quanto poeticos cantos.

E para episodios, em que repouse a attenção do leitor, e ao mesmo tempo se desperte sua curiosidade, ahi está a vida sublime e dolorosa morte de Jesus Christo, revestidas de admiravel pathetico e de verdadeiro sentimento de dòr; ahi está no sexto canto a descripção da cidade do Rio de Janeiro, convertida em um dos emblemas que douram o magestoso quadro, e que attrahem os olhos e o pensamento.

« A cidade, que alli vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genio, que assi o quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do ouro, o imporio frequentado,

Aptissimo ao commercio ; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso germe airoso,
Lá de Lysia o logar mais venturoso ;
Pois dos Lusos-Brazilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçarāō outras no porvir da idade
Os trophéos, que tiverem por vaidade ;
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmoreos dar vida, aos bronzes alma:
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantis : tal que se presa
De vêr nas suas scenas e tribunas
Maior brazão, mais inclytas columnas ;
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.
Muitas serão mais dextras no compasso,
Que as linhas méde do celeste espaço :
Mas cuidar do seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei — eis d'esta a sórte.

. . . .

. . . .

Vêdes na foz aquelle, que apparece,
Ponti-agudo e escarpado ? — Pois parece
Que deu-lhe a provídente natureza,
— Além das obras d'arte — por defeza
Na derrocada penha transformado
Nubigêna membrudo, sempre armado,
De face negra e torva ; e mais si o c'rôa
Neve, e trovões e raios, com que atrôa:
Que co' a fronte no Céo, no mar os rastros
Atrevido ameaça o pégo e os astros;
Si os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, — dir-se-ia
Que era um d'esses Alcides gigante,
Que intentou escalar o Céo brilhante ;
Que das Deosas do Olympo enamorado,
Foi no mar por audaz precipitado :
E as Deosas por acinte lá de cima
Lhe enxovalham de neve a catadura.

> Do seio pois das nuvens, onde a fronte
> Esconde, vendo o mar té o horizonte,
> Mal que espreita surgir lenho inimigo,
> Prompto avisa, e previne-se o perigo. »

Segunda sublevação dos espiritos infernaes é descripta no setimo canto; segunda victoria alcança S. Miguel, á frente dos anjos e dos Apostolos; de uma vez se perdem os máos espiritos, e os negros abysmos se abrem para os devorar.

No oitavo e ultimo canto, entra a Virgem victoriosamente na cidade de Deus, e Jesus Christo a recebe nos seus divinos braços: hymnos de prazer e canticos de alegria resoam por todas as abobadas; as constellações, o mar, a terra, tudo se curva e se prostra aos pés da Santissima Virgem, tudo reconhece seu poderio.

Si bem que peque o plano do poema pela monotonia e simplicidade da concepção, e na linguagem e metrificação appareçam defeitos, devidos ao desejo immoderado da rima, não é menos este poema um verdadeiro trophéo de gloria levantado á litteratura e á patria: o pensamento geral não foi sempre igual e sempre altanado; scenas ha porém que João Milton e Frederico Klopstock não duvidariam chamar suas, e que o proprio Dante Alighieri não recusaria admirar; já quando se desenham as alegrias de anjos, já quando se forma a descripção fiel, energica e terrivel do cháos. Nas primeiras deixa-se ir o poeta pela doce melodia de sua musa, pinta com engraçada e multicôr palheta risos prazenteiros, esparge poeticas flôres em amenos e formosos campos; tudo são encantos, tudo delicias; o Paraiso tem fontes de ouro, crystallinas aguas, palacios encantados, arvores frondosas, delicados fructos, e pittorescas aves: na descripção do cháos, cobre-se o poeta com as vestes do feroz Florentino, toma as armas do soldado de Cromwell, tinge os pinceis nos horrores de Miguel Angelo, invoca a tuba altanada de Frederico Klopstock, e esboça quadros, que não podem ser excedidos em concepção, desenho e colorido.

> « N'uma horrivel prisão, que fez o Eterno
> Na mais interna furna lá do inferno,

Onde em recto Juiz sopra inflexivel
Contra os reprobos chamma inextinguivel,
Habita Lucifer: sentindo o peso
De Deus, que alli o supplanta em ira acceso.
Ė um monstro hediondo e tão disforme,
Na massa colossal do vulto enorme,
Que, si o doce repouso e a paz gozára,
Deitado duas geiras occupára;
De tão sombria e horrenda catadura,
Que faz pavor á mesma Estyge escura.
No reprobo semblante retratado
Vê-se todo o rancor de um condemnado;
Os olhos se affiguram dous cometas,
Que ardem entre duas nuvens pretas:
A bocca era, si abria, internamente
Estuante fornalha. Quando ardente
Do peito o ar pestifero bafeja,
De vivas brazas turbilhões dardeja,
Assim do Ethna o gigante, si respira,
Lavras de enxofre acceso a Jove atira;
Todo o monte convulso, si á outro lado
Revira o enorme corpo. . . . .
Não é tão feia, não, a noite umbrosa,
Que apanha o viajor em matta idosa,
Perdido entre fusís, raios frequentes,
Uivos de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular e incrivel,
Quasi sem forma, quasi indefinivel. »

É para admirar talvez, e especialmente nos nossos tempos, que Fr. Francisco de S. Carlos esgotasse tanta poesia, e tão brilhante imaginação, em um poema puramente religioso, e entretanto tão longo: hoje que predomina a mais odiosa indifferença em assumptos religiosos, hoje que todos os systemas de philosophia estão mortos, afóra o do mais desesperado materialismo; hoje que os calculos do egoismo estão na primeira plana, e nem enthusiasmo ha por Deus, e nem pela patria, como se póde comprehender a sublime e mystica inspiração de um poeta por cousas sagradas, espirituaes e misteriosas? Como entender-se o puro extasi de uma alma candida e ele-

vada, que se arroba de enthusiasmo em frente dos dogmas que nos ensina a religião catholica?

§ 3.°

O Brazil conta muitos oradores sagrados no numero dos filhos que o illustraram: a *Bibliotheca Lusitana* do abbade Diogo Barboza Machado aponta os nomes de Jesuitas e religiosos nascidos no Brazil, e que obtiveram em Portugal, na Hespanha e na mesma Italia, extraordinarios triumphos de eloquencia do pulpito. E não só na *Bibliotheca Lusitana*, senão tambem nas chronicas das diversas Ordens monasticas de Portugal, se citam muitos Brazileiros celebres pela eloquencia: era aonde podiam então attingir seus talentos; era a carreira do pulpito a mais livre que se lhes abria: examinando com cuidado estas obras, conhece-se quanto foi rica esta terra de Santa Cruz de talentos oratorios: o Brazil, no numero dos prégadores Portuguezes dos seculos XVII e XVIII, entra com pouco menos de ametade, e n'este numero figuram os primeiros engenhos. Após o celebre Jesuita Antonio Vieira, que com quanto nascido em Lisboa, respirou infante e moço os ares abençoados do Brazil, no Brazil se inspirou em muitos dos seus melhores sermões, e no Brazil morreu e se sepultou; após o padre Antonio Vieira, que é sem rival o primeiro prégador da lingua portugueza, o Bossuet dos sacerdotes Lusitanos, brilhou contemporaneo outro Jesuita, o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1627, appellidado em Portugal—Principe da oratoria ecclesiastica,— com tanta mais razão quanta o mesmo padre Vieira costumava dizer, que não era sensivel sua ausencia, quando prégava Antonio de Sá: são estes os dous mais celebres e mais antigos oradores sagrados que conta a lingua portugueza, oradores que Roma admirou, e a Italia applaudiu: entre os modernos dous gozaram tambem das honras da primeira linha; dous são tidos em conta de se poderem approximar do padre Antonio Vieira, cuja classica reputação, no entretanto, affugenta comparações e paral-

lelos; são o padre Antonio Pereira de Souza Caldas e Fr. Francisco de S. Carlos, ambos tambem naturaes do Rio de Janeiro (*).

(*) Todos os mais prégadores da lingua portugueza não são superiores aos quatro especificados; entretanto convém dizer que os Brazileiros devem ainda lembrar-se com orgulho dos nomes do bispo de Ceuta e Angra, D. Agostinho Ribeiro, nascido na Bahia em 1610; de Fr. Matheus da Encarnação Pina, nascido no Rio de Janeiro em 1687, da congregação dos Bentos; de Fr. Theotonio da Ascensão, nascido no Rio de Janeiro em 1631, e conego regrante de Santo Agostinho de Coimbra; de Fr. José da Natividade, provincial do mosteiro de S. Sebastião da Bahia, e nascido tambem no Rio de Janeiro em 1646; do Jesuita Caetano Lopes Pereira, nascido no Rio de Janeiro em 1721; de Fr. João de Seixas, dos Bentos, nascido em 1681 no Rio de Janeiro, e que brilhou em Roma pelos seus talentos, e foi nomeado pelo S. Papa Clemente XII bispo de Areopoli; do Dr. Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, vigario da freguezia da Candelaria do Rio de Janeiro, e ahi nascido em 1705; dos quatro celebres irmãos de Alexandre de Gusmão — Fr. Patricio de Santa Maria, Fr. José Alvares de Santa Maria, padre Ignacio Rodrigues e Bartholomeu Lourenço de Gusmão, nascidos em Santos; — de Fr. Roberto de Jesus, Pernambucano, e da congregação dos Bentos, nascido em 1644; de Fr. Luiz Botelho do Rosario, nascido em 1695 no Recife e Carmelita; de Fr. Manoel de Macedo, nascido em Olinda em 1603, prégador da duqueza de Mantua, cujo partido seguíra, até que feita a revolução de 1640, foi preso, condemnado, e morreu exilado nos desertos d'Africa; de Fr. João da Presentação Campelli, nascido no Recife em 1690, qualificador do Santo Officio e monge de S. Francisco; do carmelita Fr. Feliciano de Mello, nascido em Iguarassú em 1679; do padre Manoel Rodrigues Corrêa de Lacerda, nascido em Olinda em 1719, doutor em canones e theologia; do Paraense carmelita e grande philosopho Fr. Ignacio da Conceição, nascido em 1706; e dos Bahianos, Jesuitas Antonio Pereira da Camara, nascido em 1697; Caetano Dias de Figueiredo, nascido em 1697; Antonio da Costa, nascido em 1716; José Borges de Barros, poeta e theologo profundo, vigario geral em Lisboa, e desembargador da Relação ecclesiastica, nascido em 1659; José de Oliveira Serpa, nascido em 1696; Antonio da Silva, nascido em 1639; Angelo dos Reis, nascido em 1664, e discipulo do padre Antonio Vieira; Miguel Luiz Teixeira, nascido em 1716; Domingos Ramos, nascido em 1653; Francisco de Almeida, nascido na Cachoeira em 1706; João Honorato, nascido em 1690; — dos Carmelitas Fr. Antonio de Nossa Senhora do Carmo,

O padre Souza Caldas foi um prodigio no pulpito, segundo a geral tradição; o padre Souza Caldas, porém, não gozou da fortuna de legar á posteridade um só dos seus sermões, porque os escrevia e prégava, e depois abandonava-os, sem que lhe merecessem a

nascido em 1689; Fr. Eusebio de Mattos, nascido em 1712; Fr. Sebastião de Moreira Godoy, nascido em 1691; Fr. Antonio da Piedade, nascido em 1660; Fr. Manoel Angelo de Almeida, nascido em 1697; Fr. Manoel da Madre de Deus Bulhões, nascido em 1653, e Fr. Ignacio Ramos, nascido em 1658; — dos Franciscanos Fr José dos Santos Cosme e Damião, nascido em 1704; Fr Vicente do Salvador, chronista importante, um dos maiores litteratos Brazileiros, e theologo profundo, nascido em 1685; Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza, nascido em 1686, da Ordem seraphica da Bahia, poeta, theologo e prégador, sobre cujos feitos mais nos estendemos em uma nota á vida de Alexandre de Gusmão; — e dos seculares Vasco Fernandes de Azevedo, nascido em Maragogipe no anno de 1690; o desembargador Sebastião do Valle Pontes, nascido em 1663; Lourenço Ribeiro, nascido em 1648, vigario em Portugal e auctor de varias obras scientificas; desembargador João Calmon, nascido em 1668, filho do capitão de mar e guerra João Calmon, que fôra superintendente das fortificações de Pernambuco, varão illustre e distincto militar; e João Alvares Soares da França, nascido em 1676, poeta de muito engenho, e irmão de Antonio Soares da França, tambem Bahiano, que foi mestre de campo, e militar de merito; e do Mineiro Antonio Caetano Villas-Boas da Gama, irmão de José Basilio da Gama, e vigario de S. João d'El-Rei, nascido em S. José em 1738; além dos religiosos da Ordem seraphica da Immaculada Conceição, dos quaes tratámos em outra nota; e de outros muitos, cujos nomes se não podem aqui incluir: entre os modernos, o Fluminense Fr. Francisco de Montalverne, sabio e profundo philosopho, que ainda vive na solidão e isolamento da Ordem seraphica da Conceição do Rio de Janeiro, o Pernambucano padre Manoel Joaquim de Almeida Castro, que foi condemnado e executado na Bahia por haver participado nos movimentos revolucionarios de 1817, e o Fluminense Fr. Francisco de Sampaio, nascido em 1778, prégador da primeira força, e fallecido em 1830, da Ordem seraphica da Conceição, merecem muito especial menção. Fr. Manoel de Macedo, de quem fallámos acima, teve nomeada tão extensa na sua épocha, que o conde de Ericeira, —*Portugal Restaurado*, tom. 1.°, liv. 1.° — faz estrondosos elogios de seus sermões e talentos elevados; e o padre Francisco de Almeida, de quem tambem tratámos, era poeta latino de gosto e apurada erudição.

publicação. Fr. Francisco de S. Carlos deu igual sorte a muitos dos seus sermões; outros improvisava no pulpito, que não podia reduzir a escripto, porque com as palavras desappareciam as emoções, e passado o momento da predica, o orador se esquecia do seu discurso; alguns porém imprimiram-se, chegaram a nosso tempo, e são dignos de uma analyse, e dignos da fama do seu auctor.

Quão diversos porém devem parecer estes sermões escriptos e lidos agora na paz do gabinete! É a mesma linguagem, o mesmo pensamento, as mesmas idéas; mas que é do pulpito, que resoava com a voz harmoniosa de Fr. Francisco de S. Carlos, voz que os contemporaneos appellidavam de — Syrene —? Que é d'essas abobadas das igrejas, que repercutiam o som de seus magicos e eloquentes arrebatamentos? Como pintar os gestos e as vozes, que traduziam os accentos de puro enthusiasmo e religioso fervor, que espontaneamente lhe escapavam? Como descrever essa passagem das idéas do prégador para a intelligencia do povo, essas emoções que extasiavam os ouvintes, esses effeitos maravilhosos que sómente póde obter a verdadeira eloquencia, e eloquencia convencida? — O orador é dos homens de genio o mais infeliz; a melhor parte do seu talento morre com elle, com seu corpo baixa á sepultura; o que lhe sobrevive é pallida copia, que não dá perfeita idéa da sua grandeza: o orador, para poder apreciar-se, necessita da illusão da scena, do movimento do povo, e das impressões do momento, como do incenso, que sobe do thuribulo ao céo!

De inspiração sincera, de fé profunda, de verdadeiras crenças e de vastos conhecimentos, quantos admiraveis sermões não improvisou Fr. Francisco de S. Carlos? E como d'elles dar ao menos a minima idéa? A multidão que o cercava, de ouvil-o anciosa; a presença das sagradas imagens, que elle adorava; os sons compassados e ternos do orgão; as decorações que ornavam a igreja; as luzes que, como as vozes do peccador, parecem pedir perdão, levantando-se respeitosamente; todo este espectaculo, emfim, que apresenta um templo para celebrar a gloria de Deus, bastava para inspirar-lhe os mais bellos pensamentos, as mais vivas imagens, e a mais vibra-

dora e pathetica eloquencia. A palavra se lhe não negava, não lhe faltavam expressões, e sua tão rica e poderosa imaginação não o abandonou uma só vez!

Corria natural e abundante a sua practica, e o som agradavel e limpido, que lhe escapava dos labios, electrisava a multidão; unia e ligava perfeitamente a espontaneidade do genio com as exigencias da arte; ora levava detida e enfreada sua inspiração, e moderado, pacifico e elegante, agradava e extasiava: ora deixava-lhe os vôos, dava-lhe liberdade; e o brilhantismo da expressão combinava com o pathetico elevado do pensamento, e o auditorio commovido, impressionado e arrebatado, curvava-se ao prégador, acompanhava-o a seus acenos, chorava, se elle o mandava chorar.

Não ha um canto do seu espirito, uma particula da sua alma que a eloquencia não possua, e não transborde; não ha uma fibra do seu coração que ella não vibre. A eloquencia para elle é a vida, existe no seu sangue, mescla-se com sua substancia, penetra-o, inunda-o todo; suas paixões, suas crenças, suas idéas são eloquentes: do alto do pulpito, ou estigmatisasse os vicios dos homens, ou cantasse a gloria de Deus, ou descrevesse as vidas dos santos da igreja, o povo attonito o admirava, qual outro Athanasio no meio dos habitantes de Alexandria.

Para se conhecer ainda hoje, fóra do seu natural e necessario theatro, a immensidade do engenho oratorio, de que fôra dotado Fr. Francisco de S. Carlos, basta ler-se um dos seus sermões impressos, aquella funebre oração pelas exequias da rainha D. Maria I. Massillon e S. Gregorio não são mais patheticos; Bossuet, Antonio Vieira e S. Basilio não são mais sublimes; Santo Agostinho e S. Jeronymo não exaltam mais seu auditorio.

Todo este sermão é admiravel; os pensamentos superiores, a elegancia da phrase, a eloquencia das idéas e a vivacidade do estylo, se reunem e se combinam em proporções iguaes: a alma do prégador expande-se maravilhosamemte; seu coração falla em todas as palavras; sua intelligencia apparece em todas as expressões; Fr. Francisco de S. Carlos com este sermão funebre toma logar entre os mais reputados e conhecidos prégadores de todas as modernas nações.

O exordio é completo, a narração poetica, e a peroração cobre-se de um aspecto melancolico, mas não d'essa melancolia sem allivio e sem esperança, negra e horrivel como o somno do moribundo. Não se diz ao peccador, que treme, que anceia e que se curva, como exclamava o poeta Florentino — Deixai toda a esperança (*). Pelo contrario, uma como que atmosphera de dôr dentro n'alma deposita succulenta consolação, sentimento inexprimivel de pathetico, que arranca lagrimas dos olhos, mas que as deixa largamente correr, sem lhes seccar a fonte. Ha esperança em Deus, fé na sua justiça e misericordia, e convicção intima do prégador: o que comparar-se a esta exclamação final? — « Agora que organisados os nossos exercitos, os Portuguezes despertavam do seu lethargo, e começavam a mostrar que não tinham degenerado dos Pachecos, dos Albuquerques e dos Castros, nem d'aquelles atrevidos argonautas, que arrancavam das mãos do gigante das tormentas as chaves com que fechavam as portas da aurora, e que o vestido de gloria, que os trajava no seculo XVI, ainda se não tinha rompido no seculo XIX; agora que não tendo mais com quem combater dentro do reino, levaram sobre seus hombros a imagem da victoria em soccorro dos alliados visinhos; agora que marchando até ás portas do usurpador, (**) derribaram seu throno regicida, e lhe dictaram lei na sua mesma capital; parece que assim como foi necessario que todo o mundo se apaziguasse para nascer o seu Redemptor para a terra, foi tambem necessario que se apaziguasse toda a Europa para ella (***) nascer para o Céo. Ella viu formar-se a revolução no seu reinado, sempre intacto no sagrado de sua pessôa; assim como a santa Igreja vê nascer em seu seio as heresias, sempre a mesma e illesa nos seus dogmas. Assim viviamos, quando.... E direi eu, Portuguezes, aquelle susurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam como ave de máo agoiro?.. Aquella voz surda, que sahia pela bocca do

(*) Lasciate ogni speranza, voi chi entrate.

(Verso de DANTE ALIGHIERI no canto 1.º do seu *Inferno*.

(**) Napoleão.

(***) D. Maria I.

povo e que dizia, como em segredo — Nossa Rainha está mal — nossa Rainha perece — morre! — Oxalá que não fôra! Verificou-se! — Morreu! Aqui a tendes morta! — Morta? — Eu me reporto — não — viva, porque os justos não morrem! — Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impedia-lhe ver o seu Deus sem enigmas; era necessario que olhos, que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem aquella formosura sempre antiga e sempre nova, como diz Santo Agostinho. Bate pois as azas, ó pomba, solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia dos teus triumphos! Ergue o collo altivo; remonta os vôos, atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração do teu Jesus, cujas ingratidões nos peccadores tanto magoaram o teu. Recebe o sceptro que elle te ha preparado: mas que sceptro? Uma vara arrancada de uma arvore despojada de suas folhas, privada de fazer sombra, a quem o artista dando-lhe um verniz de ouro, não lhe tirou a condição de corromper-se? Não. — É este sceptro da virtude de Deus, que o Senhor envia de Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reino, em que teu Deus te mette de posse; mas que reino? — O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue nos campos de Ourique, que no quarto seculo de sua fundação esteve em perigo de ser a herança dos extranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agora um atrevido repartia sem ser o dono? — Não. — É este reino que não tem fim; *et regni ejus non erit finis*. — Recolhe emfim a corôa, que te é reservada pelo justo juiz. — Que corôa? — D'isto que se chama ouro, a quem um falso brilhantismo dá o merecimento, e a avareza o preço? D'estas pedras chamadas ricas, que brilham com a claridade emprestada do sol, e para dizer tudo, terra e mais terra? — Não: a recompensa e a corôa é o mesmo Deus recompensador! »

Eis-aqui verdadeira e magica eloquencia! Eis-aqui pensamentos dignos dos padres primitivos da Igreja christãa! Eis-aqui idéas que se não perdem como o sopro, que não fogem como a palavra, mas que germinam, que dão fructos, que se conservam eternamente!

J. M. Pereira da Silva.

Amigo e Sr. Dr. Lagos.

Como me disse que está imprimindo a biographia do padre mestre S. Carlos, tal qual a escrevêra o auctor do ***Plutarco Brazileiro***, rogo-lhe que accrescente em fórma de nota supplementar, ou como mui bem lhe parecer, as seguintes idéas que colhi no convento de S. Antonio, não só da bocca do nosso illustre socio honorario o padre mestre Monte Alverne, como do defunto padre mestre Sampaio e outros, com quem tive a gloria de praticar no tempo em que aquella Ordem era um viveiro de homens illustres. Conheci o padre mestre S. Carlos, ouvi-o prégar uma só vez, e ainda conservo a lembrança d'aquelle homem superior, d'aquelle membro do triumvirato oratorio, que tanto ennobreceu aquella casa: o padre mestre S. Carlos era a graça deslisando com toda a espontaneidade por um caminho de flôres, em quanto que o padre mestre Sampaio era a belleza circumdada de todos os atavios da eloquencia; a estes dous homens se ajuntava o padre mestre Monte Alverne, escudado da força da philosophia e da austeridade dos padres da igreja. Estas lembranças me entristecem muito porque amo os frades, e devo ser grato aos serviços que as Ordens religiosas tem prestado á civilisação do velho e novo mundo. Vamos ao caso.

Logo depois da publicação do poema da *Assumpção da Virgem*, varios criticos deram ao auctor a sua opinião, e levado das considerações de illustres religiosos, do Ledo, Januario e outros litteratos, o padre mestre S. Carlos começou a refundir a sua obra, preparando-a para uma nova edição. Adoeceu, soffreu por algum tempo, esperando melhoras, mas ao fim foi levado para a enfermaria do convento, aonde findou seus dias como costumam os religiosos, e muito mais um homem d'aquella esphera e de uma inqualificavel modestia.

Na ultima visita que lhe fez o padre mestre Monte Alverne, já quando o poeta encarava a morte com toda a resignação, rolou

a conversação sobre o seu poema, sobre as criticas que soffreu; e n'esta mesma circumstancia disse o illustre moribundo—que levava o pezar de não ter podido reimprimir a sua obra com todas as alterações que lhe fizera, não só no todo, como em muitas partes, pois havia composto alguns episodios e augmentado outros.

E n'isto todo tremulo se debruça, cava debaixo do travesseiro, e tira um volume e mostra-o ao seu amigo: era o da primeira edição, todo riscado, emendado, escripto á margem, intercalado com folhas manuscriptas e augmentado com caderninhos do mesmo formato, tudo escripto pelo proprio punho e nitidamente feito e prompto para sahir á luz da imprensa.

« Eis-aqui o meu poema, diz elle ao meu amigo. Possa esta obra
« dar algum realce á nossa ordem no Brazil. Sinto morrer sem mos-
« trar que fui docil á opinião dos amigos e criticos que me honra-
« ram. Eis-aqui uma obra, cuja historia é simples mas curiosa,
« porque nasceu debaixo de inspirações alheias ao apparecimento
« d'estas creações: aqui nada houve de profano, nada do que per-
« tence ao seculo.

« Na minha primeira guardiania, que pouco ou nada me dava a
« fazer, comecei por devoção e desenfado a compor alguns hymnos
« á Nossa Senhora: era uma pura devoção. Depois de haver borrado
« algum papel, senti o innocente desejo de unir todos aquelles can-
« tos em um todo, e dar-lhe uma fórma mais ampla e mais digna
« da minha devoção: d'est'arte empregava o meu tempo nobremente,
« encurtava-o com o trabalho, e tinha mais um vehiculo por onde
« fizesse sahir as emoções de minha alma, e mesmo o amor da pa-
« tria; não havia idéa de poema, e muito menos de publicação.

« A obra foi crescendo, e á proporção que avultava foi-me tam-
« bem crescendo o desejo de a embellezar com algumas descripções
« brazileiras, com algumas pinturas do nosso bello paiz: mostrei-a,
« quando regressei a esta casa, a alguns de nossos bons e illustrados
« companheiros; mostrei-a tambem a alguns distinctos seculares,
« e todos me animaram a progredir e a publical-a: levei n'esta pu-
« blicação mais o desejo de testemunhar a minha devoção á Virgem

« Nossa Senhora, do que o amor da gloria mundana; e vós bem o
« sabeis, pois a minha vida foi o fiel retrato da minha alma.

« Arrependi-me de a ter publicado, porque eu fui o primeiro a
« conhecer suas imperfeições logo que sahiu á luz, e muito mais la-
« mentei a minha precipitação quando ouvi a opinião dos sabios:
« já era tarde. O que fazer para desfazer um erro. Melhoral-a; e fiz
« quanto pude para isso, como se vê ahi. Os Gregos quando escre-
« viam nas suas obras — Faciebat — tinham toda a razão; porque
« as obras d'arte nunca se acabam, e o homem morre fazendo-as;
« ha sempre que corrigir, ha sempre incertezas e mui fundadas des-
« confianças da propria capacidade.

« Aqui está um filho que me fez passar dias mui felizes e tor-
« mentosos durante a sua formação; aqui está a sentença terrivel do
« que eu fui na terra, e o documento da minha incapacidade. Não
« me arrependo inteiramente de o ter escripto, porque n'elle está o
« nome da minha Santa Virgem, porque n'elle ha o meu amor pela
« minha patria. Não o posso imprimir; seja feita a vontade de Deus. »

O padre mestre Monte Alverne acudindo ao seu desejo, e pene-
trado dos sentimentos de uma nobre amizade e do lustre da sua Or-
dem, pediu-lhe o poema para publical-o immediatamente, protes-
tando-lhe todo o seu empenho e brevidade na sua boa execução.

« Está dado, responde-lhe o moribundo, e eu vos agradeço, meu
« bom amigo; está dado á minha irmãa, e não posso arripiar carreira,
« nem desfazer o que me dictou o coração n'um dia bem triste.

« Talvez que ella possa haver algum lucro d'este meu trabalho,
« porque o Brazil independente não é o que foi: o que agora sinto,
« já o disse nos meus versos, e o disse inspirado pela Virgem, que
« foi sempre a minha musa. »

Morto o poeta, passou o manuscripto ás mãos de sua legitima her-
deira, tal qual elle o tinha dentro de um sacco de seda encarnada,
e muito bem encadernado.

O conego Januario, de sempre feliz memoria para as lettras brazi-
lias, perguntando ao padre mestre Monte Alverne por aquella obra,
soube d'este religioso qual fôra o seu destino.

Procurou a irmãa viuva do poeta, e offereceu-se para a publicação da obra, ficando ella com todos os lucros da empreza; mas aquella Senhora não quiz, e em vez d'esta generosa offerta propôz a venda do poema pela quantia de doze contos de réis, pensando talvez que a sua impressão daria mais que isso.

A' vista do exposto o conego recuou por todas as razões obvias.

Sei que essa Senhora foi para a provincia de S. Pedro, mas não sei para que logar, e se hoje é viva ou morta.

Qual será o destino, ou qual terá sido a sorte do poema da Assumpção em uma terra como a nossa, aonde se póde dizer francamente, e por factos constantes e recentes, que as tabernas e confeitarias são os frequentes depositos dos manuscriptos e dos titulos preciosos da nossa historia? O meu amigo sabe que já comprei assucar embrulhado n'um diploma de senador, e com a assignatura do Fundador do Imperio; e que não é raro vir manteiga envolvida n'uma carta de conselho, ou em papeis de alta monta: e isto não é só aqui, paiz novo, terra do positivo concreto; tambem lá pela Europa acontece o mesmo; os homens são iguaes em toda aparte.

Os sermões do grande Sampaio andam por ahi repetidos por officiaes da oratoria; os do nosso bom conego Januario foram vendidos pelo portador, que os levou, a quatro e seis mil réis! É immenso o catalogo de obras perdidas! Imprima tudo o que tiver, porque alem da traça, bicho e cupim, temos a indifferença, que é o peior de todos os insectos máos.

M. de Araujo Porto Alegre.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

Extracto das actas das sessões do 4.º trimestre de 1848.

201.ª SESSÃO EM 5 DE OUTUBRO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.^{mo} SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Ás 5 horas e meia da tarde abre-se a sessão, e depois de approvada a acta da anterior, o 2.º Secretario passa a dar conta do expediente fazendo leitura dos seguintes officios:

« Ill.^{mo} Sr. Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — A maneira extremamente lisongeira e honrosa com que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro se dignou de acceitar a primeira offerta, que tivemos a satisfação de fazer-lhe no anno passado, de obras por nós publicadas, nos anima a lhe offerecer hoje os livros novos seguintes, que depois d'aquella primeira remessa sahiram dos nossos prélos, a saber:

« *Aventuras maravilhosas do cavalleiro Huol.* 1 vol.

« *Diccionario do bom gosto.* 1 vol.

« *Duas filhas*, drama. 1 vol.

« *Hernani*, drama de Victor Hugo, traduzido por Francisco José Pinheiro Guimarães. 1 vol.

« *Museu pittoresco, historico e litterario.* 1.º vol.

« *Alvará* de 10 de Outubro de 1754. 1 vol.

« *Conselheiro fiel do povo.* 2 vol.

« *Livro do Destino.* 1 vol.

« *Parnaso Brazileiro.* 2.º vol.

« *Arte nova de conservar a vista.* 1 vol.

« *Guia homœopathico dos fazendeiros.* 1 vol.

« *Manual de hydro-sudo-therapia.* 1 *vol.*

« *Anjo custodio.* 1 *vol.*

« *Collecção de proverbios e anexins.* 1 vol.

« *Novo Manual epistolar.* 1 *vol.*

« Eis-aqui, Ill.^mo^ Sr., as obras com que este anno contribuimos para o augmento da litteratura nacional, e que gostosos offerecemos ao Instituto, fazendo votos que os nossos collegas imitem o nosso exemplo, com que ficariam archivadas de anno em anno todas as publicações brazileiras no Instituto, que tomou por uma das suas gloriosas tarefas não sómente de protejer e perpetuar as patrias lettras, como de conservar os testemunhos materiaes do seu adiantamento.

« Temos a distincta honra de ser, com toda a consideração, de V. S.ª, &c. *E. e H. Laemmert.* »

Officio datado da villa de S. José do Norte pelo Rev. vigario o Sr. Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, enviando um trabalho de sua penna com o titulo de *Memoria historica sobre a colonia allemãa estabelecida na provincia de Santa Catharina.*

« S. Petersburgo 25 de Janeiro de 1848. — Ill.^mo^ Sr. Secretario do Instituto. — Tendo sido convidado a assistir a algumas sessoes da Academia Imperial de Sciencias d'esta capital, perguntei se o Instituto não estava em correspondencia com ella; e tendo-me assegurado o Secretario que não, tomei sobre mim começar as relaçoes communicativas entre as duas corporaçoes, e escrevi ao dito Secretario na qualidade de membro, dando-lhe parte: 1.º que sob o reinado de Sua Magestade o Imperador Senhor D. Pedro II se tinha organisado esta associação, que fazia suas sessões no paço; 2.º que Sua Magestade o Imperador era o presidente protector; 3.º que V. S.ª era o Secretario perpetuo; 4.º que eu podia affirmar á Academia que o Instituto, em devido tempo, lhe tinha dado parte de sua installação, e que a difficuldade de correspondencia directa era causa de não ter cá chegado a competente participação; e ultimamente, para comprovar a existencia d'essa associação, remetti ao Secretario a collecção de jornaes que V. S.ª me deu quando d'ahi parti. A resposta que tive é a que V. S.ª achará junta, e d'ella verá que a Academia

ainda não deliberou, e que já o Secretario começa a mimosear o Instituto, e não remetto agora tudo quanto me mandou, por estar fechada a navegação, e o farei logo que se abrir. Resta que o Instituto, approvando o passo que dei, não deixe esfriar o fogo com que foi acceita a proposição que fiz. V. S.ª poderá, por via da Legação Russa d'ahi, ou do Consulado, fazer chegar á Academia de S. Petersburgo os productos do nosso Instituto, e relacionando-se com esta legação, seja eu ou outro o chefe, poderá receber os d'ella. Entre as academias da Europa, esta é uma das mais respeitadas pelas outras. A immensidade d'este imperio, abrangendo parte da Europa e da Asia, explorada scientificamente, como é, deve reflectir muita luz para o nosso infante Instituto, e elle a deverá espalhar pelo Brazil.

« Deus guarde a V. S.ª Legação Imperial em Petersburgo. — Seu consocio muito attencioso e respeitador *Paulo Barbosa da Silva.* »

« Traducção. — Academia Imperial das sciencias da Russia. — S. Petersburgo 10/22 de Janeiro de 1848.—O Secretario perpetúo da Academia a S. Ex.ª o Sr. general Barboza da Silva, ministro do Brazil na Russia. — Meu general. O interesse esclarecido que V. Ex.ª dignou-se de tomar nos trabalhos de nossa Academia me anima, antes da publicação do ultimo relatorio cuja leitura ouvistes, a vos dirigir n'esta occasião os dos cinco annos decorridos de 1842, épocha da reunião da Academia das sciencias com a da lingua russiana.

« Junto a esta missiva, para a Academia do Rio de Janeiro, a Collecão das actas das sessoes publicas dos mesmos annos, e igualmente oito volumes de um jornal scientifico publicado pela Academia. Posteriormente vos remetterei tambem as Memorias de nossa Academia com a resposta official aos offerecimentos benevolos que contém vossa carta datada de hontem.

« Recebei, meu general, a homenagem dos sentimentos respeitosos com que sou de vossa Ex.ª, &c. »

Resolve o Instituto que na fórma costumada o Sr. 1.º Secretario agradeça as dadivas acima referidas, endereçando á commissão de redacção a Memoria sobre a colonia de S. Pedro de Alcantara; e outrosim que se officie ao Sr. Secretario perpetuo da Academia Real dos

sciencias da Russia, participando-lhe o que Instituto muito se congratula de entrar em correspondencia fraternal com uma corporação tão respeitavel, á qual offerece todos os serviços e esclarecimentos ao seu alcance, comprommettendo-se tambem a enviar-lhe regularmente as suas publicações.

Passa-se depois á discussão de propostas, as quaes ficam adiadas. Levanta-se a sesão ás 7 horas da noite.

202.ª SESSÃO EM 19 DE OUTUBRO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A's 6 horas da tarde, aberta a sessão, é lida e approvada a acta da anterior.

Expediente. — Officio do socio correspondente o Sr. João José de Souza Silva Rio, offerecendo para a bibliotheca do Instituto a *Historia civil del Paraguay, Buenos-Ayres y Tucuman*, pelo Dr. Gregorio Funes, comprehendendo a celebre revolução do Perú, por José Gabriel Tupac-Amarú, 3 vol.

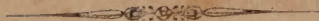
A esta obra acompanhou o manuscripto: *Relação das matas das Alagoas que tem principio no lago do Pescoço, e das que ficam ao norte d'estas até o rio Ipojuca, distante dez leguas de Pernambuco*; por Jose de Mendonça de Mattos Moreira. 1809.

O Sr. 1.º Secretario communica haver dado principio á impressão dos discursos lidos nas sessões publicas ultimamente celebradas pelo Instituto, discursos que reunidos a outros manuscriptos devem formar o quarto tomo da 2.ª serie da *Revista trimensal*, conforme foi resolvido em sessão de 9 de Dezembro de 1847.

Entrou em discussão a proposta do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo para que se crie no Instituto uma commissão central, coadjuvada por outras filiaes nas provincias ou commissarios, que se encarreguem da historia particular das cidades, villas, etc. do Brazil. — Depois de muito debatida, foi adiada.

Havendo-se julgado digna de attenção a idéa apresentada pelo 2.° Secretario de discutir-se como objecto de ordem do dia d'algumas sessões — qual a influencia que sobre a civilisação do paiz tem exercido os differentes membros do Instituto fallecidos, que por sua illustração foram considerados pelo publico — decidiu-se como mais conveniente tratar em separado d'esta questão, e que na reunião seguinte seria a ordem do dia determinar-se qual o methodo a seguir na discussão d'estes assumptos.

Por proposta do Sr. Presidente resolve o Instituto conservar-se em ferias durante os tres mezes mais calmosos do anno, podendo todavia o Sr. Secretario convocar reuniões extraordinarias n'esse espaço, quando assim o julgue conveniente.

Não havendo mais nada a tratar-se, levanta-se a sessão.

INDICE

DOS ARTIGOS CONTIDOS NO 3.° VOLUME DA 2.ª SERIE.

NUMERO 9.

Numero 10.

Paginas.

Numero 11.

Paginas.

NUMERO 12.

Rio de Janeiro. 1849. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.